

CAPÍTULO GERAL 25
DOS SALESIANOS DE DOM BOSCO

A COMUNIDADE SALESIANA HOJE

Documento Capitular

CG 25



Roma, 24 de fevereiro a 20 de abril de 2002

atos

do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

Nº 378
ano LXXXIII
junho de 2002

Órgão oficial de animação e
de comunicação para a
Congregação Salesiana

DOCUMENTOS DO CAPÍTULO GERAL 25 DA
SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES

EDITORA SALESIANA
Rua Dom Bosco, 441 – Mooca
03105-020 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3277-3211
Fax: (11) 3271-5637/3209-4084
vendas@editorasalesiana.com.br
www.editorasalesiana.com.br

Sumário

ABREVIACÕES E SIGLAS	8
APRESENTAÇÃO	11
1. Os Atos do CG25	11
2. O texto capitular	12
3. O acontecimento do CG25	16
4. O empenho do sexênio	18
Primeira Parte	19
A COMUNIDADE SALESIANA HOJE	21
INTRODUÇÃO	21
I. VIDA FRATERNA: DOM E PROFECIA DE COMUNHÃO	26
A. CHAMADO DE DEUS E APELO DOS JOVENS	26
B. SITUAÇÃO	27
C. DESAFIOS	28
D. ORIENTAÇÕES OPERATIVAS	29
II. TESTEMUNHO EVANGÉLICO	32
A. CHAMADO DE DEUS	32
B. SITUAÇÃO	35
C. DESAFIOS	37
D. ORIENTAÇÕES OPERATIVAS	38
Primado de Deus e partilha da experiência espiritual	38
Zelo pela graça de unidade	39
Testemunho comunitário do seguimento radical de Cristo	39
Centralidade da obediência	39
Pobreza concreta	40
Esplendor da castidade	41
III. A PRESENÇA ANIMADORA ENTRE OS JOVENS	42
A. CHAMADO DE DEUS	42
B. SITUAÇÃO	44
Presença que acolhe e constrói comunhão	44
Presença que educa e evangeliza	45
C. DESAFIOS	47
Presença que acolhe e constrói comunhão	47
Presença que educa e evangeliza	47
Presença que acompanha e se torna proposta vocacional	49

D. ORIENTAÇÕES OPERATIVAS	49
Presença que acolhe e constrói comunhão	49
Presença que educa e evangeliza	51
Presença que acompanha e se torna proposta vocacional	53

IV. A COMUNIDADE SALESIANA: LUGAR

PRIVILEGIADO DE FORMAÇÃO E ANIMAÇÃO	56
A. CHAMADO DE DEUS	56
B. SITUAÇÃO	57
C. DESAFIOS E ORIENTAÇÕES OPERATIVAS	60
1. A Comunidade: lugar de formação e animação	60
Desafios	60
Orientações operativas	60
Para realizar tudo isso se propõe:	62
2. Diretor: animador da comunidade	64
Desafios	64
Orientações operativas	65

V. CONDIÇÕES ORGANIZATIVAS

E ESTRUTURAIS PARA VIVER	
E TRABALHAR JUNTOS	68
A. CHAMADO DE DEUS	68
B. SITUAÇÃO	69
C. DESAFIOS	70
D. ORIENTAÇÕES OPERACIONAIS	71
1. Trabalhar segundo um projeto comunitário	71
2. Garantir a consistência qualitativa	
e quantitativa da Comunidade salesiana	73
3. Redefinir a relação Comunidade e Obra	75
4. Elaborar e avaliar o Projeto Orgânico Inspetorial	77
CONCLUSÃO	78

Segunda Parte	81
---------------------	----

A AVALIAÇÃO DAS ESTRUTURAS

DE ANIMAÇÃO E DE GOVERNO CENTRAL	82
INTRODUÇÃO	82
1. Relacionamento e ligação entre o Reitor-Mor	
com o seu Conselho e as Inspetorias e Regiões,	
e modalidades de animação e de governo	83

2. Os Conselheiros de Setor 89
3. Os Conselheiros regionais e os grupos de Inspetorias 92

DELIBERAÇÕES E ORIENTAÇÕES REFERENTES

ÀS CONSTITUIÇÕES E REGULAMENTOS E

O GOVERNO DA SOCIEDADE 97

1. LIMITAÇÃO DA PERMANÊNCIA NO
CARGO DE REITOR-MOR (C 128) 98
2. LIMITAÇÃO DA PERMANÊNCIA NO CARGO
DOS MEMBROS DO CONSELHO GERAL (C 142) 99
3. ATRIBUIÇÃO DO SETOR DA FAMÍLIA SALESIANA
AO VIGÁRIO DO REITOR-MOR E CONSTITUIÇÃO
DO CONSELHEIRO PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL
(C 133. 134. 137) 101
4. MODIFICAÇÃO DO ARTIGO 24
DOS REGULAMENTOS GERAIS 103
5. DIVISÃO DO GRUPO DE INSPETORIAS
AUSTRÁLIA-ÁSIA 104
6. ORIENTAÇÃO OPERATIVA SOBRE AS MODALIDADES
DE REALIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS GERAIS 105

Mensagens 107

1. O CG25 AOS IRMÃOS SALESIANOS
ACOLHAMOS A GRAÇA QUE NOS FOI DADA
NA BEATIFICAÇÃO DO SALESIANO
COADJUTOR ARTÊMIDES ZAT'TI 108
2. O CG25 À FAMÍLIA SALESIANA 112
3. MENSAGEM AOS JOVENS 116
4. APELO PARA SALVAR OS JOVENS DO MUNDO 118

Anexos	121
ANEXO 1	
MENSAGEM DE S. S. JOÃO PAULO II PARA O INÍCIO DO CAPÍTULO GERAL 25	122
ANEXO 2	
DISCURSO DO CARDEAL EDUARDO MARTÍNEZ SOMALO, PREFEITO DA CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA	128
ANEXO 3	
DISCURSO DO VIGÁRIO GERAL, P. LUC VAN LOOY, NA ABERTURA DO CG25	136
1. O Caminho pós-conciliar	137
2. O tema do CG25 perante os desafios de hoje	139
3. Algumas perspectivas	145
CONCLUSÃO	150
ANEXO 4	
SAUDAÇÃO DO REITOR-MOR EM HOMENAGEM AO SANTO PADRE POR OCASIÃO DA AUDIÊNCIA PONTIFÍCIA	151
ANEXO 5	
DISCURSO DE S. S. JOÃO PAULO II NA AUDIÊNCIA AOS CAPITULARES DE 12 DE ABRIL DE 2002	155
ANEXO 6	
“BOA-NOITE” DO P. PASCUAL CHÁVEZ NO DIA DA ELEIÇÃO PARA REITOR-MOR	157
1. Agradecimento	157
2. Uma surpresa	158
3. O perfil	158
4. O programa sexenal	159
5. Um percurso veloz	159
6. Em continuidade com os últimos Reitores-Mores	160
7. O meu desejo	161

8. Uma nova fase	161
8. A minha atitude hoje	162
9. Entrega a Nossa Senhora	163

ANEXO 7

DISCURSO DO REITOR-MOR

P. PASCUAL CHÁVEZ VILLANUEVA

NO ENCERRAMENTO DO CG25	164
1. A Comunidade Salesiana Hoje	166
2. A avaliação do funcionamento das estruturas centrais de governo	171
3. A hora que vivemos	173
3.1 O contexto social e cultural da secularização, globalização e fragmentação	174
3.2 O contexto eclesial da Novo Millennio Ineunte	175
3.3 O contexto religioso da refundação carismática	177
4. A meta do CG25	180
4.1 A renovação espiritual de cada salesiano	183
4.2 A consistência da comunidade	183
4.3 A re-significação da presença	184
4.4 A qualidade da proposta educativo-pastoral	184
4.5 A formação do salesiano	185
5. O dom das beatificações	186
6. Confiados em sua Palavra, fazer-se ao mar alto	187
7. Com Maria nosso auxílio	189
ÍNDICE TEMÁTICO ANALÍTICO	191

ABREVIACÕES E SIGLAS

Documentos eclesiais

GS	Gaudium et Spes
NMI	Novo Millennio Ineunte
VC	Vita Consecrata

Siglas respeitantes à Congregação e à Família Salesiana

ACG	Atos do Conselho Geral
AJS	Articulação da juventude salesiana
ANS	Agência de notícias salesiana
CEP	Comunidade/s Educativa/s Pastoral/ais
CG	Capítulo/s Geral/ais
CG19	Capítulo Geral 19
CGE	Capítulo Geral Especial (20)
CG21	Capítulo Geral 21
CG22	Capítulo Geral 22
CG23	Capítulo Geral 23
CG24	Capítulo Geral 24
CI	Capítulo/s Inspetorial/ais
CIF	Comissão inspetorial para a formação
C	Constituições SDB
EJS	Espiritualidade Juvenil Salesiana

FMA	Filhas de Maria Auxiliadora
FS	Família Salesiana
MB	Memorie Biografiche
MJS	Movimento Juvenil Salesiano
PEPS	Projeto Educativo Pastoral Salesiano
R	Regulamentos Gerais
SDB	Salesianos de Dom Bosco

APRESENTAÇÃO

Caros Irmãos,

estamos iniciando um novo sexênio, que coincide com os primeiros anos do terceiro milênio. Fazemo-lo convencidos de que o 25º Capítulo Geral (CG25) foi uma graça de Deus e motivados por seu convite de fazer-nos ao mar alto da realidade deste mundo. O convite a “fazer-nos ao largo” não é um simples *slogan*, vazio de conteúdo; é um programa de ação. Assim o entendeu o mesmo P. Vecchi, que no-lo deixou como testamento espiritual em sua última Estréia. Não é tempo de saudades ou recordações. É, ao contrário, tempo de esperança e de futuro, tempo que convoca a afrontar com audácia os desafios da educação e da evangelização dos jovens.

Não se ignoram os perigos que encerra o mar aberto, mas animamos nesta aventura a Palavra do Senhor que nos chama a “lançar as redes” onde quiçá a pesca é mais abundante. Tendo, a seguir, a Palavra como viático para o caminho, dispomo-nos a olhar para a frente e a fazer-nos ao largo, com renovado entusiasmo espiritual e apostólico.

1. Os Atos do CG25

Apresento-vos os Atos do 25º Capítulo Geral, que nos oferecem um material precioso para a renovação da nossa vida e da nossa ação educativo-pastoral. Compreendem, na primeira parte: a introdução,

os cinco módulos operativos e a conclusão daquilo que foi o tema principal do Capítulo; e, na segunda parte: a avaliação das estruturas de animação e do governo central. Vêm depois as deliberações e as orientações que se referem às Constituições e Regulamentos, e ao Governo da Congregação, com a interpretação prática dos textos da nossa Regra de vida.

Achareis, além disso, as Mensagens enviadas pelos capitulares aos Irmãos sobre a vocação do salesiano coadjutor, à Família Salesiana, aos jovens, juntamente com um apelo para salvar os adolescentes e jovens do mundo.

À maneira de Anexos, acrescentam-se os discursos e mensagens de saudação, alguns dos quais especialmente ricos de significado, como os do Santo Padre no início do Capítulo e durante a audiência, o de sua Eminência o Cardeal Prefeito da Congregação para os Institutos de vida consagrada, o discurso inicial do Vigário do Reitor-Mor, a primeira “Boa-noite” do Reitor-Mor e o discurso final.

Trata-se de um conjunto de documentos que recolhem o fruto da reflexão dos Capítulos inspetoriais e do CG25.

2. O texto capitular

A Assembléia capitular assumiu com decisão a tarefa traçada pelo Reitor-Mor na carta de convocação do CG25, na qual convidava não tanto a repetir a já conhecida doutrina sobre a comunidade, mas antes a encontrar “caminhos eficazes para novamente motivar as comunidades e manifestar, com simplicidade e clareza, a identidade religiosa nas novas situações; a determinar as condições ou critérios essenciais que permitam, ou melhor, estimulem a viver de modo feliz e humanamente significativo, a nossa professada fraternidade no seguimento de Cristo”.¹

Seguindo as indicações da Presidência e do Regulador, o trabalho das comissões e da assembléia foi-se orientando, com sempre

¹ Juan E. Vecchi, *A caminho do Capítulo Geral 25º*, ACG 372, pp. 15-16.

maior clareza, para a elaboração não tanto de um documento orgânico, articulado, mas de *fichas de trabalho* independentes, à maneira de *módulos operativos*. Deste modo, o mesmo gênero literário do texto capitular é uma chave de leitura para entender a maneira como deve ser incorporado: como um texto claramente operativo. Isto não significa que o texto tenha sido destituído de todo fundamento teológico. Este aparece de fato fortemente concentrado no início de cada uma das fichas, enquanto estas, em sua maior parte, se concentram nos desafios e nas orientações operativas.

Parece-me oportuno sublinhar aqui alguns aspectos que podem ajudar a leitura, a assimilação e a aplicação do texto capitular.

2.1 Diferentemente dos CG23 e CG24, que haviam tratado da comunidade local como centro de animação e como lugar estratégico de educação na fé dos jovens e de envolvimento e formação dos leigos, o CG25 quis pôr, *no centro das reflexões, a própria comunidade* com todas as suas características e dinâmicas. De fato, o modelo de comunidade que emerge do CG25 é o que faz referência à nossa consagração apostólica, tal como se expressa no artigo 3º das *Constituições* (C). Trata-se de uma comunidade chamada a realizar, mediante a graça de unidade, a síntese vital entre vida fraterna, seguimento radical de Cristo, doação à missão juvenil.

A comunidade é portanto, – de pleno direito –, o sujeito deste Capítulo. Não só por ser ela o seu tema, mas também por ser-lhe o agente e protagonista primeiro. Por isso, cada comunidade é convidada a acolher este texto do Capítulo como um tesouro precioso que se deve fazer frutificar.

2.2 O *esquema* de cada módulo operativo é idêntico: abre-se com um texto dos Atos dos Apóstolos, que deseja ser uma verdadeira fonte de inspiração para que cada comunidade reproduza a experiência da comunidade de Jerusalém no acolhimento do Espírito

Santo como guia da própria existência. Dever-se-ia evitar conseqüentemente considerar estas citações da Escritura como simples cereja que enfeita o bolo. Dever-se-ia, ao contrário, começar a fazer exatamente daqui a *lectio divina*, de modo que se aprenda a partir sempre da Palavra. O que implica o esforço de fazer realmente nossas, as atitudes de Nossa Senhora perante a Palavra: ouvi-la, obedecer-lhe, fazer-nos seus discípulos, tornar-nos fiéis, ou crentes.

É a mesma Palavra que, com tal dinâmica, convida a comunidade a ler a história social e eclesial, e a acolher nela o *chamado de Deus* e da nossa Regra de vida, as expectativas dos jovens, as necessidades dos leigos e da Família Salesiana.

A comunidade, portanto, é levada a fazer uma avaliação da própria *situação*, descobrindo as suas forças e as suas fraquezas, as suas disponibilidades e as suas resistências, as suas possibilidades e os seus limites. Trata-se aqui, de fato, de uma avaliação de vida comunitária.

Dessa maneira, a comunidade aprende a descobrir os *desafios* fundamentais e a enfrentá-los com coragem e esperança. Aprende também a fazer-se as necessárias perguntas e a buscar as respostas adequadas. É este o objetivo das *orientações operativas*.

2.3 Quanto aos *conteúdos* fundamentais, eles se referem à vida fraterna, ao testemunho evangélico e à presença animadora entre os jovens.

A *vida fraterna* da comunidade propõe-se favorecer os processos de crescimento humano e vocacional dos irmãos, promover relações interpessoais profundas, reforçar o sentido de pertença e o espírito de família, e ajudar na construção de uma visão comunitária mais partilhada. Para isso, podem ser úteis o projeto pessoal de vida, a prática do discernimento comunitário, a valorização dos momentos de encontro, o projeto da comunidade salesiana.

O testemunho evangélico pede-nos que se manifeste visivelmente o primado de Deus na vida da comunidade, que se viva na “graça de unidade” nas manifestações comunitárias, que se torne radical, pro-

fética e atraente a seqüela de Cristo, que se partilhem as motivações vocacionais e a experiência de Deus. A centralidade da Palavra de Deus, favorecida pela prática da *lectio divina*, a qualidade da oração comunitária, a Eucaristia cotidiana, ajudarão a aprofundar a experiência espiritual e a manifestação da centralidade de Deus em nossa vida. Do mesmo modo, a seqüela de Cristo, vivida por meio da disponibilidade total a uma obediência alegre, mediante a concretude de uma pobreza austera e o esplendor de uma castidade vigilante e serena, tornará mais transparente o testemunho da comunidade.

Onde existe uma comunidade salesiana está presente uma experiência de fé, constrói-se uma rede de relacionamentos, oferecem-se múltiplas formas de serviço aos jovens. A comunidade salesiana torna visível a *presença salesiana entre os jovens*, anima-a e promove o crescimento. É preciso antes de tudo retornar aos jovens e ser não somente uma comunidade *para* os jovens, mas também uma comunidade *com* os jovens. Por isso, a comunidade salesiana constrói uma presença de comunhão e de participação, envolve os leigos e a Família Salesiana, insere-se no território e na Igreja local. Transforma-se assim numa presença que “educa e evangeliza”, criando ambientes de intensa carga espiritual, tomando consciência das situações de pobreza dos jovens e reagindo perante elas com mente e coração pastorais, pondo em ação projetos e processos de amadurecimento dos jovens. Enfim, a comunidade promove uma verdadeira cultura vocacional, pelo que cada jovem é ajudado a descobrir um projeto de vida, propõe explicitamente a vocação salesiana aos que são mais idôneos, convidando-os a fazer uma experiência vocacional e acompanhando os que aceitam o convite.

Para ser uma comunidade que vive a fraternidade, que dá um forte e claro testemunho evangélico, que se torna presença animadora entre os jovens, ela mesma tem necessidade de ser animada, motivada, orientada e acompanhada. *A animação da comunidade* passa principalmente pela formação permanente. A comunidade pode ofe-

recer momentos específicos de renovação espiritual e oportunidades para a atualização educativa e pastoral dos irmãos; mas não há dúvida de que a primeira e mais importante fonte de formação é a qualidade da vida cotidiana. O *diretor* tem um papel fundamental na animação da comunidade, envolvendo e co-responsabilizando todos os irmãos. A sua atenção deve primeiramente dirigir-se à identidade carismática, à missão comunitária e à fraternidade.

Por último, o CG25 propõe algumas *condições* que possibilitam, a uma comunidade salesiana, ser significativa hoje. Trata-se de ajudar cada comunidade a trabalhar segundo um projeto comunitário, a garantir a consistência qualitativa e quantitativa da comunidade, a aprofundar o relacionamento entre comunidade e obra, a executar o projeto orgânico inspetorial. Algumas dessas condições se referem ao nível local, mas, em sua maioria, exigem a responsabilidade e as opções da comunidade inspetorial.

O primeiro destinatário do texto capitular é, evidentemente, a própria comunidade, à qual se oferecem esses cinco itinerários, para que os estude, aprofunde e torne operativos.

3. O acontecimento do CG25

Evidentemente, o CG25 não se reduz a um documento. É antes de tudo uma experiência intensa de Congregação e um espírito, de que são portadores os Capitulares que participaram do grande evento. São eles os melhores porta-vozes de quanto viram e ouviram!

Dentre os elementos que caracterizaram o Capítulo evidencia-se, em primeiro lugar, a atmosfera de fraternidade que se criou desde o início e que foi muito apreciada por todos. Foi admirável constatar “a unidade da Congregação na diversidade”, como diz o artigo 146 dos *Regulamentos*, fruto da vontade expressa dos capitulares que se propuseram fazer da assembléia capitular uma experiência de comunidade.

Um segundo elemento foi a crescente tomada de consciência da mundialidade da Congregação, que se manifesta na sua diversidade

cultural. As “boas-noites” dos Inspetores, as celebrações animadas pelas diversas Regiões, as intervenções em plenário, são uma prova de que o carisma de Dom Bosco, nosso Fundador e Pai, se foi inculcando nos contextos mais diferentes e que os próprios Capítulos Gerais ajudaram a realizar uma síntese fecunda entre unidade e diversidade.

O terceiro elemento extraordinário foi a Beatificação – na Praça de São Pedro – de três membros da Família Salesiana: do salesiano coadjutor Artêmides Zatti, a irmã Maria Romero e o padre Luís Variara. O fato ressaltou mais uma vez que a vocação salesiana é realmente “uma via que conduz ao Amor” (C 196), à santidade, e que esta deve ser a nossa maneira natural de viver, o melhor presente que possamos oferecer aos jovens (cf. C 25), a nossa mais significativa proposta educativa.

De modo especial, a Beatificação do primeiro salesiano coadjutor não-mártir despertou no Capítulo o desejo de relançar tal vocação, vocação tão fundamental para Dom Bosco.

O quarto elemento significativo foi a presença do Santo Padre, por meio da sua Mensagem inicial e a Audiência que nos concedeu e na qual convidou-nos a assumir a santidade como nossa tarefa essencial.

Um quinto elemento interessante foi a cobertura informativa dada, por meio de ANS, com a colaboração da equipe de vídeo das *Missioni Don Bosco*, de Turim, a todo o evento capitular, o que permitiu a comunicação imediata, à Família Salesiana e a todos os Amigos de Dom Bosco, de quanto acontecia na sede do Capítulo.

Sublinhe-se, enfim, a presença do nosso irmão D. Alois Kothgasser, que animou os Exercícios Espirituais, assumindo como tema a Estréia do Reitor-Mor para o ano de 2002 – “*Duc in altum!*” –, como também dos nossos irmãos cardeais e bispos que nos visitaram durante o Capítulo, evidenciando o caráter eclesial da nossa vocação e missão.

Faço votos para que o espírito do CG25 se difunda em todas as comunidades da Congregação e nos ajude a responder com generosidade à vontade de Deus, que se expressou por meio deste evento pentecostal.

4. O empenho do sexênio

Como dizia no discurso de encerramento, depois dos momentos da preparação e da realização do CG25, chegou o tempo de passar da reflexão à vida. Esta apresentação tem precisamente a finalidade de entregar à Congregação o texto capitular, com o convite a cada irmão e a cada comunidade de estudá-lo e pô-lo em prática.

Façamos da comunidade um projeto pessoal de vida. Creiamos nela e construamo-la! É uma tarefa de todos, jovens e idosos, com saúde e doentes. Esqueçamos cansaças e desilusões, como fizeram os apóstolos, que se haviam esfalfado por toda a noite sem nada pescar. O futuro da nossa vitalidade está em nossa capacidade de criar comunidades carismaticamente significativas hoje. A condição essencial é o renovado empenho pela santidade. Na palavra do Senhor, lancemos as redes, confiantes de que Deus dará fecundidade aos nossos esforços.

Peçamos a Maria Auxiliadora, a *Stella Maris*, à qual confiei a Congregação desde o início do meu reitorado, que nos ajude a vencer os nossos temores, que nos estimule a “fazer-nos ao largo” e nos acompanhe a aventurar-nos no oceano imenso deste mundo, com o entusiasmo e zelo de Dom Bosco, contemplando o Cristo e buscando a salvação dos Jovens.

Roma, 24 de maio de 2002.

Festa de Nossa Senhora Auxiliadora.

P. Pascual Chávez Villanueva

Reitor-Mor

Primeira Parte

A COMUNIDADE SALESIANA HOJE

INTRODUÇÃO

1. Olhos fitos em Cristo Jesus, reunidos em prece com Maria, a Mãe do Senhor, nós, membros do Capítulo Geral 25, abertos ao Espírito de Deus e ao dom da comunhão, almejamos construir a nossa vida segundo o modelo da primeira comunidade apostólica.

Reconhecemos estar reunidos pela escuta da Palavra de Deus, pela oração em comum, pela Eucaristia e pela partilha dos bens.² Aspiramos a formar uma comunidade com “um só coração e uma só alma”, significante no meio do povo: com a vida e a palavra testemunhamos o Senhor ressuscitado,³ repletos da alegria e do dinamismo do Espírito.⁴

Como fruto do Jubileu que celebrou os dois mil anos da Encarnação do Filho de Deus, o Papa, em sua Carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*, convidou-nos a volver

² Cf. At 2,42.46-47.

³ Cf. At 4,32-33.

⁴ Cf. At 13,52.

o nosso olhar para a pessoa de Cristo, a tomar consciência da nossa vocação à santidade, a ser “casa e escola de comunhão” e a dedicar-nos à nova evangelização.⁵

2. Urgidos pela Exortação apostólica *Vita Consecrata*, somos, como religiosos, convocados a pôr-nos na vanguarda deste caminho de renovação e re-fundação, retornando com fidelidade criativa às raízes evangélicas e carismáticas que exprimem o verdadeiro significado da nossa vocação na Igreja.

Imersa num mundo pluralista, em busca de novos modelos de vida e sentido, mas também marcado por situações dramáticas de pobreza e opressão, a vida consagrada pode ser significativa se, qual “casa construída sobre a rocha”,⁶ se fundar na adesão cabal a Jesus Cristo, se se ancorar na escolha evangélica da santidade, se se postar nas fronteiras da missão eclesial.

3. Na sociedade e cultura de hoje surgiram fenômenos de grande importância que, enquanto parecem abrir possibilidades novas de desenvolvimento humano e social, colocam em discussão o atual modelo de realização humana e cristã.

Em muitos contextos vai-se mais e mais consolidando o secularismo, tornando, por um lado, pouco significativa a proposta de fé e abrindo, por outro, espaços ao sagrado sob as mais diversas formas de religiosidade. A globalização, do âmbito econômico se difunde para outros campos do social, criando interdependência, e também profundas e injustas desigualdades, que engendram novas formas de pobreza. O nascimento de sociedades pluriétnicas, pluriculturais e pluri-religiosas, e contempo-

⁵ NMI 16, 43, 58.

⁶ Cf. Mt 7,24.

raneamento o aparecimento de nacionalismos excludentes e de integralismos religiosos, interpelam a capacidade de convivência, de tolerância e de diálogo. Junto com o pluralismo, hoje tão apreciado em todos os campos, difundem-se o relativismo, o individualismo, a diversidade de pontos de referência, que desnorteiam especialmente os jovens. Enquanto ciência e técnica espantam por suas novas conquistas e suscitam também sérios questionamentos sobre o respeito à vida, sobre a dignidade da pessoa, sobre a salvaguarda da criação. Novas formas de pobreza se acrescentam às antigas. A comunicação de massa e o desenvolvimento da informática são veículos de modelos inovadores e de novas mentalidades, que exigem uma acurada atenção no campo educativo. Num mundo assim tão complexo, inconsciente sob alguns aspectos e sob outros apreensivo, sentimo-nos chamados a acolher o convite do Papa de anunciar Jesus Cristo, especialmente aos jovens, qual modelo perene de nova humanidade.⁷

4. A Congregação Salesiana, impulsionada pelos últimos Capítulos Gerais, vive e experimenta um forte chamado à renovação, para manifestar com mais vivacidade e clareza a sua vocação: ser escola de fé e centro de comunhão para a educação dos jovens,⁸ assumir uma peculiar tarefa de animação dos leigos que partilham o espírito e a missão de Dom Bosco, engendrando um novo modelo pastoral.⁹

A qualidade da vida consagrada em comunidade, a profundidade da espiritualidade, a significatividade do testemunho, a capacidade de proposta são fatores determinantes para dar força evangélica à realização do Projeto educativo pasto-

⁷ GS 10.

⁸ Cf. CG 23.

⁹ Cf. CG 24.

ral salesiano (PEPS), à presença dos SDB na Comunidade educativa pastoral (CEP) e ao crescimento Família Salesiana.

5. Em sua reflexão sobre a comunidade, o CG25 fixa a atenção em três aspectos fundamentais: *a vida fraterna, o testemunho evangélico, a presença animadora entre os jovens*. Considera além disso algumas condições para a sua realização: *a animação da comunidade salesiana, a formação permanente, a organização da vida e do trabalho*. Estes elementos são inseparáveis e qualificam a vida comunitária salesiana.¹⁰

Ao estudar cada um destes núcleos, partiu-se do “*chamado de Deus*”, que nos permitiu ler as *situações* em que nos encontramos a trabalhar, juntando e assumindo os principais *desafios* nelas presentes, a fim de propor algumas *orientações* e sugerir oportunas estratégias às nossas comunidades inspetoriais e locais.

6. A necessidade de renovação impeliu-nos a haurir das fontes do Evangelho e do nosso carisma.

Estamos além disso convencidos de que o Sistema Preventivo de Dom Bosco continua válido, ainda hoje, não só como método educativo pastoral, mas também como fonte de espiritualidade e, portanto, qual critério do nosso “viver e trabalhar juntos”.¹¹ Dom Bosco no-lo entrega como experiência de vida que “impregna o nosso relacionamento com Deus, as relações pessoais e a vida de comunidade no exercício de uma caridade que sabe fazer-se amar”.¹² Ele é e se torna para nós escola de santidade e de fraternidade.

¹⁰ Cf. C 3.

¹¹ C 49.

¹² C 20.

O tema deste Capítulo insere-se assim no caminho iniciado pelos Capítulos precedentes: tornar mais clara e interpelante a força da comunidade religiosa salesiana na ação educativa e pastoral entre os jovens e os pobres, converter-se em centro de animação e de comunhão na Família Salesiana e no vasto Movimento que se inspira em Dom Bosco, aprofundando as raízes da nossa vocação e renovando o dinamismo da vida fraterna.

I. VIDA FRATERNA: DOM E PROFECIA DE COMUNHÃO

“Eles eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações. (...) A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” (At 2,42; 4,32).

A. CHAMADO DE DEUS E APELO DOS JOVENS

7. Movidado pelo Espírito, assistido pela materna intervenção de Maria,¹³ Dom Bosco iniciou, em comunhão de vida e ação com os jovens, os colaboradores e os primeiros salesianos, uma experiência de família, rica de valores humanos e espirituais, e grandemente voltada para o serviço da juventude. Percebemos que o primeiro serviço educativo que os jovens esperam de nós é o testemunho de uma vida fraterna que se torne resposta à sua profunda necessidade de comunicação, proposta de humanização, profecia do Reino, convite a acolher o dom de Deus.
8. Temos consciência de que a comunhão fraterna é dom do Pai em Cristo Jesus, conseqüentemente tarefa e empenho de cada um. Tornamos visível e construímos a comunhão por meio da partilha de vida, da caridade fraterna, da participação na missão comum.

¹³ C 1.

9. Empenhamo-nos, assim, por crescer na espiritualidade relacional, conscientes de que “Deus nos chama a viver em comunidade, confiando-nos irmãos que devemos amar”.¹⁴

O espírito de família, vivido segundo o Sistema Preventivo, pede-nos: cultivar um genuíno espírito de fé; viver relacionamentos interpessoais de qualidade; crescer quer na estima e acolhida recíprocas, quer na capacidade de reconciliação e na partilha.

10. Cada irmão educa a própria capacidade de relacionamento, convencido da estreita ligação que existe entre o amadurecimento do indivíduo e o da comunidade. Sentimo-nos, por isso, todos empenhados em cuidar de quanto facilita o processo de crescimento individual e comunitário.

B. SITUAÇÃO

11. Refletindo sobre a prática da vida fraterna, salientamos aspectos positivos, como:

- crescimento do respeito pela dignidade das pessoas, pela estima recíproca e pela qualidade do relacionamento interpessoal;
- comunicação mais profunda, partilha de vida mais sentida e procurada pelos irmãos;
- necessidade de um confronto pessoal com a Palavra de Deus e desejo de partilhar seus frutos com os outros irmãos;
- maior contato com as fontes do carisma e consciência mais clara da espiritualidade salesiana, que alimentam o

¹⁴ C 50.

- empenho pela fraternidade;
- enriquecimento que nasce da partilha da vida fraterna com jovens e leigos;
- “dia da comunidade” valorizado e vivido com criatividade;
- a comunicação social, em âmbito local, inspetorial e mundial, para o crescimento do sentido de pertença.

12. Constatam-se também dificuldades:

- formas de conflito que não se sabem administrar positivamente, casos de ativismo que afastam da comunidade e situações de enfraquecimento do sentido de pertença;
- situações de irmãos que se refugiam em relacionamentos compensatórios ou que buscam experiências comunitárias e espirituais alternativas à comunidade salesiana;
- a existência de comunidades quantitativa e qualitativamente pouco consistentes nas quais se torna difícil organizar a vida fraterna;
- o desânimo e a desmotivação de alguns irmãos, devidos a experiências negativas do passado, dificuldades de adaptação no presente, diminuição do sentido de fé e carências pessoais;
- problemas de convivência entre irmãos distantes por idade, formação, cultura e pertença étnica;
- a condição de irmãos idosos ou doentes, que em alguns casos acham difícil partilhar a vida e a missão comunitária;
- a invasão dos Meios de Comunicação Social, que roubam tempo ao relacionamento fraterno comunitário.

C. DESAFIOS

13. As dificuldades indicadas podem ser redutíveis a três áreas que às vezes influenciam de modo concomitante:

- escolhas individuais e estilos de vida que afastam progressivamente da comunidade;
- estruturação da vida comunitária que nem sempre favorece o crescimento humano e vocacional dos irmãos, prejudicando a possibilidade de “viver e trabalhar juntos”;
- dificuldade da comunicação interpessoal, por uma insuficiente partilha da vida e da missão, que enfraquece o sentido de pertença e a identificação com o projeto de vida salesiana.

Perguntamo-nos por isso:

- *Como favorecer os processos de crescimento humano e vocacional dos irmãos em contextos culturais marcados pela fragmentação, dispersão, relativismo e individualismo?*
- *Como superar a inércia de inadequados esquemas relacionais que enfraquecem o sentido de pertença e comprometem o clima fraterno da comunidade?*
- *Como organizar a vida e a ação comunitárias, para melhorar a comunicação e qualificar o relacionamento pessoal?*
- *Que processos ativar para apreender e praticar o discernimento, tanto individual quanto comunitário, a fim de que se favoreça diálogo fraterno e partilha?*

D. ORIENTAÇÕES OPERATIVAS

Interpelados por esses desafios, indicamos as seguintes orientações operativas:

14. O Irmão, como primeiro responsável pela própria formação, valorize o “Projeto pessoal de vida salesiana”, dando especial atenção a alguns elementos:
 - o exame do amadurecimento humano, espiritual e salesiano, graças a processos de auto-avaliação, de

- confronto com a Palavra de Deus e de aceitação da correção fraterna;
- o conhecimento e a prática da espiritualidade do Sistema Preventivo, fonte de relações novas na vida fraterna;
 - o progressivo amadurecimento da identidade carismática salesiana;
 - a presença, ativa e cordial, nos encontros ordinários e extraordinários que marcam a vida comunitária;
 - a abertura ao outro e a disponibilidade à partilha.

15. **A Comunidade local**, como lugar de crescimento humano e vocacional:

- a) *Valoriza a prática do discernimento comunitário* à luz da Palavra de Deus e das *Constituições*; promove, por isso, atitudes que lhe favorecem o exercício:
- abertura à realidade, a ser vivida com espírito de fé e capacidade de escuta;
 - disponibilidade ao diálogo fraterno, para facilitar e despertar a participação de todos;
 - busca paciente da convergência da unidade e da comunhão.
- b) *Vela pelos momentos específicos da vida comunitária*: oração comum, assembléias, retiros, revisão de vida, escrutínios, conselhos, tempos de lazer, dia da comunidade; neles, também por meio de adequadas metodologias, ajuda os irmãos a:
- manifestar a riqueza dos sentimentos da sua própria vivência interior;
 - partilhar preocupações e problemas, projetos e atividades educativo-pastorais;
 - praticar a escuta, o diálogo, a aceitação das diferenças e a correção fraterna.

c) *Elabora o Projeto de vida comunitária salesiana*, levando em consideração a situação existencial dos irmãos e pondo em relevo os aspectos da formação das pessoas, da comunicação e comunhão e dos empenhos estabelecidos pelo projeto educativo pastoral salesiano.

16. O Inspetor e o seu Conselho, por meio da Comissão inspetorial para a formação (CIF), sugerem modalidades e oferecem subsídios para elaborar o *“Projeto pessoal de vida salesiana”* e o *“Projeto de vida comunitária salesiana”*.

II. TESTEMUNHO EVANGÉLICO

“Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e todos gozavam de grande aceitação” (At 4,33).

A. CHAMADO DE DEUS

17. Chamados pelo Pai, pela força do Espírito Santo seguimos o Senhor Jesus,¹⁵ nossa regra viva.¹⁶ Iluminados pelo mistério de Deus, que é comunidade de Amor, vivemos o seguimento de Cristo em comunidade, no que encontramos resposta aos profundos anseios do coração, somos sinais de amor e de unidade para os jovens,¹⁷ e a nossa vida comunitária se torna experiência cotidiana de espiritualidade.
18. A primeira comunidade apostólica, que por vezes entre dificuldades busca o seu caminho, permanece a referência fundamental para as nossas comunidades. O seu alegre testemunho do Senhor Ressuscitado se exprime na procura do Reino concretizado no serviço fraterno, vivido na comunhão e na partilha, proclamado no anúncio salvífico do Evangelho e celebrado na oração em comum e na fração do pão.

¹⁵ Cf. Mc 3,14.

¹⁶ C 196.

¹⁷ C 49.

19. As nossas comunidades, igualmente, se tornam profecia para os jovens no serviço generoso, na fraternidade, no anúncio e na festa. A sua **experiência de Igreja**, fundada na Palavra e na Eucaristia, se torna fermento de comunhão e de novas comunidades, por meio do testemunho cotidiano de plenitude de vida e de felicidade que irrompem do Senhor Ressuscitado.
20. A **comunidade de Valdocco**, guiada e animada por Dom Bosco, procurou viver esse testemunho de forma cabal e harmoniosa. Dom Bosco mesmo, no sonho dos dez diamantes, que representam a identidade do salesiano, traçou-lhe as características fundamentais e os perigos a que está exposta. Toda comunidade é formada por pessoas, imersas na sociedade, que exprimem a paixão evangélica do *“da mihi animas, caetera tolle”* com o otimismo da fé, a dinamicidade e a criatividade da esperança e com a bondade e a doação total da caridade. Este empenho é sustentado por uma estrutura espiritual forte e essencial, caracterizada especialmente pela dimensão ascética dos conselhos evangélicos e por um estilo de vida laborioso e temperante.
21. Seguindo o exemplo de Dom Bosco, a comunidade dá testemunho de toda a força educativa e pastoral da consagração, vivendo com entusiasmo e alegria a **total consagração a Deus e aos jovens**. Verificamos que a fidelidade à consagração é processo em constante crescimento e se exprime na contínua busca do ideal evangélico, tendo por modelo o itinerário da fé de Maria.
22. Caracterizam o atual contexto: o secularismo, o individualismo, o consumismo e o hedonismo. Mas perpassam-no também uma sensibilidade mais ampla ao sagra-

do, uma abertura mais clara para o transcendente e um empenho de concreta solidariedade.

Por isso, hoje, mais do que nunca, as nossas comunidades são chamadas a tornar visível aos jovens, especialmente aos mais pobres e necessitados, o **primado de Deus**, que entrou na nossa vida, conquistou-nos, colocou-nos a serviço de seu Reino, como sinais e portadores do seu amor.¹⁸

23. Seguindo a Cristo obediente, pobre e casto na radicalidade do Batismo, a comunidade revela as melhores energias da sua liberdade, contesta a idolatria do poder, do possuir e do prazer, tornando-se desta maneira totalmente disponível para a missão em favor dos jovens. Busca na obediência a vontade de Deus por meio do diálogo e a fidelidade ao projeto comunitário, e vive e acolhe com espírito de família o serviço da autoridade. Na pobreza põe em Deus toda a sua confiança, abre-se à comunhão dos bens e à solidariedade, promovendo projetos em favor dos pobres e partilhando a sua condição. Exprime na castidade o seu amor a Deus e a total dedicação aos jovens, com aquela pureza de coração que é o distintivo que caracteriza a sua missão educativa e pastoral.

24. Sustentada pela experiência de Deus e pela total dedicação à salvação dos jovens, a comunidade vive a **graça da unidade**, que é dom do Espírito Santo e síntese vital entre união com Deus e dedicação ao próximo, entre interioridade evangélica e ação apostólica, entre coração que reza e mãos que trabalham, entre exigências pessoais e empenhos comunitários. Integram-se assim harmonicamente, na aliança com Deus, a missão apostólica, a comunidade fraterna e a prática dos Conselhos evangélicos.

¹⁸ Cf. C. 2.

25. Vivemos esta escolha na certeza de que ela concorre para construir um **modelo alternativo** de humanidade e de família humana, na perspectiva da esperança cristã.

Respondemos assim ao dom de Deus com um **caminho comunitário e pessoal de santidade**, rumo à plena maturidade de Cristo, por meio do qual nos tornamos sinal e profecia dos valores últimos do Reino de Deus, no espírito das Bem-aventuranças.

B. SITUAÇÃO

26. Como fruto dos últimos Capítulos Gerais, as comunidades em geral procuram viver uma espiritualidade salesiana cada vez mais autêntica.

Nota-se na verdade um crescimento:

- na identidade carismática;
- no conhecimento e na aplicação do Sistema Preventivo, também entre os leigos;
- na valorização da vida comunitária;
- no assíduo trabalho entre os jovens, especialmente os mais periclitantes;
- no esmero com que se fazem as celebrações litúrgicas e as várias formas de oração;
- no esforço que muitos fazem para viver a graça de unidade, harmonizando vida fraterna, oração e trabalho apostólico.

27. A par destes sinais de crescimento, nota-se também a presença de fenômenos negativos. Indicam-se entre eles:

- ausência de sentido comunitário da vida espiritual;
- ausência nos momentos de oração comunitária;
- observância formal das práticas de piedade;

- fugir da partilha de experiências espirituais;
- eficientismo e individualismo;
- gestão não equilibrada das horas de trabalho, de vida comunitária e de oração;
- cansaço e desânimo perante um mundo em contínua mutação.

28. Na prática dos conselhos evangélicos existem exemplos de alegre testemunho individual e comunitário, e de radicalidade até ao martírio.

- A obediência é vivida com espírito de fé e de humildade, na escuta recíproca e no esforço por construir juntos o projeto comunitário.
- A busca de um estilo de vida mais simples e austero torna-se visível pela acolhida dada aos pobres, pelo viver nos contextos de pobreza, pela solidariedade e pela transparência da administração dos bens.
- A castidade se manifesta pela serena aceitação de si mesmo, pela cordialidade do relacionamento, pela generosa disponibilidade ao serviço, pela fidelidade da vida totalmente despendida pelos jovens.

29. Observa-se ao mesmo tempo que as comunidades nem sempre conseguem tornar legível o seu testemunho e se notam:

- dificuldade para trabalhar em equipe, tanto entre os mesmos salesianos quanto entre salesianos e leigos; e atitudes de autoritarismo;
- dificuldade de alguns salesianos em mudar de cargo ou casa;
- contraste de nível de vida entre comunidade religiosa e situação de vida do povo, entre uma casa e outra, às vezes com o malbarato dos bens de que dispomos, gerindo mal os recursos que estão a serviço da nossa missão;

- situações de frieza relacional, incapacidade de estabelecer relacionamentos autênticos, compensações fora da comunidade, ambigüidades de vida que comprometem a credibilidade das escolhas professadas.

C. DESAFIOS

30. Várias causas parecem estar na origem da situação precedentemente descrita, dentre as quais as seguintes:

- *debilidade no reconhecer o primado de Deus*, que leva a comunidade e também o irmão a amortecer as motivações de fé e a consciência de serem salesianos consagrados;
- *fragmentariedade na vida pessoal e comunitária*, que se manifesta em sacrificar o importante pelo urgente, e na incapacidade de harmonizar ser e fazer, trabalho e oração, evangelização e educação, iniciativa individual e planejamento comunitário;
- *falta da força profética* da nossa consagração salesiana, que lhe ofusca a visibilidade tornando as comunidades pouco significativas e atraentes do ponto de vista vocacional.

A estas causas correspondem os seguintes desafios:

- *Como reavivar continuamente e expressar o primado de Deus nas comunidades, e como partilhar nelas, com os leigos e os jovens, a experiência espiritual?*
- *Como realizar hoje novos equilíbrios pessoais e comunitários entre os diferentes aspectos da nossa vida, a fim de vivê-los na graça de unidade de modo completo e harmonioso?*
- *Como tornar radical, profético e atraente o nosso testemunho comunitário do seguimento de Cristo?*

D. ORIENTAÇÕES OPERATIVAS

Aos desafios acima indicados queremos responder assumindo especialmente as seguintes **orientações operativas**.

31. Primado de Deus e partilha da experiência espiritual

A comunidade, a exemplo de Maria, empenha-se em pôr Deus como centro unificador do seu ser, e em desenvolver a dimensão comunitária da vida espiritual:

- *favorecendo a centralidade da Palavra de Deus na vida comunitária e pessoal, por meio da lectio divina, meditação cotidiana, Liturgia das horas, celebrações da Palavra, preparação em comunidade da Eucaristia dominical;*
- celebrando a Eucaristia cotidiana com alegria, criatividade e entusiasmo, e favorecendo a celebração com todos os irmãos juntos ao menos uma vez por semana;
- cuidando da qualidade da oração comunitária, até que se torne de per si escola de oração para os jovens, para os membros da Família Salesiana e para os colaboradores leigos;
- promovendo revisões de vida a partir das *Constituições* e dos elementos essenciais da espiritualidade salesiana;
- cuidando do acompanhamento espiritual mediante a valorização das oportunidades tão caras à nossa tradição: o Sacramento da Reconciliação, a direção espiritual, o colóquio fraterno;
- criando entre os irmãos um clima que favoreça o intercâmbio das próprias experiências de fé;
- favorecendo a integração entre o projeto pessoal e o comunitário, cuidando de sua inter-relação e partilha.¹⁹

¹⁹ Cf. *Ratio* 90, 277.

32. Zelo pela graça de unidade

A comunidade se compromete a assegurar condições suficientes para que cada irmão possa dar ao seu ser e agir um sentido de unidade profunda:

- praticando o discernimento evangélico como atitude de busca da vontade de Deus por meio do diálogo comunitário e de coerentes processos de decisão e de execução;²⁰
- avaliando periodicamente o equilíbrio entre compromissos de trabalho, exigências de vida comunitária, tempos de oração, de estudo e de descanso.

33. Testemunho comunitário do seguimento radical de Cristo

A comunidade se empenha por garantir que os conselhos evangélicos tornem transparente a gratuidade, a entrega incondicional da vida, o amor sem medida nem poupança, sobretudo pelos mais pobres:

- explicitando o valor humanizante dos conselhos evangélicos, para vivê-los com alegria e coerência;²¹
- avaliando em comunidade a sua prática por meio de escrutínios periódicos. Para tal escopo, o Dicastério da formação preparará linhas concretas de orientação;
- educando os seus membros ao uso apropriado dos MCS, incluídos os mais recentes, como a internet, DVD etc., e avaliando o seu uso positivo e apostólico.

34. Centralidade da obediência

A comunidade favorece uma profunda vida no Espírito, o sentido da missão e uma eficaz inserção de cada irmão no

²⁰ C 66.

²¹ Cf. VC 88-92.

projeto pastoral e educativo comunitário:

- promovendo, por meio da assembléia comunitária, o diálogo entre os seus membros, o dia da comunidade, os encontros do Conselho local e servindo-se também, quando necessário, de oportunas assessorias;
- envolvendo mais eficazmente todos os irmãos no núcleo animador da CEP e na elaboração e aplicação do PEPS;
- orientando os irmãos, em sua escolha de qualificação profissional, a se conformarem com as necessidades da Inspetoria, em diálogo com o Inspetor;
- relançando a prática do colóquio fraterno com o diretor, centro de unidade e de orientação pastoral para todos os irmãos.

35. Pobreza concreta

A comunidade se empenha por testemunhar um estilo de convivência inspirado na pobreza de Cristo e no seu Evangelho:

- manifestando a austeridade profética por meio de um modo de viver simples, sóbrio e modesto, levando em consideração o ambiente em que se vive,²² com trabalho assíduo, sacrificado e disposto também a fazer trabalhos muito humildes;²³
- vivendo o espírito de desprendimento e de confiança na Providência, sendo transparente no dispor e usar do dinheiro, e fazendo os orçamentos com critérios de austeridade;
- fazendo da solidariedade um princípio regulador de seu viver e agir, por uma autêntica partilha no contexto da comunidade local e inspetorial, indo ao encontro também das necessidades de outras inspetorias;

²² Cf. C 77.

²³ Cf. C 78.

- abrindo-se às necessidades dos jovens, sobretudo dos mais pobres, aplicando vida, tempo e estruturas a seu serviço e colaborando com as pessoas e os organismos que se dedicam à promoção social e lutam pela justiça.

36. Esplendor da castidade

A comunidade irradia o seu testemunho de castidade e o oferece aos jovens de hoje como um sinal profético do Reino de Deus e proclamação da dignidade de cada pessoa:

- criando um ambiente de fraternidade, sereno e feliz, que estimula o crescimento da verdadeira amizade entre os irmãos e se torna sinal da felicidade da doação pelo Reino;²⁴
- visando a um estilo de vida temperante e laborioso, alimentado pela ascese e a prontidão para o serviço, como expressão concreta do amor ilimitado a Deus e aos jovens;
- propondo aos jovens programas de educação do amor e de valorização da castidade;²⁵
- estabelecendo, tanto em nível de Congregação quanto de Inspeção, normas de comportamento às quais todos os irmãos se devem conformar, a fim de prevenir escândalos por abusos sexuais, valendo-se também das oportunas assessorias legais e científicas;
- oferecendo aos irmãos, especialmente aos que estão em dificuldades, acompanhamento, compreensão, espaço para recuperação, e as intervenções, também em nível inspetorial, que forem necessárias;
- comprometendo-se na proteção dos menores, colaborando também com pessoas e organismos que trabalham pelos direitos das crianças e dos jovens, vítimas de exploração sexual.

²⁴ Cf. C 83.

²⁵ Cf. CG23, 192-202.

III. A PRESENÇA ANIMADORA ENTRE OS JOVENS

“Agora entrego-vos a Deus e à sua palavra misericordiosa, que tem o poder para edificar e dar a herança a todos os que foram santificados” (At 20,32).

A. CHAMADO DE DEUS

37. *“Perto ou longe, eu penso sempre em vós. Meu único desejo é ver-vos felizes no tempo e na eternidade. (...) Sinto, meus caros, o peso do afastamento, e o fato de não vos ver nem ouvir me aflige como não podeis imaginar. (...) Sois o único e contínuo pensamento de minha mente”.*²⁶ Este sentimento do coração paterno de Dom Bosco, relido hoje por nós Salesianos do Terceiro Milênio, é um chamado urgente a sonhar e planejar com esperança, com fidelidade ao “critério oratoriano”,²⁷ a nossa *presença entre os jovens*: uma presença feita de proximidade efetiva, participação, acompanhamento, animação, testemunho, e proposta vocacional, no estilo da assistência salesiana.²⁸

Queremos, a exemplo de Dom Bosco, responder ao apelo de Jesus para ser na Igreja de hoje sinal profético e portado-

²⁶ *Due lettere da Roma, 10 maggio 1884*, in P. BRAIDO (ed.), *Don Bosco educatore: scritti e testimonianze*, LAS, Roma 19973, p. 377.

²⁷ Cf. C 40.

²⁸ Cf. ACG 372, 25-27.

res felizes do amor do Pai aos jovens.²⁹ Deus nos chama a ser não somente uma comunidade *para os jovens* mas também *com os jovens*, “especialmente os mais pobres, abandonados e em perigo”.³⁰ Os jovens, aos quais abrimos o nosso coração salesiano, pedem-nos que atendamos os seus pedidos: querem que abramos de par em par com simplicidade e familiaridade as nossas portas e saiamos ao seu encontro, que partilhemos a sua vida caminhando com eles, compreendamos os seus valores, acolhamos as suas preocupações e saibamos oferecer-lhes espaços de participação.

Empenhamo-nos, assim, em despertar nos jovens a busca de sentido e em ajudá-los a encontrar uma resposta: propomo-nos ser escola de vida que suscita questionamentos e dá razões de esperança, que vive e celebra a presença de Cristo Ressuscitado, que comunica a própria experiência de fé e forma discípulos, acompanhando o seu crescimento até “*desenvolverem a própria vocação humana e batismal com uma vida cotidiana progressivamente inspirada e unificada pelo Evangelho*”.³¹

Animados pela caridade do Bom Pastor,³² tendo Maria por Mãe e Mestra, buscamos confiantes um projeto educativo pastoral comum e uma metodologia que saiba impregnar a educação dos valores do Evangelho e dê mais atenção aos processos educativos que às atividades, mais às pessoas que às estruturas, mais à fraternidade que à função.

A paixão por Deus e pelos jovens impele-nos a ser “*casa e escola de comunhão*”,³³ vivendo a nossa vocação que irradiava alegria e promove participação, que é capaz de suscitar numerosas forças apostólicas, com as quais partilhamos o

²⁹ Cf. C 2.

³⁰ Cf. 26.

³¹ C 37.

³² Cf. C 11.

³³ NMI 43.

espírito e a missão de Dom Bosco na Igreja local e no território: os leigos da CEP, os grupos da Família Salesiana, os jovens mais empenhados.

B. SITUAÇÃO

38. Onde há uma comunidade salesiana está presente um dom de Deus: experiência de fé e de comunhão, rede de relações, formas múltiplas de serviço aos jovens.

A comunidade torna visível a **presença salesiana**, anima-a e promove-lhe o crescimento. Embora não seja possível identificar missão com obra, a presença salesiana entre os jovens dá forma a uma obra e por esta pode manifestar-se.

A presença se exprime progressivamente como capacidade de acolhida e comunhão, como empenho de educação e evangelização, como proposta de acompanhamento e de busca vocacional.

39. **Presença que acolhe e constrói comunhão**

Percebe-se a necessidade de *estar presente entre os jovens no estilo típico do Sistema Preventivo* também naquelas comunidades em que há reduzido número de irmãos ou que se caracterizam por ancianidade ou doença. Muitas vezes, entretanto, as preocupações decorrentes da gestão e da organização fazem com que, de fato, alguns salesianos fiquem distanciados dos jovens. Não faltam, além disso, irmãos que por causa de projetos individuais ou de utilidade própria vão se afastando da realidade juvenil.

Reconhecemos que se dá nas comunidades uma atenção positiva às novas e antigas pobreza juvenis, mas notam-se também sinais de apego ao passado, atitudes de-

fensivas perante os desafios do presente e do futuro, por vezes uma insuficiente sensibilidade às novas pobrezaas e falta de qualificação para enfrentar os desafios da marginalização, embora nesta área se tenham feito reais progressos em comparação com o sexênio precedente.

A comunidade salesiana, mais consciente de sua tarefa carismática no interior do núcleo animador, forjou novas formas de envolvimento dos leigos, sobretudo por meio da formação e da animação da CEP, da partilha com os voluntários, da elaboração do PEPS. Melhorou também a sensibilização pela Família Salesiana, mas sente-se a necessidade de se crescer na direção de uma co-responsabilidade mais intensa, a fim de que mais eficazmente se partilhe a missão.

40. Presença que educa e evangeliza

A acolhida da proposta evangélica é favorecida pelos recursos presentes nos jovens de hoje, especialmente pela busca de interioridade, por uma especial adesão aos novos valores e pelas múltiplas formas de serviço no voluntariado. Por vezes, porém, a incidência da nossa proposta é enfraquecida por comunidades que não vivem uma intensa experiência espiritual com clara referência às motivações evangélicas e à legítima caridade pastoral.

Constata-se, além disso, que hoje os relacionamentos tendem a ser fugazes e superficiais. A quantidade das possibilidades de comunicação nem sempre corresponde à qualidade do relacionamento: isso repercute também nas relações da comunidade salesiana com os jovens.

Há também o perigo de que a missão seja identificada com as obras e estas com as estruturas e serviços. Então, torna-se difícil aos jovens perceberem a comunidade como

forma alternativa de vida, desafio às propostas da sociedade e profecia concreta de futuro.

A nossa presença – ainda que nem sempre o nosso serviço educativo e pastoral alcance os resultados esperados – produz em muitos lugares uma positiva incidência social, política e cultural. Comunidades há que têm dificuldade de harmonizar a vida comunitária com um sentido aberto de missão, que leve a responder às emergências e a projetar novas formas de serviço.

41. Presença que acompanha e se torna proposta vocacional
Ação e reflexão engendraram, nestes anos, planos vocacionais, tanto locais quanto inspetoriais; maior atenção foi dada às propostas formativas; mais amplo foi o envolvimento dos jovens na Articulação da Juventude Salesiana. Nem sempre soubemos envolver a família como primeiro espaço de crescimento vocacional.

Cresceu a sensibilização para com todas as vocações da Igreja e da Família Salesiana em particular, e a convicção de que uma verdadeira pastoral juvenil é sempre vocacional.

Reconhecemos que os nossos ambientes são ricos de potencialidades e recursos vocacionais, mas permanece a dificuldade de apresentar e fazer com que se aceite a vida como vocação e missão, e a exigência de acompanhar pessoalmente os jovens. Para nós, salesianos, permanece sempre um empenho prioritário o de testemunhar a vocação de apóstolos consagrados na sua dúplice e complementar forma, sacerdotal e laical.³⁴

Os contextos socioculturais, a atual estrutura de algumas obras e certo cansaço espiritual de alguns SDB e comunidades, estão na origem de um enfraquecimento do

³⁴ Cf. CG24, 253.

caminho de fé e dos processos formativos e vocacionais dos jovens, e também da diminuição numérica a que fazem referência muitos Capítulos Inspetoriais.

C. DESAFIOS

42. A presença salesiana é uma realidade dinâmica, uma rede de relações, um conjunto de projetos e processos, ativados pela caridade pastoral e realizados com os jovens, com os leigos e com a Família Salesiana. Tornou-se cada vez mais explícito que o sujeito de tal presença não é exclusivamente a comunidade salesiana.

A partir desta constatação, parecem fundamentais os seguintes desafios.

43. **Presença que acolhe e constrói comunhão**

A comunidade salesiana é chamada a renovar a qualidade da sua presença no meio dos jovens, a construir comunhão e participação com os leigos, a inserir-se ativamente no território.

- *Qual o modelo comunitário que facilita a nossa presença entre os jovens?*
- *Qual é a nossa presença na CEP e na Família Salesiana como comunidade carismática, e com quais tempos, quais modalidades de intervenção e quais tarefas?*
- *Qual é a nossa presença nas instituições em que se tomam decisões a respeito da condição dos jovens?*

44. **Presença que educa e evangeliza**

A comunidade salesiana é chamada a ser presença que educa e evangeliza, e a tornar-se anúncio profético entre

os jovens que vivem em contextos de secularização, globalização e fragmentação.

Num mundo secularizado, pluricultural e multi-religioso, em busca de novas experiências espirituais e que vive a irrelevância da fé:

- Como pode a comunidade contribuir para a criação de ambientes de grande impacto, a fim de experienciar os valores evangélicos, de oferecer oportunidade de diálogo inter-religioso, de promover momentos de interculturalidade que ajudem os jovens a realizarem progressivamente a síntese fé-cultura-vida?
- Como pode a comunidade partilhar com os jovens experiências ricas de sentido, mas expressas nas suas linguagens e nas novas formas de comunicação?

Na tendência à globalização, que gera graves situações de pobreza e estridentes exclusões econômico-sociais, e que oferece novas oportunidades de solidariedade:

- Como pode a comunidade tornar significativas estruturas e recursos no serviço aos jovens mais pobres, para anunciar-lhes o amor de Deus e ajudar a sua promoção?
- Como pode a comunidade transmitir aos jovens que vivem num contexto de bem-estar o valor da pobreza evangélica e da sobriedade de vida, ajudá-los na busca das causas geradoras de pobreza, fazê-los crescer no empenho de solidariedade pelos últimos?

Na complexa e fragmentada cultura atual, que pode provocar dispersão e valoriza os particularismos e a pluralidade:

- Como pode a comunidade levar a efeito processos de discernimento e de conversão pastoral, e passar de uma pastoral de atividades e urgências a uma pastoral de processos?

- Como pode a comunidade superar a fragmentação das atividades e realizar um *trabalho de projeto* unitário e orgânico?

45. **Presença que acompanha e se torna proposta vocacional**

A comunidade salesiana é chamada a tornar-se proposta vocacional para os jovens e a promover procedimentos educativos e pastorais que permitam o encontro pessoal com eles.

- *Como pode a comunidade ser proposta vocacional que ajude o jovem a perceber a vida como dom e tarefa, expressão da sequela Christi?*
- *Como pode a comunidade apresentar a vocação de modo que o jovem chegue a descobrir e a acolher o desígnio que Deus tem a seu respeito?*
- *Como pode a comunidade ser a presença educativa que promove o encontro pessoal, e proporcionar continuidade ao acompanhamento vocacional?*

D. ORIENTAÇÕES OPERATIVAS

Individuamos um conjunto de orientações operativas, que ajudarão a comunidade a responder aos desafios e a construir uma presença salesiana segundo o chamado de Deus.

46. **Presença que acolhe e constrói comunhão**

A comunidade salesiana é uma comunidade fraterna e apostólica, inspirada no critério oratoriano de Dom Bosco.³⁵ Com a nossa presença animadora entre os jovens e os leigos, construímos comunhão e promovemos a missão, que deve ser sentida por todos como única e comum.

³⁵ C 40

A comunidade repensa a sua presença no meio dos jovens, a fim de que seja direta, acolhedora e gratuita:

- organizando a vida e as estruturas da comunidade em torno da presença dos jovens, revendo horários de vida e de oração, a fim de criar um ambiente que atraia e facilite o contato direto com eles;
- recuperando o valor da assistência salesiana, a fim de que não só existamos *para os jovens*, mas estejamos *com eles*, privilegiando as tarefas próprias da nossa responsabilidade carismática;
- tornando visível a comunidade salesiana entre os jovens, abrindo-a ao acolhimento e à convivência para quantos desejem conhecer mais de perto a nossa vida;
- ativando iniciativas adequadas para ir ao encontro especialmente dos jovens marginalizados.

A comunidade salesiana se torna fermento de comunhão entre os jovens e os leigos:

- programando e revendo as linhas essenciais da ação educativa pastoral no projeto comunitário, para garantir a unidade da ação, a convergência dos critérios, a harmonia entre as pessoas;
- projetando e avaliando o PEPS, segundo uma metodologia que favoreça a co-responsabilidade daqueles que, por vários títulos, partilham a missão educativa;
- aprofundando o empenho da formação conjunta, entre salesianos e leigos, mediante processos adequados que promovam a partilha de critérios e objetivos, e o sentido orgânico de nossa ação;
- vivendo mais intensamente a espiritualidade salesiana entre os jovens e os leigos, e assegurando espaços e tempos para o relacionamento pessoal e a partilha do espírito salesiano;
- dedicando particular atenção à pedagogia de ambiente.

A comunidade salesiana torna-se presença animadora no território:

- dando mais atenção aos novos espaços de encontro dos jovens;
- promovendo a colaboração com os vários grupos da Família Salesiana, como caminho para assumir a mentalidade da responsabilidade comum na missão juvenil;
- colaborando com instituições eclesiais e civis no campo da educação, da pastoral juvenil, da comunicação social;
- cuidando de uma inserção maior em contextos multiculturais e pluri-religiosos, por meio do conhecimento das línguas, do diálogo, das experiências de comunidades internacionais;
- confrontando-se e dialogando com a cultura juvenil do lugar em que se trabalha.

47. Presença que educa e evangeliza

Na variedade dos contextos, a comunidade salesiana torna-se anúncio profético com a própria vida e ação, e faz crescer uma presença que educa e evangeliza; ela cria ambientes de intensa carga espiritual, toma consciência da realidade da pobreza e promove projetos e processos de crescimento para os jovens.

Num contexto secularizado, a comunidade salesiana favorece a criação de ambientes de intensa carga espiritual:

- propondo e vivendo momentos de intensa experiência espiritual com os jovens: Eucaristia, Reconciliação, *lectio divina*, oração, encontros, retiros;
- envolvendo a CEP na ideação, condução e avaliação dos processos de educação e de evangelização, tendo em vista a coerência de vida e o empenho pelo Reino;
- cuidando na CEP da formação de jovens empenhados

- na ação civil e eclesial, para, assim, promover uma sociedade mais justa e solidária, segundo a inspiração cristã;
- participando de momentos de encontro da Articulação da Juventude Salesiana (AJS) e valorizando os grupos como espaço privilegiado para promover itinerários de espiritualidade e missionariedade juvenil;
 - favorecendo a participação ativa dos jovens mais maduros para torná-los protagonistas da evangelização dos coetâneos.

Num mundo globalizado, a comunidade salesiana toma consciência da realidade da pobreza e da injustiça, e se empenha por educar e evangelizar, com metodologias apropriadas, os jovens que vivem em ambos os contextos: de pobreza e de bem-estar:

- assumindo um estilo de pobreza e de partilha com os pobres;
- promovendo transparência econômica e justiça nas relações de trabalho na CEP;
- estudando com os jovens os elementos essenciais da doutrina social da Igreja para uma inserção responsável na sociedade;
- oferecendo propostas de qualidade para educar na justiça e na solidariedade os jovens, tanto os que vivem em situações de pobreza quanto os que vivem em ambientes de bem-estar, mediante a busca das causas da injustiça e tendo em vista a assunção de empenhos concretos.

Numa cultura complexa e fragmentada, a comunidade salesiana se empenha por trabalhar com projetos e por passar de uma pastoral de atividades a uma pastoral de processos:

- superando a visão que reduz a pastoral a um setor da nossa ação ou a uma atividade específica de formação religiosa;

- amadurecendo uma concepção de pastoral que compreenda a integralidade dos conteúdos, das ações, da metodologia; o respeito pelos ritmos de maturação dos jovens; a atenção às diversas áreas de crescimento;
- assumindo a mentalidade de trabalho em equipe, superando uma visão setorial no desenvolvimento dos cargos e tarefas;
- avaliando a assimilação do CG23 a respeito tanto da educação integral dos jovens quanto do planejamento e da realização dos processos educativos e pastorais;
- abrindo-se a formas de educação e de evangelização que valorizem a comunicação social como novo espaço vital de agremiação dos jovens.

48. Presença que acompanha e se torna proposta vocacional

A comunidade salesiana promove a escolha vocacional do jovem por meio do seu testemunho de vida; anima a comunidade educativa pastoral para que se torne lugar de crescimento vocacional do jovem; leva a efeito uma metodologia do acompanhamento e da proposta vocacional.

A comunidade salesiana toma a peito seu papel no processo de crescimento vocacional e de acompanhamento do jovem:

- testemunhando em comunidade a vocação do salesiano sacerdote e do salesiano coadjutor de modo visível, alegre e atraente;
- partilhando com os jovens alguns momentos da vida da comunidade: a festa, a amizade, a mesa, a oração, a nossa história, os projetos, o empenho missionário;
- favorecendo experiências de voluntariado, como válida oportunidade de orientação e discernimento vocacional;

- oferecendo um plano explícito de acompanhamento e proposta vocacional em nível local, que harmonize as experiências de modo orgânico, envolva e qualifique os irmãos para o acompanhamento espiritual, valorize a presença dos irmãos jovens;
- dedicando especial atenção à figura do salesiano coadjutor.

A comunidade salesiana anima a CEP como lugar privilegiado do acompanhamento e da escolha vocacional do jovem:

- fazendo da CEP uma comunidade de fé, que promova a comunhão entre as várias vocações e desenvolva uma qualificada formação religiosa;
- criando um clima de família e acolhimento;
- participando da AJS por meio do cultivo dos animadores, da opção de adequados itinerários de fé, da proposta de experiências de apostolado e serviço missionário;
- organizando uma equipe de animadores no âmbito da CEP, aberta à Família Salesiana, para motivar, estimular e acompanhar experiências de sensibilização e de empenho, de acordo com as múltiplas vocações;
- animando a partir da CEP uma adequada pastoral familiar, especialmente para aqueles pais que têm os filhos empenhados no itinerário de fé e em situação de discernimento vocacional.

A comunidade salesiana atua a metodologia do acompanhamento e da proposta vocacional:

- animando um processo vocacional que harmonize os vários componentes: o testemunho dos valores evangélicos dentro da CEP; a proposta explícita de acompanhamento; o itinerário formativo; a experiência de Deus vivida no serviço; a decisão vocacional;

- promovendo iniciativas que assegurem a continuidade do processo: diálogo com os educadores; grupos de busca vocacional por faixas etárias; acompanhamento vocacional dos jovens adultos; formação dos animadores no seu discernimento vocacional;
- re-avaliando alguns elementos da tradição pedagógica salesiana: vida de grupo, diálogo pessoal, direção espiritual, discernimento vocacional;
- propondo, para o crescimento vocacional do jovem, algumas experiências espirituais tipicamente salesianas: empenho pela Igreja, oração pessoal, participação assídua nos Sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, amor a Nossa Senhora Auxiliadora e a Dom Bosco.

IV. A COMUNIDADE SALESIANA: LUGAR PRIVILEGIADO DE FORMAÇÃO E ANIMAÇÃO

“Recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós, para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8).

“Cuidai de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos estabeleceu guardiães...” (At 20,28).

A. CHAMADO DE DEUS

49. Estamos convencidos de que Deus nos chama a viver em comunidades fraternas, segundo o modelo do discipulado vivido pelos doze e animado por Jesus.

Dom Bosco é para nós pai, modelo e mestre. Por meio do estudo, da oração e da experiência concreta, aprendeu a encarar a realidade, avaliá-la e achar as respostas adequadas para os eventos e as novas conjunturas. Por suas qualidades humanas e espirituais, reuniu em seu derredor uma comunidade fraterna e apostólica, em contínuo crescimento vocacional.

As comunidades salesianas de hoje querem continuar o espírito da comunidade de Dom Bosco e dos primeiros salesianos. Para nós a comunidade é um verdadeiro lar, onde em clima de fraternidade nos apoiamos uns aos outros no caminho de crescimento pessoal e vocacional, segundo as várias etapas e fases da vida. A vida comunitária já é em si mesma formativa.

50. Interpelados pelos jovens e impelidos pelo dinamismo de um mundo em mudança, atualizamos e aprofundamos nosso empenho vocacional. Em tal contexto, o diálogo com os leigos e o empenho pelo crescimento da CEP se tornam para nós um caminho de formação e de promoção do nosso carisma.
51. Incentivadas pelo vasto movimento de re-fundação da vida consagrada e na escuta dos sinais dos tempos, as nossas comunidades advertem a necessidade de uma constante transformação de mentalidade dos estilos de vida, dos critérios e das metodologias educativo-pastorais, como também das estruturas, em constante fidelidade ao carisma original. Sentem-se, por isso, chamadas a um esforço solidário de reflexão e de diálogo, de experimentação e de confronto, de decisões e de avaliação, que assegure uma formação contínua.
52. O Diretor – pai, mestre, irmão e amigo – é reconhecido e apoiado pelos irmãos como ponto de referência na vida cotidiana, e como animador de sua fidelidade e crescimento vocacional. Ele une, guia e estimula toda a comunidade a viver com profundidade a própria vocação à santidade no espírito de Dom Bosco.³⁶

B. SITUAÇÃO

53. A situação se apresenta com os seguintes *aspectos positivos*. Em muitas comunidades, os irmãos se mostram abertos à formação e à mudança. O desejo de crescimento vocacional se realiza:

³⁶ Cf. C 55.

- no amor fraterno e recíproco, na compreensão e na mútua aceitação, na oração comunitária, na colaboração para idear e realizar o projeto comum, no diálogo;
- na participação de especiais momentos comunitários, como a assembléia inspetorial e comunitária, o dia da comunidade, os retiros mensais e trimestrais, os exercícios espirituais.

Notam-se também algumas peculiares sensibilidades que contribuem para a formação:

- a responsabilidade pelo próprio crescimento humano e espiritual;
- a capacidade de partilhar a própria vida interior com os irmãos;
- a atenção à dimensão humana e afetiva da pessoa;
- o desejo não só de educar os jovens, mas também de deixar-se educar por eles;
- a mentalidade de planejamento, que leva a um envolvimento cada vez mais amplo;
- o empenho pela inculturação e pela inserção no contexto social e eclesial.

Em várias partes da Congregação está sendo avaliado positivamente o ministério do diretor e sublinham-se algumas condições que favorecem seu exercício:

- o seu papel como *pessoa da unidade e da fraternidade*;
- a capacidade de levar a comunidade por linhas de renovação e de resposta aos problemas do mundo de hoje, em sintonia com o magistério da Igreja e as indicações da Congregação;
- a atenção dos inspetores e de seus conselhos e a participação dos irmãos na escolha dos diretores;
- a preparação do diretor para o seu ministério;

- o apoio pessoal oferecido ao diretor por parte do inspetor.

54. Em algumas comunidades, porém, lamentam-se *dificuldades e incertezas* devidas a:

- a influência da cultura atual com os seus fenômenos de secularismo, relativismo, hedonismo e individualismo;
- o enfraquecimento da fé, que se manifesta no enfraquecimento da vida de oração, da fidelidade à celebração eucarística cotidiana e do sacramento da reconciliação, na leitura dos acontecimentos da vida e da história fundada em critérios não evangélicos, na diminuição do entusiasmo pela evangelização;
- a imaturidade humana, a fragilidade psicológica, a superficialidade nas relações, a insuficiente comunicação e diálogo;
- a insuficiência numérica e qualitativa, a pouca colaboração entre os irmãos, a diminuta ligação entre os vários papéis na comunidade e na missão, uma inadequada distribuição de tarefas, a falta de equilíbrio entre trabalho, estudo, oração;
- a incapacidade de os irmãos se acompanharem no crescimento, de se ajudarem nas dificuldades, de se apoiarem também com a correção fraterna;
- a crise do “colóquio fraterno” com o diretor;
- a insuficiente atenção aos irmãos jovens e em formação inicial;
- a descontinuidade entre a formação inicial e a permanente;
- a multiplicidade de compromissos do diretor ou a falta de hierarquização entre eles, que limitam a disponibilidade de energias e de tempo para servir os irmãos; às vezes, a ausência, até freqüente, do diretor da comunidade;

- a tendência, por parte do diretor, de “fazer” em vez de “mandar fazer”;
- em alguns casos, a sua inadequada preparação.

C. DESAFIOS E ORIENTAÇÕES OPERATIVAS

1. A Comunidade: lugar de formação e animação

DESAFIOS

55. A análise da situação evidencia a presença de múltiplos desafios, entre os quais se afiguram prioritários os seguintes:
- *Que atitudes favorecer para uma efetiva mudança de mentalidade e a abertura à renovação?*
 - *Em que condições é possível assegurar e melhorar o empenho de todos os irmãos na formação contínua?*
 - *Que experiências salesianas privilegiar e promover para enriquecer a formação da comunidade?*
 - *Como valorizar a vida cotidiana em sua dimensão formativa?*

ORIENTAÇÕES OPERATIVAS

Indicam-se especialmente as seguintes, como resposta aos desafios evidenciados, tendo em vista o futuro:

56. *Melhorar o empenho de toda a comunidade na formação:*
- habilitando os irmãos em formação inicial a adquirir as convicções e as atitudes necessárias para a formação permanente;
 - envolvendo todos os irmãos naqueles processos que promovem o confronto, o diálogo, a busca: programação

comunitária, avaliação sistemática da vida e da ação da comunidade;

- animando e acompanhando cada irmão no empenho pela própria formação por meio do projeto pessoal de vida.

57. *Privilegiar algumas áreas de formação:*

- o amadurecimento humano, especialmente o afetivo;
- a identidade vocacional cristã e salesiana (cf. *Ratio*, 26-37);
- a compreensão e o apreço do *Sistema Preventivo* como caminho para a santidade salesiana;
- a habilitação para trabalhar em equipe, também com os leigos, e para formular projetos e individualizar processos;
- o conhecimento do contexto cultural e da realidade juvenil, para a inculturação dos valores evangélicos e do carisma salesiano.

58. *Valorizar a vida cotidiana:*

- animando a comunidade a uma espiritualidade de comunhão,³⁷ pré-requisito de qualquer colaboração e partilha;
- envolvendo todos os recursos da comunidade tendo em vista a missão comum;
- favorecendo o crescimento da identidade religiosa por meio dos momentos comunitários, especialmente os encontros de programação e de avaliação, as assembleias comunitárias, o dia da comunidade;

³⁷ Esta espiritualidade de comunhão “significa em primeiro lugar ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós. (...) Significa também a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico, isto é, como ‘alguém que faz parte de mim’, para saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade. Espiritualidade da comunhão é ainda a capacidade de ver, antes de mais nada, o que há de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo como dom de Deus. (...) Espiritualidade da comunhão é, enfim, saber ‘criar espaço’ para o irmão, levando ‘os fardos uns dos outros’ (Gl 6,2) e rejeitando as tentações egoístas que sempre nos insidiam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes” (NMI 43; cf. ib.1).

- ajudando os irmãos a encontrar tempos e ritmos certos para superar o ativismo e a superficialidade, e programando com cuidado momentos para o estudo, a leitura pessoal, a reflexão comunitária, a partilha, a oração, o recreação e o descanso.

59. **Para realizar tudo isso se propõe:**

Em nível mundial

O Conselheiro geral para a formação e a sua equipe:

- continua a apresentar oportunamente e a valorizar a nova *Ratio*;
- coordena e fortalece os centros de formação permanente nacionais e internacionais;
- promove a valorização dos lugares salesianos para momentos de formação, também para os diferentes contextos culturais e lingüísticos.

60. *Em nível inspetorial*

- A Comissão inspetorial para a formação elabora o programa anual para a formação permanente, dando atenção especial à área afetiva e à capacidade de relacionamentos interpessoais.
- O delegado para a formação coordena programas específicos para responder às necessidades dos vários grupos de irmãos, sem esquecer os doentes e os idosos, para ajudá-los a viver sua situação com serenidade e espírito de fé.
- O Inspetor com o seu Conselho zela pela elaboração do *projeto inspetorial para a qualificação do pessoal*, de entendimento com a comissão da formação e em diálogo com os irmãos. Preocupa-se com dar a devida importância aos estudos filosóficos, pedagógicos, teológicos, salesianos, profissionais e acadêmicos.

- Toda a inspetoria prepara e favorece a efetiva possibilidade de se ter acesso às fontes da nossa espiritualidade.
- Onde se julgar conveniente, as casas de formação inicial sejam abertas também ao serviço e apoio da formação permanente de outros irmãos, dos membros da Família Salesiana e dos colaboradores leigos.
- Os irmãos tirocinantes, os coadjuutores que apenas terminaram a formação inicial e os sacerdotes nos primeiros anos de seu ministério pastoral sejam enviados àquelas comunidades que têm suficiente consistência, tanto qualitativa como quantitativa, e que estejam em condição de acompanhá-los em seu progresso.
- Ofereçam-se aos irmãos períodos consistentes de renovação e experiências espirituais capazes de sustentá-los nas várias etapas da vida.
- Desde o início da formação os irmãos sejam iniciados em variadas formas de aprendizagem cooperativa (*cooperative learning*).

61.

Em nível comunitário

- Fundamental fonte de formação espiritual continuam sendo: a celebração cotidiana da Eucaristia, o sacramento da Reconciliação, a liturgia das horas, a meditação, a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora e aos santos da Família Salesiana, e outras formas de oração.
- A *lectio divina*, pessoal e comunitária, seja favorecida como instrumento de crescimento da vida da comunidade e “escola de oração” para os irmãos, os leigos e os jovens, especialmente nos tempos fortes do ano litúrgico.
- Sejam valorizados o dia da comunidade e os vários encontros comunitários. Tais ocasiões sejam adequadamente preparadas e programadas a fim de que se tornem uma

oportunidade eficaz de crescimento espiritual e de partilha das próprias experiências pessoais.

- O projeto comunitário nasce da colaboração de todos os irmãos, podendo assim ser verdadeiramente partilhado e diligentemente avaliado.
- Também para efeito de formação, cada comunidade dê andamento a todas as medidas consideradas úteis para salvaguardar, reorganizar e enriquecer as suas bibliotecas e os arquivos documentais.

62. *Em nível pessoal*

- Dê o irmão a prioridade aos tempos de oração, de reflexão pessoal e de retiro, ao dia semanal da comunidade e às reuniões de planeamento e de avaliação.
- Valorize a direção espiritual, tanto pessoal quanto comunitária.
- Desenvolva, também com a ajuda das ciências humanas, as capacidades e as atitudes de autoconhecimento e auto-estima.
- O projeto pessoal de vida³⁸ pode tornar-se assunto do colóquio com o diretor.

2. Diretor: animador da comunidade

DESAFIOS

63. Na situação atual, vários são os desafios para o adequado exercício do ministério do diretor, entre os quais estes parecem ser os mais relevantes:

- *Como ajudar o diretor para que na comunidade possa ser não só homem de governo e último responsável pelas atividades mas sobretudo pai, guia, irmão e amigo?*

³⁸ *Ratiò*, 277.

- Como verificar que existem as condições para que um diretor possa desenvolver convenientemente o seu ministério?
- Como preparar adequadamente um irmão para a assunção do ministério de diretor?
- Como ajudar os irmãos a reconhecerem com fé o papel do diretor e apoiá-lo em seu serviço?

ORIENTAÇÕES OPERATIVAS

- 64.
- Seguindo o modelo de Dom Bosco, seja o diretor “uma figura paterna e, ao mesmo tempo, afetuosa e autorizada... Profundamente marcado pelo caráter sacerdotal, ele o traduz cotidianamente no ministério da palavra, da santificação e da animação”.³⁹
 - A primeira tarefa do diretor é a de animar a comunidade na caridade (“procure fazer-se amar”), cuidando dos seus irmãos, especialmente dos mais frágeis e dos que estão em formação inicial. O exercício do seu ministério requer, na situação atual, que leve em consideração a escala hierárquica das suas tarefas: servidor da unidade e da identidade salesiana, mestre e guia pastoral, orientador do trabalho educativo, gestor da obra.⁴⁰
 - O diretor “vive numa visão de fé, que se traduz na certeza de ter recebido de Deus quanto possa ser útil à comunidade. Por conseguinte, vive na oferta alegre das próprias possibilidades e na tranquilidade diante dos seus limites de temperamento ou de capacidade”.⁴¹ Ele goza

³⁹ Cf. J. Vecchi, *Spiritualità salesiana*. Ed. SDB, IVE-IVO, pp. 129-131.

⁴⁰ CG21, 52.

⁴¹ Cf. J. Vecchi, *Spiritualità salesiana*. Ed. SDB IVE-IVO, p. 25.

da confiança dos irmãos da casa e da inspetoria, e é aceito não só por aquilo que faz, mas sobretudo por aquilo que é e representa.

- Diante da multiplicidade e da delicadeza das tarefas do diretor, é de fundamental importância garantir-lhe uma boa preparação, prévia e contínua, com conteúdos e metodologias úteis ao seu serviço.

65. Propõe-se:

Em nível inspetorial

- O inspetor garante reuniões regulares dos diretores para a formação, o intercâmbio de informações e o entendimento sobre as atividades e a animação da inspetoria.⁴²
- Em nível interinspetorial ou regional são organizados cursos de preparação e de atualização para os diretores.

Em nível local

- A comunidade, sob a coordenação do diretor, elabora no início do ano o *plano comunitário anual*, no qual diretor e irmãos manifestam as próprias expectativas, partilham objetivos e critérios de ação, e programam os momentos comuns.⁴³
- O diretor, além de ter o apoio do Inspetor, seja ajudado e sustentado por uma válida figura de vigário e pela cooperação constante do seu Conselho.
- O diretor, sensível às necessidades dos irmãos e em diálogo com eles, empenha-se em favorecer e promover a maneira mais apropriada de realizar o colóquio, pronto a dar o primeiro passo.

⁴² Cf. R 145.

⁴³ Cf. C 181.

- O diretor, auxiliado pelo inspetor, procura garantir para si, também com a utilização das ciências humanas, uma adequada preparação.

V. CONDIÇÕES ORGANIZATIVAS E ESTRUTURAIS PARA VIVER E TRABALHAR JUNTOS

“Muitos sinais e prodígios eram realizados entre o povo pelas mãos dos apóstolos. Todos os fiéis se congregavam, bem unidos, no pórtico de Salomão. (...) Crescia sempre mais o número dos que pela fé aderiam ao Senhor, uma multidão de homens e mulheres” (At 5,12.14).

A. CHAMADO DE DEUS

66. Deus nos chama a “viver e trabalhar juntos” nas variadas situações sociais, culturais e religiosas em que vivem os jovens e a sermos nelas, como comunidade salesiana, sinais proféticos do seu amor e testemunhas dos valores do Reino dos Céus.

Estamos conscientes de que Deus nos pede que assumamos e realizemos a nossa missão em primeiro lugar como comunidade inspetorial e local.⁴⁴

67. Desenvolveram-se na Congregação diferentes modalidades de vida comunitária salesiana. Enquanto nos empenham a repensar e a renovar as modalidades operativas e organizativas da comunidade religiosa salesiana, elas nos convidam a avaliar continuamente *as condições* fundamentais que tornam possível uma vida comunitária significativa no cumprimento da nossa missão.

⁴⁴ Cf. C. 44. 49.

B. SITUAÇÃO

68. As Comunidades salesianas experienciam situações diversificadas e, em parte, novas quanto ao “viver e trabalhar juntos”. As novas situações de vida comunitária salesiana hoje se apresentam com as seguintes tipologias:

- Comunidades com um número reduzido de irmãos e empenhadas em animar uma pluralidade de obras e presenças, quer em terra de missão, quer em realidades com carência de pessoal.
- Comunidades inseridas em obras complexas, com desproporção entre trabalho e recursos e conseqüente fragmentação dos ritmos comunitários;
- Comunidades inseridas plenamente no tecido social até à partilha do estilo de vida do povo; que trabalham em estreita colaboração com a Igreja local; que colaboram com membros de outras religiões.
- Comunidades com presenças de leigos e de jovens dentro da vida comunitária.

Em muitas comunidades há experiências positivas nas quais transparece uma vida fraterna de sabor tipicamente evangélico, a partilha comunitária e o sentido de responsabilidade e de participação na missão.

69. Existem alguns aspectos que influenciam negativamente a significatividade do nosso “viver e trabalhar juntos”. Permanece em alguns casos um modelo operativo de comunidade que exige uma séria reconsideração do relacionamento Comunidade-Missão:

- elementos estruturais que influenciam o relacionamento comunitário, como a prevalência das relações funcionais sobre as fraternas; a pouca valorização do projeto co-

- mum e dos momentos destinados ao encontro fraterno; a falta de organização do trabalho e sua setorialização;
- horários, hábitos, esquemas que tornam a comunidade afeita a modalidades de ação pastoral, a respostas tradicionais que estão muito distantes da realidade e da cultura dos jovens de hoje;
- presenças que não provocam nenhum questionamento, que não estimulam comunhão e colaboração com aqueles que partilham o espírito e a mesma missão salesiana.

Essas condições constituem riscos concretos e reais para alguns irmãos, favorecendo cansaço físico e espiritual, situações de mal-estar psicológico e relacional, independência nas iniciativas, fragmentação no exercício da missão, dificuldades entre gerações, acúmulo de papéis e funções.

70. O processo rumo a uma comunidade de salesianos religiosos com a tarefa de animação por dentro de uma realidade mais ampla – a Comunidade Educativo-Pastoral – é irreversível.⁴⁵

Participam cada vez mais, no interior do núcleo animador da CEP, outros agentes (jovens, leigos, membros da FS, representantes da Igreja local e do território), os quais compartilham conosco a nossa espiritualidade e missão, empenhando-se na animação. Nesse núcleo, a comunidade salesiana desempenha o papel de referência carismática na qual todos se inspiram.

C. DESAFIOS

71. Como resposta ao chamado de Deus e à situação acima ilustrada, quatro são os desafios que pedem uma mo-

⁴⁵ Cf. *Relação do Vigário do Reitor-Mor ao CG25*, n. 321.

dalidade nova de organizar o nosso trabalho apostólico e a própria vida da Comunidade salesiana:

- Como superar a tendência ao individualismo, ao setorialismo e à pouca capacidade de partilha, que comprometem o nosso viver e trabalhar juntos?
- Como garantir uma consistência qualitativa e quantitativa da comunidade salesiana, como condição prévia para a vida fraterna, o testemunho evangélico e a presença entre os jovens?
- Como repensar o relacionamento entre as obras e a Comunidade salesiana, para assegurar-lhe o papel de garantia do carisma, de animação e de envolvimento de quantos compartilham o espírito e a missão de Dom Bosco?
- Como racionalizar o conjunto das presenças salesianas num determinado território, com o objetivo de assegurar as condições suficientes para uma vida comunitária e fraterna, e a animação da CEP?

D. ORIENTAÇÕES OPERACIONAIS

1. Trabalhar segundo um projeto comunitário

72. *Cada Comunidade partilha e elabora o próprio projeto comunitário e anualmente o avalia.*

Dá-se deste modo consistência à capacidade de “viver e trabalhar juntos”, superando a progressiva dispersão do trabalho individual e o risco da fragmentação. Trata-se de levar os Irmãos a se convencerem da necessidade de trabalhar de acordo com um mesmo projeto, que não significa necessariamente fazer juntos as mesmas coisas.

73. *A Comunidade se habilita a trabalhar segundo uma mentalidade de projeto:*

- Desenvolvendo entre os Irmãos uma visão partilhada do projeto comunitário e ajudando cada um a descobrir e valorizar dons e qualidades. A Comunidade aceita cada Irmão com sua riqueza e limites e atribui a cada um papéis de co-responsabilidade.
- Vivendo o projeto como um processo comunitário, que parte da vida concreta dos Irmãos. O objetivo não é só a redação final do projeto, mas sobretudo levar a efeito um confronto permanente sobre visões, valores, esperanças, que leve os Irmãos a um real viver e trabalhar juntos.
- Promovendo momentos de diálogo (assembléia dos Irmãos, Conselho local), de discernimento da vontade de Deus (momentos de oração, escuta da Palavra de Deus por meio da *lectio divina*, de confronto com o Magistério da Igreja e da Congregação), em sintonia com o Projeto Orgânico Inspetorial, cada Comunidade partilha, elabora e avalia todos os anos o caminho do próprio projeto.
- Questionando-se, particularmente, sobre os seguintes aspectos: O que queremos ser hoje como comunidade local? Como podemos, enquanto comunidade local, estar presentes de modo salesiano e religioso, animar a CEP e dar um testemunho evangélico? Quais as conseqüências concretas que brotam disso para a Comunidade? Quais as opções que devemos fazer agora? De que formação pessoal e comunitária estamos precisando?

74. *A elaboração do projeto comunitário empenha a comunidade nos seus diversos componentes:*

- Envolvendo cada Irmão para além da função que desempenha e fazendo apelo à sua co-responsabilidade. O

diálogo fraterno facilita a participação de todos, harmonizando o projeto pessoal de vida com o comunitário.

- Apontando, por meio da programação anual, objetivos, metas e ações que a própria comunidade se compromete a alcançar e a avaliar.
- Organizando de modo adequado e coerente o ritmo da vida comunitária, as atividades e os horários da vida religiosa e do serviço educativo pastoral, salvaguardando-lhe sempre o estilo salesiano.
- Garantindo ao diretor, a quem compete animar este processo com a ajuda de seu Conselho, o necessário apoio por parte do Inspetor e dos organismos de animação inspetorial, valorizando a contribuição das ciências humanas.
- Convidando o Inspetor com o seu Conselho à avaliação do itinerário de realização dos projetos de cada Comunidade e a sua consonância com o projeto inspetorial.

2. Garantir a consistência qualitativa e quantitativa da Comunidade salesiana

75. *A consistência qualitativa e quantitativa da Comunidade salesiana é condição fundamental para que cada Comunidade torne possível a experiência de vida fraterna, de testemunho evangélico, de presença animadora entre os jovens, de formação permanente, e realize de modo significativo a sua tarefa de animação na CEP, segundo o modelo operativo descrito pelo CG24.*⁴⁶

76. *Isto se realiza:*

- Cuidando do equilíbrio das novas fronteiras da missão salesiana e da consolidação ou redimensionamento das atuais, em nível mundial e inspetorial.

⁴⁶ Cf. CG24 159.173.174.

- Promovendo na comunidade inspetorial e local a consciência de uma missão comum, garantindo-lhe a qualidade espiritual e educativo-pastoral, mediante a formação permanente e o funcionamento dos organismos da comunidade (Conselho da Casa, Assembléia dos Irmãos, encontros fraternos regulares).

77.

Para alcançar esse objetivo:

- O Inspetor e o seu Conselho avaliam a consistência qualitativa e quantitativa das Comunidades existentes:
 - à luz do critério dos Regulamentos Gerais, artigos 20 e 150;
 - avaliando as oportunidades concretas de desenvolvimento que permitam alcançar, em tempo razoável, uma vida comunitária significativa;
 - definindo, em diálogo com as comunidades que vivem situações particulares relativamente à consistência quantitativa, as modalidades relativas ao exercício da autoridade e dos organismos da vida comunitária.
- Ao iniciar novas presenças e ao formar novas Comunidades, o Inspetor e seu Conselho, garantem a adequada consistência qualitativa e quantitativa a fim de que se realize:
 - uma vida fraterna de qualidade, segundo o estilo do espírito de família;
 - a programação e avaliação comunitária da missão confiada à comunidade;
 - a animação das obras e presenças e das respectivas CEPs;
 - o Reitor-Mor e o seu Conselho promovem, durante o sexênio, um processo de avaliação nas Inspetorias e Regiões que, por causa das novas situações, devem reestruturar a presença salesiana.

3. Redefinir a relação Comunidade e Obra

78. A relação entre Comunidade e Obra deve permitir à Comunidade salesiana viver e trabalhar conjuntamente e ser ponto de referência carismática no núcleo animador da CEP, o que supõe que o projeto comunitário esteja em sintonia com o Projeto Orgânico Inspetorial e com o de cada CEP.

79. *A Comunidade salesiana realiza sua tarefa de animação da CEP amadurecendo a convicção de que:*

- todos os salesianos religiosos, de acordo com suas possibilidades, são membros do núcleo animador, conscientes de que ele não se reduz à Comunidade SDB. Na linha de interpretação do artigo 5 dos Regulamentos Gerais e no espírito do CG24 e das sucessivas orientações⁴⁷, deve ser ainda mais incentivada a consciência de que a responsabilidade da animação da CEP deve ser partilhada com os leigos, superando resistências e entrando na perspectiva da co-responsabilidade carismática e pastoral;
- toda a Comunidade, ainda que representada por um só Irmão, se sente participante do núcleo animador da obra;
- o viver e trabalhar juntos da comunidade encontra uma perspectiva mais ampla, em nível de relações e de co-responsabilidade, no contexto da CEP;

⁴⁷ “O que entendemos por “núcleo animador”? Trata-se de um grupo de pessoas que se identifica com a missão, com o sistema educativo e com a espiritualidade salesiana e assume solidariamente a missão de convocar, motivar, envolver todos aqueles que se interessam por uma obra, para formar com eles a comunidade educativa e realizar o projeto de evangelização e educação dos jovens. O ponto de referência para o grupo é a comunidade salesiana. Isto quer dizer que os salesianos, todos e sempre, fazem parte do núcleo animador. Cada um, idoso ou jovem, diretamente empenhado em tarefas operativas ou em repouso, dá a contribuição permitida pela sua preparação ou situação. [...] Quer dizer que o núcleo local pode ser formado até mesmo por leigos, tendo sempre por trás um apoio suficiente por parte dos salesianos, na localidade ou na Inspetoria” (P. J. E. VECCHI, *ACG* 363, pp. 8-9).

- o relacionamento entre as estruturas de governo da comunidade religiosa e as estruturas de governo da obra deve ser harmonizado, evitando superposições.

80. *A comunidade salesiana vive a sua vocação de ser ponto de referência para a identidade carismática do núcleo animador da CEP, assumindo o modelo operativo descrito pelo CG24. Para tal fim, a Comunidade salesiana cresce:*

- formando os jovens e os leigos no carisma salesiano;
- partilhando com os leigos a própria missão;
- vivendo o espírito de família;
- promovendo uma verdadeira co-responsabilidade na animação e no governo;
- garantindo fidelidade à intencionalidade pastoral de todos os aspectos da vida comunitária;
- tornando-se promotora de paz e de justiça, e capaz de respostas concretas às necessidades dos pobres.

81. *A Comunidade salesiana favorece o seu relacionamento com a CEP:*

- vivendo com confiança e alegria o diálogo com os jovens do território;
- facilitando a participação dos salesianos, dos jovens e dos leigos no trabalho em rede, por meio do envolvimento das estruturas locais e inspetoriais;
- realizando o discernimento dos sinais dos tempos;
- formando lideranças profissionais na pastoral juvenil, nas dimensões da evangelização, da educação, do social e da pastoral vocacional;
- organizando uma pastoral que coordene entre si a CEP e o seu Conselho com a comunidade local com o seu Conselho⁴⁸.

⁴⁸ Cf. CG24, n. 161.

4. Elaborar e avaliar o Projeto Orgânico Inspetorial

82. A Comunidade inspetorial, por meio dos seus organismos, estude, elabore ou avalie, nos próximos três anos, o Projeto Orgânico Inspetorial.

O Projeto Orgânico Inspetorial apresenta as opções fundamentais que orientam o desenvolvimento da Inspetoria, assegurando-lhe a continuidade e a coerência das decisões. Compreende os campos de ação prioritários para os próximos anos, os critérios operativos que devem guiar os vários planos e projetos, as presenças a que dar atenção, as linhas gerais para a preparação do pessoal e o desenvolvimento econômico e estrutural, respondendo às urgências atuais e às previsões futuras emersas da análise do território.⁴⁹

83. *O Projeto Orgânico Inspetorial deverá buscar os seguintes objetivos:*

- reforçar em cada Irmão e em cada Comunidade o sentido da missão comum e da sua co-responsabilidade nela;
- redimensionar ou reestruturar as frentes de empenho e de desenvolvimento da Inspetoria;
- superar situações comunitárias de fragmentação, de dispersão e de inconsistência numérica;
- priorizar realmente as presenças mais significativas e proféticas, e expressar mais autenticamente a missão salesiana no território.

84. *Na elaboração e revisão do Projeto Orgânico Inspetorial, o Inspetor e seu Conselho, ajudado por uma equipe operativa, avaliam a significatividade da missão de cada uma das obras/presenças a partir dos seguintes critérios:*

- a consistência qualitativa e quantitativa da Comunidade salesiana;

⁴⁹ Cf. *A pastoral juvenil salesiana. Quadro de referência fundamental*, pág. 132.

- a possibilidade de uma vida religiosa fraterna no estilo salesiano, legível e significativa para os jovens e os leigos colaboradores;
- a presença entre os jovens, especialmente os mais pobres e necessitados, vivendo intensamente o sistema preventivo;
- a capacidade de oferecer respostas de qualidade educativa e evangelizadora aos desafios que chegam do mundo juvenil e do contexto social;
- a capacidade de juntar outras forças (leigos, jovens, Família Salesiana, outras inspetorias e organizações) e de suscitar vocações eclesiais, especialmente para a Família Salesiana;
- a promoção de presenças ágeis e leves, que permitam um dinamismo adequado à mudança das realidades;
- a capacidade de colaborar e de incidir, de modo eficaz e profético, na transformação evangélica do território.

CONCLUSÃO

85. Findos os trabalhos capitulares, deparamo-nos com a riqueza não tanto de um texto escrito, mas de uma experiência vivida: a experiência de uma comunidade fraterna que soube acolher e valorizar a diversidade, avivar e aprofundar as razões ideais do viver e do trabalhar, ampliar a escuta do mundo sobretudo juvenil, assumir as alegrias e as preocupações de tantos irmãos, trabalhar juntos, rezar juntos, partilhar o pão juntos. É o dom pascal da comunidade que queremos repartir com todos, renovando a nossa fé:

Creemos que a nossa comunidade
nasce da gratuita iniciativa do Pai,
afunda as raízes na Páscoa do Senhor,
é um dom sempre novo do Espírito Santo.

Creemos ser chamados a viver em comunidade
no seguimento do Senhor obediente pobre e casto
segundo o carisma de Dom Bosco
a serviço dos jovens, especialmente os mais pobres,
a fim de caminharmos juntos para a plena maturidade de Cristo.

Creemos que a comunidade salesiana,
guiada e amparada pela presença materna de Maria Auxiliadora,
constrói-se em torno da Palavra, do Pão e do Perdão,
e que, mediante o exercício da caridade e da correção fraterna,
torna-se lugar de misericórdia e reconciliação.

Creemos que a prática do Sistema Preventivo,
qual inspiração e mé todo para viver e trabalhar juntos,
fortalece as nossas relações com Deus,
aperfeiçoa os nossos laços fraternos
e reúne, numa única esperança, Salesianos, Jovens e Leigos
em clima de família, confiança e diálogo:

Creemos que a missão salesiana é confiada à comunidade:
por isso, todos somos participantes e co-responsáveis,
com a riqueza dos dons pessoais,
na complementaridade das vocações laical e presbiteral,
na valorização das competências, papéis e préstimos.

Creemos que cada uma de nossas comunidades,
vivendo o espírito de família,
atentando para as necessidades do território,

em união com toda a Família Salesiana,
se torna, para os jovens e irmãos:

- exemplo de vida rica de humanidade e graça,
- sinal luminoso de amor,
- escola de espiritualidade,
- proposta vocacional,
- profecia de comunhão.

86. Como os discípulos de Emaús, voltamos agora ao nosso ponto de vida e ação, conscientes de encontrar comunidades de irmãos com os quais partilhar esta fé. Confortados pelo dom do Espírito, responderemos juntos ao convite do “*Duc in altum!*” para uma missão ainda mais corajosa, certos de que o primeiro e fundamental apelo é o da santidade: “Caros salesianos, sede santos! É a santidade a vossa tarefa essencial, como é, aliás, para todos os cristãos”,⁵⁰ e convencidos de que o compromisso mais urgente é o de viver e comunicar uma espiritualidade de comunhão: “fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão: eis o grande desafio que nos espera se quisermos ser fiéis ao plano de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo”.⁵¹

Santidade e comunhão: eis os dons que queremos partilhar com os jovens.

⁵⁰ JOÃO PAULO II, *Discurso aos participantes do Capítulo Geral...*, em *L'Osservatore Romano* (it.), 13.04.2002, p. 5

⁵¹ NMI 43

Segunda Parte

A AVALIAÇÃO DAS ESTRUTURAS DE ANIMAÇÃO E DE GOVERNO CENTRAL

INTRODUÇÃO

87. O 25º Capítulo Geral procedeu à avaliação das estruturas de governo e do seu funcionamento, pedida na carta de convocação feita pelo Reitor-Mor, a partir de uma releitura atenta do conteúdo dos artigos 122 e 123 das *Constituições*, relativos aos princípios e critérios gerais do serviço da autoridade em nossa Sociedade. Além disso, assumiu em sua reflexão quanto relembrou o Conselho Geral, fundando-se nos estudos e na experiência do último sexênio, acerca do valor do princípio geral de “unidade em torno do Superior, considerado sempre como o centro de unidade e o animador da comunhão da comunidade em todos os níveis”⁵² e de alguns artigos constitucionais⁵³ específicos, relativos a:
- a natureza do Conselho geral que assiste o Reitor-Mor e

⁵² Cf. ACG 372, pp. 52-53.

⁵³ Cf. ACG 372, pp. 58-60.

- com ele colabora na função de governo e animação da Congregação (C 130);
- a articulação do Conselho em Conselheiros de setor e Conselheiros regionais, considerada substancialmente positiva para a animação e o governo da Congregação (C 133);
 - a residência dos Conselheiros regionais na sede do Conselho, considerada necessária para garantir a unidade de orientação e de ação na animação das Inspetorias (C 131);
 - a subsidiariedade e a descentralização, que reconhecem uma conveniente autonomia e uma justa distribuição de poderes entre os diversos órgãos de governo (C 124).

1. Relacionamento e ligação entre o Reitor-Mor com o seu Conselho e as Inspetorias e Regiões, e modalidades de animação e de governo

Expectativas

- 88.** As Inspetorias apreciam, em geral, a unidade da Congregação como fruto da comunhão e da fidelidade carismática. Mas desejam que o Conselho Geral fomente mais ainda o crescimento dessa unidade, levando na devida consideração as diversidades culturais presentes na Congregação, e acompanhe o processo de inculturação, especialmente nas situações problemáticas, assegurando desta forma a fidelidade carismática.
- 89.** As estruturas de animação e de governo já garantem a comunhão nos diversos níveis. As Inspetorias, entretanto, esperam um melhoramento, uma vez que a complexidade

cultural (mentalidade, organização social, sistema político e econômico, línguas, costumes, etc.) está em contínuo crescimento e se constatam quer um desenvolvimento ulterior em algumas regiões da Congregação no mundo, quer mudanças de situação (diminuição de irmãos, unificação de inspetorias, etc.) em outras.

90. A programação do sexênio do Reitor-Mor com o seu Conselho suscitou na Congregação interesse e consideração, e ajudou a todas as inspetorias a empreender o caminho do planejamento. Numerosas inspetorias aguardam um ulterior empenho do Governo central que, no típico estilo de família, favoreça, estimule e acompanhe o crescimento da “mentalidade de planejamento” na Congregação, nas Regiões e em cada Inspetoria, levando em consideração as diversidades culturais.

91. Muitas Inspetorias fazem uma avaliação substancialmente positiva do serviço de animação e de governo do Reitor-Mor e do seu Conselho (visitas de conjunto, visita extraordinária, escolas de formação, encontros na região, etc.). A presença do Reitor-Mor nas Inspetorias é especialmente apreciada como expressão de comunhão em torno do Sucessor de Dom Bosco. As Inspetorias, porém, manifestam o desejo de maior contato e proximidade com os Conselheiros gerais, a fim de garantir o conhecimento das diversas situações locais e facilitar uma coordenação mais eficaz, tanto inspetorial quanto regional. Aprecia-se o fato de que o mesmo Conselho, no meio do sexênio, tenha feito uma avaliação global, tendo em vista uma distribuição mais eqüitativa, nas Inspetorias, da presença animadora do Reitor-Mor e dos seus Conselheiros.

92. Constata-se que as cartas-circulares do Reitor-Mor são um bom serviço de unidade e entrosamento da Congregação. Deve ser mais proficuamente valorizado nas Inspetorias.

Problemáticas

93. O grande número de orientações, propostas, iniciativas, oferecidas pelos vários organismos de animação da Congregação (p. ex., Documentos dos Capítulos Gerais, Cartas do Reitor-Mor, documentos dos vários Setores, documentos das Visitas de conjunto, relatório final nas Visitas extraordinárias) torna difícil a atuação dos processos de mudança e de amadurecimento comum, por causa de uma certa dificuldade na assimilação dos conteúdos, das diferentes mentalidades dos irmãos, da debilidade de animação que pode existir em algumas Inspetorias ou Regiões.
94. A pluralidade e complexidade cultural, social e religiosa dos diversos contextos em que se deve encarnar o carisma salesiano exigem atuações diversificadas, pluralistas e objetivadas. A recíproca compreensão entre Conselho e Inspetorias e Regiões pode apresentar dificuldades.
95. Nota-se certa lentidão por parte dos organismos centrais em tomar as decisões necessárias; parece também que não se programam etapas e processos de realização, associados a formas de acompanhamento e de avaliação. Semelhante situação torna por vezes ineficaz a animação, e fraco o governo.
96. Perante as situações cada vez mais desafiadoras dos jovens do mundo, especialmente dos mais pobres e necessitados, parece às vezes faltar, por parte da Congregação, uma resposta adequada, com intervenções em seu favor em nível internacional e governativo para “dar voz àqueles que a não têm”.

97. As problemáticas assinaladas mostram **alguns desafios**, que o governo da Congregação deverá necessariamente enfrentar:

- viver e promover a unidade na crescente diversidade das culturas e situações em contínua transformação requer diálogo ininterrupto entre Centro e Inspetorias, para que, de um lado, se conheçam e levem em conta as situações e os problemas locais e, de outro, se crie abertura ao horizonte da universalidade da Congregação;
- governar e animar segundo processos de mudança e amadurecimento nas Inspetorias, segundo a própria situação e as reais possibilidades, requer mentalidade de projetar e visão atenta da unidade da missão salesiana;
- promover uma presença e uma ação aberta à realidade social, política e eclesial particular e global, implica a superação da tendência a uma ação por demais auto-referencial.

Critérios e linhas de ação

98. Para construir comunhão é necessária uma verdadeira interação na gestão dos problemas. Assim “para fomentar a união fraterna entre as diversas inspetorias e cuidar de uma organização cada vez mais eficiente para que seja realizada a missão salesiana no mundo” (C 130), sugere-se que o Reitor-Mor com o seu Conselho procure sempre mais e melhor:

- individuar e aprofundar os problemas comuns emergentes;
- promover e guiar a reflexão das inspetorias e das Regiões;
- propor aos respectivos organismos critérios de solução e orientações práticas.

À luz dessas considerações, o Reitor-Mor e os Membros do Conselho avaliem as várias exigências das Inspe-

torias, Conferências inspetoriais e Regiões, a fim de tornar-se presentes de modo mais significativo e eficaz.

99. Propõe-se que o Reitor-Mor com o seu Conselho encontre maneiras adequadas para avaliar com eficácia as Inspetorias ou Regiões interessadas: a programação do sexênio, as conclusões das Visitas de conjunto, as indicações da Visita extraordinária, especialmente acerca do empenho de inculturação, do grau de prática das deliberações do último Capítulo geral, do crescimento da mentalidade de projetar, do acompanhamento dos processos de mudança.
100. Para ajudar as Inspetorias a superar o risco de possível fechamento na própria realidade e exigências, e abri-las a uma visão comum e solidária das problemáticas e necessidades da própria e das outras Regiões (p. ex., quanto se refere aos centros de formação e de estudo, a obras de particular importância, ao desenvolvimento ou reestruturação das Inspetorias, ao apoio aos projetos da Região, à “*missio ad gentes*” etc.), o Reitor-Mor com o seu Conselho promova uma mentalidade aberta e solidária, chegando – em diálogo com as Inspetorias – também a intervenções operativas, e favorecendo a mobilidade e o intercâmbio de irmãos entre Inspetorias de diversas culturas.
101. As cartas-circulares do Reitor-Mor são um bom serviço para o entrosamento e a unidade da Congregação. A fim de que se possam melhor valorizar nas diversas comunidades, sugere-se que sejam escritas em linguagem mais simples e discursiva, e que se alternem as cartas ricas de conteúdo sobre temas empenhativos com outras familiares e informais, sobre a vida da Congregação.

102. Para favorecer o contato pessoal e o confronto vivo sobre o andamento da Inspeção, propõe-se que o Reitor-Mor e os Conselheiros de setor ofereçam àqueles Inspetores que o desejem, aí pela metade do seu mandato, a oportunidade de um encontro pessoal, tendo em vista uma avaliação da fidelidade ao carisma e da missão salesiana na Inspeção, e de uma partilha da programação do sexênio.
103. O futuro desenvolvimento da nossa missão exige a colaboração de um grupo de pesquisa e desenvolvimento formado por especialistas (salesianos e leigos) a serviço do Reitor-Mor e do seu Conselho, para responder a exigências específicas. Tal grupo permitiria ao Conselho geral oferecer intervenções significativas e eficazes, sobretudo em favor dos jovens e dos pobres em nível internacional e governativo.
104. O Reitor-Mor com o seu Conselho continue a experiência de elaborar a Programação do sexênio, experiência que todos avaliaram positivamente, fazendo a seguir, nos sucessivos documentos e propostas, constante referência a ela. Todo o Conselho geral proceda segundo projetos, programando etapas, processos e avaliações, consideradas muito importantes, e solicite por isso freqüentemente uma avaliação das várias propostas e iniciativas, também durante o seu desenvolvimento e não somente ao final.
105. Pede-se que as Regiões e as Inspetorias projetem e reprojtem as suas iniciativas, levando em séria consideração a programação feita pelo Reitor-Mor para o sexênio, com a finalidade de garantir uma caminhada unitária na Congregação.
106. Pede-se ao Reitor-Mor e ao seu Conselho que acompanhem de modo particular as Inspetorias ou Regiões que se

encontram em maiores dificuldades para caminhar segundo um planejamento e os relativos projetos inspetoriais.

107. O Conselho Geral, mediante os diversos setores, tem em vista responder às diversas exigências internas das várias Inspetorias. Tal tarefa, entretanto, não deve atenuar a nossa vocação como Congregação, que pede agir em defesa e promoção de toda a juventude do mundo, especialmente da mais pobre e necessitada, também em nível internacional, eclesiástico e civil.

2. Os Conselheiros de Setor

Expectativas

108. Enquanto o serviço de animação dos Conselheiros de setor nas Inspetorias é apreciado pelos recursos que eles podem dispensar, pelo estímulo de animação que podem oferecer e pelo encorajamento que dão às Inspetorias no desenvolvimento de um maior sentido de comunhão internacional e de entendimento interinspetorial, não falta outrossim um grande desejo, muito freqüentemente expresso, de que haja mais diálogo entre o Centro e as Inspetorias.
109. Num mundo onde as complexidades das várias culturas, línguas, raças, religiões e sociedades tornam difícil a comunicação, as Inspetorias esperam dos Conselheiros de setor que o programa de animação por eles proposto as ajude a enfrentar os problemas locais e, ao mesmo tempo, a ampliar os próprios horizontes. Tem-se às vezes a impressão de que algumas iniciativas propostas pelos vários

setores não correspondem às reais necessidades das Inspetorias.

110. Enquanto os Conselheiros de setor freqüentemente oferecem assessoria competente e serviço de animação às Inspetorias, estas percebem a necessidade de que haja uma coordenação das iniciativas e a exigência de se evitarem superposições, propostas paralelas ou concorrentes. O CG25 aplaude os crescentes esforços de coordenação entre os Conselheiros de setor no último sexênio (p. ex., o *Vade-mécum* do Conselho geral, a programação do sexênio e a sua avaliação, as iniciativas interdicasteriais) e os encoraja a prosseguirem nessa mesma direção.

Problemáticas

111. Evidencia-se a falta de suficiente comunicação, de ida e volta, na preparação de programas; isso pode diminuir a eficácia da precisão na redação dos processos e enfraquecer as Inspetorias nas suas iniciativas.
112. A falta de estudos e projetos interdisciplinares entre os vários Setores pode dificultar a plena compreensão da situação juvenil, que está hoje em rápida mudança e supera freqüentemente delimitações setoriais. O estudo de temas de atualidade como a diferença crescente entre ricos e pobres, as questões dos direitos da criança e dos jovens, o desaparecimento da unidade familiar, a influência da tecnologia da informação e da comunicação, o processo de globalização, etc., poderia preencher a lacuna evidenciada.
113. Recolhendo as instâncias de alguns Capítulos Inspetoriais, da assembléia da Casa Geral e da própria re-

lação do Vigário do Reitor-Mor, assinala-se o desejo de uma reorganização das estruturas que operam na Casa Geral.

Crerios e linhas de ação

114. O pedido das Inspetorias de contar com uma presença e proximidade significativas por parte dos Conselheiros de setor reflete um desejo profundo de empenhar-se num diálogo efetivo a respeito da melhor maneira de responder aos sinais dos tempos. Isto implica uma mudança de mentalidade, tanto no Centro quanto nas Inspetorias. Julga-se importante que se trabalhe juntamente com as Conferências e com os grupos de Inspetorias, para, de preferência a virem do alto, projetar decisões em rede, envolvendo centros e delegados regionais ou inspetoriais.
115. No último sexênio fizeram-se experiências positivas de estudos coordenados entre vários Setores (p. ex., sobre voluntariado, meninos de rua etc.). A necessidade de respostas mais flexíveis e concernentes a situações de extenso raio e complexas, implica coordenação entre os setores e com os Regionais. Propõe-se que esta seja uma preocupação constante do Vigário do Reitor-Mor, a fim de coordenar as iniciativas interconexas, favorecendo uma reflexão e avaliação transversal. No plano operativo poder-se-ia envolver, vez por vez, o Conselheiro mais interessado.
116. Os Conselheiros de setor valorizem adequadamente quanto sugerem os *Regulamentos* no artigo 107 (utilização de departamentos técnicos e de consultorias) e se valham de comissões qualificadas de especialistas para planejar, programar e verificar as atividades de animação. O pesso-

al profissionalmente preparado a serviço dos vários setores se mantenha atualizado com projetos de formação contínua e garanta continuidade de programação.

117. Pede-se ao Reitor-Mor que tome as decisões mais oportunas para a Comunidade Beato Miguel Rua, da Casa Geral, não excluindo eventuais articulações internas, que visem tornar mais fraterna, agradável e co-responsável a vida dos irmãos chamados a trabalhar no serviço do governo central da Congregação.

3. Os Conselheiros regionais e os grupos de Inspetorias

Expectativas

118. Pelo exame do documento pré-capitular, das contribuições dos Capítulos Inspetoriais e do Conselho Geral, constata-se que, em geral, a figura do Conselheiro Regional é apreciada nas Inspetorias. É avaliada de maneira positiva a programação realizada pelo próprio Conselho geral.
119. Considera-se importante e necessário o Conselheiro regional, no seu papel de ligação entre o Reitor-Mor com seu Conselho e as Inspetorias, como serviço à unidade e à descentralização. Avalia-se positivamente a sua residência em Roma, mas deseja-se uma adequada distribuição do tempo entre sede, Regiões e Inspetorias. A Visita extraordinária é apreciada como oportunidade para a Inspetoria avaliar e renovar a sua caminhada, para iluminar a sua programação, como experiência de unidade e comunhão com o Reitor-Mor, como momento forte de fraternidade e de diálogo.

120. Os grupos de Inspetorias esperam maior proximidade, acompanhamento e animação. Isso em certas ocasiões se torna difícil, em consequência da complexidade de culturas, línguas, situações políticas e sociais e da extensão geográficas de algumas Regiões.

Problemáticas

121. Vários fatores tornam difícil o andamento concreto da tarefa do Regional:
- a complexidade geográfica, cultural, lingüística, política, social... de algumas Regiões;
 - a dificuldade para o Regional de achar um equilíbrio entre tempo passado nas visitas extraordinárias e o tempo necessário para o acompanhamento das Inspetorias;
 - a crescente complexidade da vida e missão das Inspetorias, que torna mais difícil a mesma visita extraordinária por causa do incremento das relações, não só com os irmãos e os organismos comunitários, mas também com os diferentes grupos da Família Salesiana e os organismos de animação da CEP e dos jovens.
122. Muitas Inspetorias interessadas apresentaram a proposta de dividir o grupo das Inspetorias da Austrália-Ásia, por causa do notável crescimento da Região no sexênio e das expectativas para o futuro, pela dificuldade de acompanhamento e de coordenação, pela complexidade cultural, religiosa e social, e pela extensão geográfica da Região.
123. Foi examinada também a situação da Região África-Madagáscar. Por causa da complexidade das línguas, culturas, religiões etc., algumas Inspetorias envolvidas propuseram a divisão dessa Região.

124. Considerando as propostas de algumas Inspetorias das Regiões da Europa mais envolvidas, estudou-se a realidade dos agrupamentos atuais. Constatou-se: a extensão geográfica e a complexidade lingüística, histórica, política e cultural da Região Europa Norte; a nova mentalidade europeia que está crescendo nos diferentes países, com profundos processos de aproximação e partilha política, econômica, cultural e social. Observa-se porém que dentro da Congregação existem atualmente processos de reorganização e re-agrupamento de Inspetorias com conseqüências previsíveis, dentro de um futuro próximo, na configuração das regiões na Europa; e que, apesar de se perceber nas Inspetorias esta sensibilidade, não chegaram propostas concretas, convergentes e viáveis de mudança.

Crerios e linhas de ação

125. No que tange à ação dos Conselheiros regionais propõe-se:

- que na programação inicial do Conselho seja confiado ao Regional um número equilibrado de Visitas extraordinárias a fazer, contando com a ajuda dos outros membros do Conselho Geral;
- realizar a Visita extraordinária, além do modo atual de fazê-la, estruturando-a diferentemente, garantindo sempre a cada irmão a possibilidade do encontro pessoal e o adequado conhecimento da caminhada da Inspetoria e a consecução dos objetivos indicados pelo Reitor-Mor para a visita;
- dispor de colaboradores, se for necessário, para tornar possível um equilibrado trabalho de animação, acompanhamento das diversas inspetorias e da aplicação das orientações da visita extraordinária.

126. No que respeita à **organização dos grupos de Inspetorias**, sugere-se:
- redimensionar adequadamente algumas Regiões, levando em consideração os critérios de extensão geográfica e de diversidade cultural;
 - zelar por uma adequada articulação interna da Região em conferências ou instâncias intermédias que garantam a agilidade e a organicidade da animação.
127. Em resposta aos pedidos feitos, o grupo das Inspetorias agora confiado ao Conselheiro regional para a Austrália-Ásia é subdividido em dois grupos:
- **grupo Ásia Sul:** Índia-Bangalore, Índia-Mumbai, Índia-Calcutá, Índia-Dimapur, Índia-Guwahati, Índia-Hiderabad, Índia-Madras, Índia-Nova Délhi, Índia-Tiruchy;
 - **grupo Ásia Leste-Oceânia:** Austrália, China, Coréia, Filipinas Norte, Filipinas Sul, Indonésia-Timor, Japão, Tailândia, Vietnã.
128. Considerando que a Região África-Madagáscar está ainda em período de consolidação e que o número dos irmãos e das Inspetorias não é grande, julga-se que os problemas existentes podem ser resolvidos mediante adequada distribuição e coordenação das Inspetorias em Conferências.
129. Julga-se para o momento não ser conveniente proceder a mudanças na configuração das Inspetorias europeias. Propõe-se todavia confiar ao Conselho Geral, envolvendo especialmente os três Conselheiros regionais interessados, o encaminhamento de um estudo da situação, apoiando-se em oportunas consultorias, processos e experiências de coordenação. Tal estudo deveria prever, se parecer conveniente, uma nova distribuição das Inspetorias da Europa,

mais cônica com a sensibilidade e a mentalidade europeias emergentes, no campo da cultura e da realidade política, social e religiosa. Entrementes, sugere-se a criação de uma secretaria de coordenação das iniciativas de âmbito europeu, que dependa dos três Conselheiros regionais da Europa e trabalhe de entendimento com os Conselheiros de setor interessados.

- 130.** Como consequência, o quadro global de configuração dos grupos de Inspetorias para o próximo sexênio é o seguinte: Grupo África-Madagáscar (inalterado); Grupo América Latina Cone Sul (inalterado); Grupo Interamerica (inalterado); Grupo Ásia Sul (novo); Grupo Ásia Leste-Oceânia (novo); Grupo Europa Norte (inalterado); grupo Europa Oeste (inalterado); grupo Itália-Oriente Médio (inalterado).

DELIBERAÇÕES E ORIENTAÇÕES REFERENTES ÀS CONSTITUIÇÕES E REGULAMENTOS E O GOVERNO DA SOCIEDADE

As modificações do texto das Constituições, deliberadas pelo CG25, foram aprovadas pela Sé Apostólica com Rescrito da Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica N. T.9-1/2002, com data de 3 de abril de 2002.

Baseado na avaliação levada a termo sobre as estruturas do governo central, visando também ao seu adequado funcionamento para a animação e a condução da Sociedade nos seus diversos níveis, levando em conta a reflexão e as propostas feitas pelos Capítulos Inspetoriais e pelos irmãos – como também se deduz do relativo documento capitular produzido sobre a avaliação – o Capítulo Geral 25 aprovou as seguintes deliberações referentes às modificações do texto das Constituições e dos Regulamentos gerais, e outras orientações operativas sobre o governo da Sociedade.

1. LIMITAÇÃO DA PERMANÊNCIA NO CARGO DE REITOR-MOR (C 128)

131. O Capítulo Geral 25º, consideradas as propostas chegadas ao mesmo Capítulo,

tendo presente a indicação geral do Código de Direito Canônico⁵⁴ acerca da duração dos cargos nos Institutos de vida consagrada, como também a norma já adotada em nosso direito próprio para os Superiores em nível inspetorial e local,⁵⁵

considerando outrossim, por um lado, o notável empenho exigido por tão alta responsabilidade e, por outro, a aceleração histórica e a grande complexidade do momento que vivemos, de modo que dois sexênios já parecem suficientes para que uma pessoa possa dar o melhor de si mesma,

aprova a seguinte modificação (*em itálico*) ao artigo 128 das Constituições

128. O Reitor-Mor é eleito pelo Capítulo Geral por um período de seis anos e pode ser *eleito somente para um segundo sexênio consecutivo*. Não pode demitir-se do cargo sem o consentimento da Sé Apostólica.

⁵⁴ Cf. Cân. 624

⁵⁵ Cf. C 163 e 177; R 171

2. LIMITAÇÃO DA PERMANÊNCIA NO CARGO DOS MEMBROS DO CONSELHO GERAL (C 142)

132. O Capítulo Geral 25º, consideradas as propostas chegadas ao mesmo Capítulo,

tendo presente a indicação geral do Código do Direito Canônico⁵⁶ acerca da duração dos cargos nos Institutos de vida consagrada, como também a norma já adotada em nosso direito próprio para os Superiores em nível inspetorial e local;⁵⁷

considerando, também, por um lado, o notável empenho exigido por um encargo em nível de Conselho Geral e, por outro, a aceleração histórica e a grande complexidade do momento que estamos vivendo, de modo que dois sexênios já parecem suficientes para que uma pessoa possa dar o melhor de si,

aprova a seguinte modificação (*em itálico*) do artigo 142 das Constituições:

142. *O Vigário do Reitor-Mor, os Conselheiros de setor e os Conselheiros regionais permanecem no cargo seis anos e*

⁵⁶ Cf. cân. 624

⁵⁷ Cf. C 163 e 177; R 171

*podem ser reeleitos só para um segundo sexênio consecutivo respectivamente no cargo de Vigário do Reitor-Mor, de Conselheiro de setor, de Conselheiro regional, salvo o caso previsto pelo artigo 143 das Constituições.*⁵⁸

Se algum dos membros do Conselho Geral falecer ou ficar definitivamente impedido, o Reitor-Mor, com o consentimento do seu Conselho, confiará o encargo, até o fim do sexênio, a quem no Senhor julgar mais idôneo.

⁵⁸ Interpretação prática do Capítulo Geral: “Um Conselheiro regional não pode ser eleito para um terceiro mandato consecutivo como Conselheiro regional, mesmo no caso em que seja destinado a uma Região diferente da ou das precedentes, mas pode ser eleito Conselheiro de setor ou Vigário do Reitor-Mor. *Do mesmo modo*, um Conselheiro de setor não pode ser eleito para um terceiro mandato consecutivo como Conselheiro de setor, mesmo no caso em que seja destinado a um setor diferente do ou dos precedentes, mas pode ser eleito como Conselheiro Regional ou Vigário do Reitor-Mor. Enfim, o Vigário do Reitor-Mor não pode ser eleito para um terceiro mandato consecutivo, mas pode ser eleito Conselheiro de setor ou Conselheiro Regional”.

3. ATRIBUIÇÃO DO SETOR DA FAMÍLIA SALESIANA AO VIGÁRIO DO REITOR-MOR E CONSTITUIÇÃO DO CONSELHEIRO PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL (C 133. 134. 137)

133. O Capítulo Geral 25º, consideradas as propostas chegadas ao mesmo Capítulo,

a fim de melhor evidenciar o serviço de unidade que compete ao Reitor-Mor na Família Salesiana (C 126), tendo presente que o Vigário do Reitor-Mor pode contar com uma rede organizativa bem estruturada nos vários níveis acerca dos grupos confiados ao cuidado direto dos salesianos e que, para os outros membros da Família Salesiana, existem a “Carta de comunhão na Família Salesiana” e a “Carta da missão da Família Salesiana”, e que o mais vasto empenho de promoção do Movimento salesiano e do carisma salesiano pode ser desenvolvido em colaboração com os outros conselheiros, tanto de setor quanto regionais;

e, além disso, considerando a crescente importância do setor da comunicação no contexto da atividade da Congregação Salesiana no espírito do artigo 6 das Constituições e do artigo 43, que afirma ser este “um campo significativo de ação, que está entre as prioridades apostólicas da missão salesiana”,

aprova as seguintes modificações (*em itálico*) dos artigos 133, 134 e 137 das Constituições:

Artigo 133:

Os conselheiros encarregados de setores especiais são: o conselheiro para a formação, o conselheiro para a pastoral juvenil, *o conselheiro para a comunicação social*, o conselheiro para as missões e o ecônomo geral.

Artigo 134:

O Vigário é o primeiro colaborador do Reitor-Mor no governo da Sociedade e tem poder ordinário vicário.

Faz as vezes do Reitor-Mor ausente ou impedido. É-lhe confiado de modo especial o cuidado da vida e da disciplina religiosa.

Tem o encargo de animar a Congregação no setor da Família Salesiana. Promove, de acordo com o artigo 5 das Constituições, a comunhão dos vários grupos, respeitando a sua especificidade e autonomia. Além disso, orienta e assiste as inspetorias para que em seus territórios se desenvolvam, segundo os respectivos estatutos, a associação dos Cooperadores salesianos e o movimento dos Ex-Alunos”.

Artigo 137:

O conselheiro para a comunicação social tem o encargo de animar a Congregação nessa área. Promove a ação salesiana no setor da comunicação social e de modo particular coordena, em nível mundial, os centros e as estruturas que a Congregação administra nesse campo.

4. MODIFICAÇÃO DO ARTIGO 24 DOS REGULAMENTOS GERAIS

(Procuradorias em nível de Congregação)

134. O Capítulo Geral 25º, havendo considerado a proposta que fora encaminhada pelo Conselho geral,

havendo também considerado a necessidade de melhor articular a responsabilidade do ecônomo geral na gestão e distribuição dos recursos das procuradorias missionárias internacionais, juntamente com a do conselheiro geral para as missões,

para favorecer uma individuação mais pontual e correta dos recursos e uma coordenação mais racional de sua distribuição, dado também o notável desenvolvimento assumido pelas procuradorias e organizações não governativas (ONG) internacionais,

aprova a seguinte modificação (*em itálico*) do artigo 24, inciso 2, dos Regulamentos gerais, relativo à constituição das procuradorias missionárias em nível de Congregação:

“Sua organização e funcionamento dependerão do inspetor ou dos inspetores em cujas circunscrições atua a procuradoria, após acordo com o Reitor-Mor e em consonância com o conselheiro geral para as missões *e com o ecônomo geral*”.

5. DIVISÃO DO GRUPO DE INSPETORIAS AUSTRÁLIA-ÁSIA

135. O Capítulo Geral 25, consideradas as propostas enviadas ao mesmo Capítulo,

tendo presente o notável incremento da Região no sexênio e as expectativas para o futuro, a dificuldade de acompanhamento e de coordenação, a sua complexidade cultural, religiosa e social, e a sua extensão geográfica;

e levando também em consideração que já existe uma conferência que reúne as Inspetorias da Índia, que a realidade atual da Índia é intercultural, inter-religiosa e inter-lingüística, e que o número das inspetorias e dos irmãos é adequado, aprova a seguinte divisão do grupo de Inspetorias Austrália-Ásia:

GRUPO ÁSIA SUL, que compreende as Inspetorias::
Índia-Bangalore, Índia-Mumbai, Índia-Calcutácut, Índia-Dimapur, Índia-Guawahati, Índia-Hiyderabad, Índia-Madras, Índia-Nova Délhi, Índia-Tiruchy;

GRUPO ÁSIA LESTE-OCEÂNIA, que compreende as Inspetorias: Austrália, China, Coréia, Filipinas Norte, Filipinas Sul, Japão, Tailândia, Vietnã, e a Visitadoria Indonésia-Timor.

6. ORIENTAÇÃO OPERATIVA SOBRE AS MODALIDADES DE REALIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS GERAIS

136. O Capítulo Geral 25

- em vista do pedido feito por muitos capitulares de uma disposição menos monotemática e mais projetual, aberta a uma avaliação da situação geral e a uma mais específica e objetiva capacidade de intervenção;

- dada a presença no capítulo de membros representativos de toda a Congregação e a necessidade de promover um conhecimento melhor e avaliação das situações e perspectivas em nível de Regiões e de áreas culturais contíguas;

- considerando o alto e crescente número de capitulares, que exige uma modalidade de desenvolvimento que favoreça as relações interpessoais, melhor conhecimento dos candidatos para as eleições e a partilha de experiências específicas significativas.

- levando em conta a conseqüente necessidade de uma atualização do regulamento do Capítulo geral;

aprova a seguinte orientação operativa:

O CG25 solicita ao Reitor-Mor com o seu Conselho que faça, no próximo sexênio, uma apreciação da celebra-

ção dos últimos Capítulos gerais, a fim de avaliar e propor uma modalidade de desenvolvimento mais ágil e que vise, além de realizar as disposições constitucionais, a desenvolver um exame da situação da Congregação e a delinear as linhas fundamentais de política congregacional a serem levada a efeito no sexênio seguinte.

Mensagens

1. O CG25 AOS IRMÃOS SALESIANOS

ACOLHAMOS A GRAÇA QUE NOS FOI DADA NA BEATIFICAÇÃO DO SALESIANO COADJUTOR ARTÊMIDES ZATTI

137. Nós, membros do CG25, damos graças ao Pai, que quis iluminar este Capítulo Geral com o dom da beatificação de três membros da Família Salesiana: a Irmã Maria Romero Meneses, o Sr. Artêmides Zatti e o P. Luís Variara.

Para Artêmides Zatti chamou o P. Juan Edmundo Vecchi com particular insistência a nossa atenção, para que dele fizéssemos o sinal de um renovado empenho de toda a Congregação, reconhecendo a atualidade da vocação do salesiano coadjutor e promovendo-lhe o crescimento, por fidelidade ao espírito de Dom Bosco. Em Zatti, na verdade – como nos salesianos coadjutores mártires já beatificados –, realiza-se de modo especial aquela “*medida alta*” da vocação salesiana ordinária, que nos leva às raízes da nossa consagração.

Numerosos elementos de esperança convidam-nos a propor com convicção um novo empenho. Os jovens, que entram em nossos noviciados para serem salesianos leigos, demonstram apreciar esta vocação. Em todo lugar, no mundo salesiano, há figuras de salesianos leigos, que vivem a vocação de modo alegre e atraente, manifestando-

lhe a plenitude no complexo mundo da comunicação, na formação ao trabalho, na solidariedade social, na educação da fé, na audácia missionária, na formação à salesianidade.

João Paulo II – por ocasião da beatificação do Sr. Artêmidés Zatti – sublinhou “a sua incessante e alegre atividade”, “o seu caráter jovial e particular competência, unidos a uma disponibilidade sem limites” (*Audiência de 15 de abril de 2002*). Manifesta-se, de fato, com especial evidência, nos salesianos irmãos leigos, o testemunho de uma vocação salesiana que reúne em si, por meio da caridade educativa e solidária, os dons da consagração e os da laicidade. Às comunidades religiosas ela relembra os valores da criação e das realidades seculares; às famílias e aos leigos, os valores da total dedicação a Deus pela causa do Reino (cf. CG24, 154). O salesiano irmão torna-se assim protagonista daquela nova civilização do amor e da vida, por que tanto anseiam as pessoas do nosso tempo.

A sua especial ligação com o mundo do trabalho faz deles os protagonistas de uma aventura educativa em que se encontram sociedade civil e comunidade eclesial, valores seculares e anúncio cristão, para que, em todos os lugares, por meio do trabalho, transpareça aquele homem que Deus deseja.

A nossa reflexão sobre a “comunidade salesiana hoje” voltou a confirmar-nos na convicção de que ela é salesianamente mais propositiva quando dela fazem parte salesianos coadjutores e salesianos sacerdotes. Não pode haver esforço de renovação comunitária se não se traduzir também no renovado empenho para que cada comunidade salesiana possa viver a plenitude da própria identidade, com a presença daqueles que, com dons diferentes e com-

plementares, revelam o semblante de Dom Bosco.

Salesianos sacerdotes e salesianos leigos olham juntos para Dom Bosco, a fim de reapresentá-lo ao mundo. Juntos vivem-lhe o espírito e lhe perpetuam a missão a serviço dos jovens e do povo de Deus. Juntos e em contínuo diálogo recíproco, cada qual se torna salesiano mais verdadeiro, porque mais radicado na própria identidade vocacional. E juntos também sobem às honras dos altares.

Com a presença do salesiano leigo, a comunidade salesiana se completa e adquire plena eficácia. Já experimentamos todos como o irmão coadjutor sabe ser “homem da comunidade”, disposto quer para as grandes responsabilidades quanto para as pequenas diaconias cotidianas, rico do gosto da “casa”, capaz de construir relações simples e fraternas. “Os ‘religiosos irmãos’ lembram eficazmente aos próprios religiosos sacerdotes a dimensão fundamental da fraternidade em Cristo” (VC, 60).

O CG25 nos convida a amar as nossas comunidades, seguindo o exemplo de Zatti, que – para usar ainda as palavras de João Paulo II – manifestou um “serviço apaixonado, competente e cheio de amor”, sendo a um só tempo “pontual no cumprimento dos seus deveres comunitários” e “totalmente devotado ao serviço dos necessitados” (*Homilia da Missa de Beatificação*). Dele – autêntico construtor de comunidade – se disse que não só era “médico”, mas sabia transformar-se em “*medicina*” (= remédio), em força da relação evangélica que ele transmitia aos que dele se aproximavam.

Os eventos lembrados nos animam e impelem a tornar operativo em cada inspetoria o compromisso renovado, extraordinário e específico, para com a vocação do

salesiano irmão leigo, especialmente na pastoral juvenil e na Família Salesiana.

É vivo o desejo de que a ela se dê maior visibilidade no mundo da educação e da promoção humana, nos fóruns e nos encontros juvenis, nas iniciativas, que visam a fazer conhecer a vocação salesiana, nas equipes e nos conselhos onde, em diferentes níveis, se projeta e anima a vida e a missão dos filhos de Dom Bosco.

A memória litúrgica do bv. Artêmidas Zatti, que começaremos a celebrar dia 15 de março, e o dia mundial anual da Vida consagrada são chamados a tornar-se – para cada comunidade educativa – ocasião de testemunho e de oração, para que esta vocação continue a florir, para o bem dos jovens e para a plenitude do espírito de Dom Bosco.

Enquanto vos escrevemos esta mensagem, com o coração ainda cheio de entusiasmo pela experiência de graça feita nestes dias, pedimos o apoio da vossa oração, para que seja dada eficácia ao renovado empenho da Congregação no serviço à vocação do salesiano leigo.

Roma, 15 de abril de 2002.

2. O CG25 à Família Salesiana

138. Caríssimos irmãos e irmãs,
ao final do nosso CG25 queremos que vos chegue, a cada grupo e a cada membro da Família Salesiana, uma saudação especial e um profundo agradecimento.

Somo-vos gratos pelas mensagens e contribuições que enviastes, por terdes acompanhado com a oração e seguido com interesse o desenrolar-se do Capítulo e por haverdes manifestado a vossa alegria e os votos ao novo Reitor-Mor, o qual é para todos nós o Sucessor de Dom Bosco.

A festa da beatificação, que recentemente vivemos juntos, representa um momento significativo de reconhecimento por parte da Igreja. Os novos bem-aventurados – uma irmã, um coadjutor e um sacerdote –, unidos pela mesma vocação e impulso apostólico, são um poderoso chamado à santidade de vida para toda a Família Salesiana.

Durante as nossas reflexões capitulares tivemos presentes as vossas contribuições e expectativas, relativas à comunidade salesiana: auguramo-nos que no documento final possais encontrar resposta aos vossos desejos. Os pedidos mais insistentes feitos em vossas mensagens pedem

com instância nossa capacidade de ser guias espirituais e a disponibilidade de acolher-nos com reciprocidade, como irmãos e irmãs, a fim de oferecermos aos jovens uma educação válida e testemunhar o Evangelho na sociedade dos nossos dias. Isto certamente ser-nos-á de auxílio para compartilhar a riqueza espiritual do carisma de Dom Bosco.

Expressamos de várias maneiras no texto capitular o nosso propósito de trabalhar em rede e crescermos juntos. A complexa realidade do mundo em que vivemos está a nos pedir que partilhemos, cada vez mais profunda e co-responsavelmente, a espiritualidade que Dom Bosco nos confiou, e a missão juvenil e popular a que somos chamados.

Conscientes da nossa especial responsabilidade na Família Salesiana, na qual Dom Bosco é Pai e Guia, entendemos trabalhar juntos para o crescimento da vocação dos diversos Grupos, testemunhando a autenticidade do espírito e a comunhão dos corações.

O tema vocacional é preocupação comum, de todos os Grupos da Família. Pelo que nos diz respeito, quisemos dedicar uma atenção especial à vocação do salesiano coadjutor, figura original e essencial do nosso carisma.

Segundo a nossa missão, muitos de nós estão empenhados na educação e na evangelização dos jovens e do povo. Em escolas, oratórios, obras sociais, centros para jovens em dificuldade, paróquias e outras realidades, trabalhamos e nos formamos juntos para servi-los cada vez melhor. É na formação partilhada que depositamos a nossa força e a nossa esperança. Com a prática do Sistema Preventivo nos tornaremos capazes de ser na sociedade e na Igreja uma proposta significativa no campo da educação. Nestes últimos anos temos depositado grande confiança nos leigos, como autênticos colaboradores e prota-

gonistas: assiste-se agora, em todo o mundo, a uma expansão desse movimento laical salesiano.

O nosso Capítulo, refletindo sobre ‘a comunidade salesiana hoje’, confirmou o inderrogável empenho de crescer na fraternidade e no testemunho de vida. O “viver e trabalhar juntos” como irmãos, segundo o mesmo carisma, quer ser o ideal e êxito da vida em comunidade, na qual o amor fraterno se torne visível e intenso. Esta força contagiosa redundará em benefício de toda a Família Salesiana, que saberá enriquecer-se mutuamente, a fim de engendrar uma autêntica comunhão de irmãos e irmãs, segundo o coração de Dom Bosco.

Une-nos intensamente também o testemunho evangélico, cuja finalidade última é a de levar a Boa Nova de Cristo aos jovens e ao povo. Não nos sentimos sós neste empenho. A partilha do carisma e a mesma complexidade da evangelização obrigam-nos hoje a planejar e a trabalhar juntos. A grande riqueza da Família Salesiana consiste em – por vivermos experiências diferentes – podermos ler a realidade desde ângulos diferentes e com acentos carismáticos peculiares, pondo tudo em comum para benefício de todos. Ao planejarmos a educação e a evangelização, o Sistema preventivo de Dom Bosco é patrimônio comum: podemos assim chegar aos nossos destinatários com a mesma intenção educativa e atividades complementares, unidos no mesmo espírito.

Construímos assim uma Família viva, que age em sintonia e convergência, em busca de um objetivo comum. Deixando-nos, depois, guiar pelo que foi expresso na “*Carta de comunhão*” e na “*Carta da missão*”, acabamos todos envolvidos na única missão de Dom Bosco, com as nossas

expressões originais, mas todos coligados num vasto movimento salesiano.

Assim sendo, a nossa dedicação será também fruto de quanto recebemos uns dos outros, conscientes de que *“há mais alegria em dar do que em receber”* (At 20,35).

Juntos gozamos da proteção da Auxiliadora, Mãe das nossas comunidades e dos Grupos, cuja devoção, graças aos membros da Família, se vai difundindo cada vez mais pelo mundo. É com confiança que A invocamos para que nos abençoe a cada um de nós, a cada Grupo e a todos os colaboradores com as suas famílias. Às suas mãos confiamos o futuro da Família espiritual que tanto nos está a peito.

E como Capítulo, invocamos para todos a bênção de Deus por intercessão da Auxiliadora, de Dom Bosco, dos novos Beatos e de todos os Santos salesianos.

O Reitor-Mor e os capitulares do CG25.

Roma, 18 de abril de 2002.

3. MENSAGEM AOS JOVENS

139. Reunidos em Roma,
provindos de todos os continentes,
nós, os Salesianos de Dom Bosco,
vos escrevemos a vós, caros jovens,
a vós que sois a razão de ser da nossa vida.

Conscientes da palavra do Senhor:

“Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”,

confrontamo-nos sobre o modo de aperfeiçoar
a nossa vida de comunidade.

Creemos que a renovação do nosso modo de “viver e trabalhar juntos”

é um grande dom para vós como o é para todos nós;
e fazemos votos para que o saibais ler como sinal de esperança
no vosso empenho de superar as divisões,
de buscar a justiça sem cair no ódio,
de oferecer a todos ajuda e perdão.

Queremos viver convosco e para vós,
nas situações de pobreza,

nos dramas da guerra,
nos conflitos que dividem
e onde quer que a vida esteja ameaçada
e o crescimento impedido.
Estamos convosco na busca do Amor,
Amor que dá sentido pleno à vida
e traz felicidade.

Juntos,
queremos ser
“sentinelas da manhã”,
mensageiros de paz,
construtores de uma nova humanidade,
haurindo forças da Páscoa do Senhor,

Queremos também dizer-vos
que as portas dos nossos corações e das nossas casas
estão sempre abertas para vós.

Os Salesianos do 25º Capítulo Geral

Roma, 20 de abril de 2002.

4. APELO PARA SALVAR OS JOVENS DO MUNDO

ANTES QUE SEJA MUITO TARDE, SALVEMOS OS JOVENS, O FUTURO DO MUNDO!

“Os jovens devem ser levados a sério, do contrário, os teremos contra nós ou buscarão a outros. Não podemos abusar de sua boa vontade: se nos pedem pão, nós damos pão, mas se nos pedem instrução, formação, não podemos ficar indiferentes”

(Pe. Juan Vecchi, 8º Sucessor de Dom Bosco).

140. Nós, Salesianos de Dom Bosco, vivemos e trabalhamos em contato direto com muitos milhares de jovens, meninos e meninas, em 128 países. Como representantes de todos os salesianos, encontramos-nos reunidos em assembléia mundial e não podemos deixar de declarar, com todas as nossas forças, que o compromisso de lutar, também com todas as energias em favor da juventude, é inadiável.

A nossa palavra se dirige àqueles que têm responsabilidades relacionadas com os jovens:

- aos responsáveis pela política e pela economia, em todos os países e também em nível internacional;
- às instituições humanitárias, às Organizações não-governamentais (ONGs), às Associações de voluntariado;
- às Igrejas e às instituições religiosas;
- às famílias;
- a quem administra e trabalha nos meios de comunicação social;
- às agências educativas.

Nós constatamos, em todas as partes do mundo, não só a humilhação da pobreza em que vivem milhões de jovens,

sem família, sem casa, sem futuro, mas também e muito mais a exploração dos menores, feitos escravos por obra de um mundo de adultos muitas vezes insensível e irresponsável, artífice de estruturas de exclusão. São muitos milhões os meninos pobres. A pobreza pode ser vencida. Mas há também um direito ao respeito da dignidade de quem é pobre. Assistimos, ao contrário, a um mundo que se torna feroz contra o pobre e o humilha, impedindo-lhe qualquer perspectiva de futuro. Estamos convencidos de que à raiz de tantas pobreza não há causas naturais, mas claras injustiças, fruto de uma visão que tudo reduz ao econômico.

É divulgada e conhecida a lista das chagas do mundo juvenil: trabalho de menor, meninos de rua, prostituição de menores, pedofilia, violência e exploração dos jovens, evasão escolar, difusão da Aids, analfabetismo, desocupação, droga e alcoolismo, migração forçada, meninos-soldados, corrupção, gangues juvenis – todos fenômenos em crescimento, que barram toda a possibilidade de futuro para numerosos países, muitos dos quais esmagados pela dívida externa. Arruinar a juventude significa impedir completamente o futuro de uma nação e de todo o mundo.

Nós, salesianos, herdamos de Dom Bosco a missão de dar a vida pela realização e pela educação dos jovens. É urgente investir muitos recursos para esta finalidade.

Mais de uma vez Dom Bosco (1815-1888), ao pedir ajuda às pessoas de posse em favor da educação dos seus jovens pobres, usou de palavras extremamente graves: ou abrimos hoje espontaneamente a carteira para ajudar a estes rapazes ou eles virão amanhã “tomar o vosso dinheiro com uma faca ao pescoço e o revólver na mão”.

Conforta-nos também as palavras do padre Juan Vecchi, 8º sucessor de Dom Bosco, que lançou recentemente um

“j'accuse” (eu acuso), contra instituições políticas e econômicas desinteressadas ou diretamente culpadas pelo que diz respeito aos jovens.

Estamos com os jovens, porque nós – como Dom Bosco – confiamos neles, confiamos em seu desejo de aprender, de estudar, de sair da pobreza, de assumir o próprio futuro. Vemos, porém, que eles estão impossibilitados de fazê-lo porque muitíssimos adultos estão culpavelmente ausentes do seu destino deles: não só não querem ouvir falar de investir nos jovens, mas até mesmo os exploram.

Somos pelos jovens porque acreditamos no valor da pessoa humana, na possibilidade de um mundo diferente e, sobretudo, no grande valor do empenho educativo.

Surpreende-nos positivamente que os mesmos “homens do dinheiro” (FMI e Banco Mundial) hajam declarado que a única solução é a Educação.

Estamos convencidos de que é urgente que as Instituições apliquem muitos recursos, dinheiro e atenções, em favor da EDUCAÇÃO DOS JOVENS: na sua proteção, na defesa dos perigos, na prevenção, no seu protagonismo. Educar os jovens é o único modo de preparar um futuro positivo para todo o mundo.

Globalizar, todos juntos, o empenho pela educação! Esta a tarefa para todos os homens e mulheres que responsabilmente têm a peito o futuro dos próprios filhos e de todos os jovens da Terra.

A uma globalização de tipo econômico procuramos responder com uma globalização de tipo educativo, que dê vigor e esperança ao mundo juvenil.

Roma, 20 de abril de 2002.

(O Reitor-Mor e 231 representantes dos salesianos no mundo)

Anexos

Anexo 1

MENSAGEM DE S. S. JOÃO PAULO II
PARA O INÍCIO DO CAPÍTULO GERAL 25

Caríssimos Filhos de Dom Bosco!

141. 1. É com grande afeto que me dirijo a vós, que vindes dos cinco continentes para celebrar o 25º Capítulo Geral do vosso Instituto. É o primeiro do terceiro milênio e vos oferece a oportunidade de refletir sobre os desafios da educação e da evangelização dos jovens, desafios aos quais os Salesianos desejam responder, seguindo os passos do Fundador, São João Bosco. Desejo que o Capítulo seja para vós um tempo de comunhão e de trabalho profícuo, durante o qual possais compartilhar o fervor que vos reúne na missão entre os jovens, como também o amor pela Igreja e o desejo de vos abrires a novas fronteiras missionárias.

O pensamento vai neste momento espontaneamente ao saudoso Reitor-Mor, P. Juan Vecchi, recentemente falecido após longa enfermidade, oferecida a Deus por toda a Congregação e especialmente por esta Assembléia Capitular. Enquanto agradeço a Deus pelo seu serviço prestado à vossa Família religiosa e à Igreja, como também pelo testemunho de fidelidade evangélica que sempre o distin-

guiu, asseguro-vos por sua alma uma oração especial de sufrágio. Cabe a vós agora continuar a obra por ele felizmente realizada, na esteira dos seus antecessores.

Educadores atentos e acompanhadores espirituais competentes que sois, sabereis ir ao encontro dos jovens que querem “ver Jesus”. Sabereis conduzi-los com suave firmeza rumo a metas exigentes de fidelidade cristã. “*Duc in altum!*”. Seja este o lema programático também da vossa Congregação, que por esta Assembléia Capitular estimula todos os seus membros a um corajoso relançamento da própria ação evangelizadora.

142. 2. Escolhestes como tema do Capítulo: “*A comunidade salesiana hoje*”. Estais bem conscientes que é preciso renovar métodos e modalidades de trabalho, para que apareça, com clareza, a vossa identidade “salesiana” nas atuais e mudadas situações sociais, que exigem, entre outras coisas, também a abertura à contribuição de colaboradores leigos, com os quais partilhar o espírito e o carisma deixados em herança por Dom Bosco. A experiência dos últimos anos evidenciou as grandes oportunidades de tal colaboração, que permite aos vários componentes e grupos de vossa Família salesiana crescer na comunhão e desenvolver um comum dinamismo apostólico e missionário. E para vos abrires à cooperação com os leigos é para vós importante focalizar bem a identidade peculiar das vossas comunidades: que sejam comunidades, como Dom Bosco queria, reunidas em torno da Eucaristia e animadas por profundo amor a Nossa Senhora, prontas a trabalhar juntas, partilhando um único projeto educativo e pastoral. Comunidades capazes de animar e envolver os outros, sobretudo com o exemplo.

143. 3. Deste modo, Dom Bosco continua a estar presente no meio de vós. Vive por meio da vossa fidelidade à herança espiritual que vos deixou. Ele imprimiu em sua obra um singular estilo de santidade. E é de santidade que tem hoje necessidade, antes de tudo, o mundo! Muito oportunamente, pois, tenciona o Capítulo Geral re-propor com coragem “a busca da santidade” como principal resposta aos desafios do mundo contemporâneo. Trata-se, em conclusão, não tanto de começar novas atividades e iniciativas, mas de viver e testemunhar sem compromissos o Evangelho, a fim de estimular à santidade os jovens que encontrais. Salesianos do terceiro milênio! Sede apaixonados mestres e guias, santos e formadores de santos, como o foi são João Bosco.

Buscai ser educadores da juventude à santidade, cultivando aquela típica pedagogia de santidade alegre e serena, que vos caracteriza. Sede acolhedores e paternos, capazes a todo momento de perguntardes aos jovens com vossa vida: “Queres ser santo?”. E não tenhais medo de lhes propor a “medida alta” da vida cristã, acompanhando-os pelo caminho de uma radical adesão a Cristo, que, no sermão da montanha, anuncia: “Sede, pois, perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste” (Mt 5,48).

A vossa é uma história rica de santos, muitos dos quais jovens. Na “Colina das bem-aventuranças juvenis”, como hoje chamais o *Colle Don Bosco*, onde nasceu o Santo, durante a minha visita de 3 de setembro de 1988, tive a alegria de proclamar bem-aventurada Laura Vicuña, a jovem salesiana chilena que vós bem conheceis. Outros Salesianos encontram-se a caminho dos altares: trata-se de dois irmãos, Artêmides Zatti e Luís Variara, e de uma Filha de Maria Auxiliadora, irmã Maria Romero. Em

Artêmides Zatti aparecem o valor e a atualidade do papel do salesiano coadjutor; no padre Luís Variara, sacerdote e fundador, se manifesta mais uma realização do vosso carisma missionário.

144. 4. Ao não pequeno grupo de santos e bem-aventurados salesianos, sois chamados a unir-vos também vós, comprometidos a seguir as pegadas de Cristo, fonte de santidade para todo fiel. Fazei com que toda a vossa Congregação brilhe pela santidade e a fraterna comunhão.

No início deste milênio, o grande desafio da Igreja consiste, como fiz notar na Carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*, em “fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão” (n. 43). Para que o apostolado traga frutos de bem, é indispensável que as comunidades vivam um espírito de mútua e real fraternidade. Para levar adiante um único projeto educativo e pastoral, é necessário que todas as comunidades estejam unidas por forte espírito de família. Cada comunidade seja verdadeira escola de fé e oração aberta aos jovens, onde seja possível partilhar suas esperanças e dificuldades, e responder aos desafios que os adolescentes e jovens devem enfrentar.

Mas onde está o segredo da união dos corações e da ação apostólica a não ser na fidelidade ao carisma? Mantende, pois, os olhos sempre fixos em Dom Bosco. Ele vivia intensamente em Deus e recomendava a unidade das comunidades ao redor da Eucaristia. Só do Sacrário pode brotar aquele espírito de comunhão que se torna fonte de esperança e de empenho para todo fiel.

O afeto pelo vosso Pai continue a inspirar-vos e a vos sustentar. O seu ensinamento vos convida à confiança mútua, ao perdão cotidiano, à correção fraterna, à alegria de partilhar. É este o caminho que ele percorreu, e para o

qual também vós podeis atrair os fiéis leigos, especialmente jovens, a partilhar da proposta evangélica e vocacional que vos unifica.

145. 5. Como podeis ver, volta constantemente, também nesta Mensagem, a referência aos jovens. Poderíamos dizer que os jovens e os Salesianos caminham juntos. De fato, caríssimos, a vossa vida transcorre no meio dos jovens, tal como queria Dom Bosco. Sois felizes entre eles, e eles se alegram com vossa presença amiga. As vossas são “casas” nas quais eles se sentem bem. Não é este o apostolado que vos caracteriza em todas as partes do mundo? Continuai a abrir as vossas instituições especialmente à juventude pobre, para que aí possam os jovens sentir-se “em sua casa”, gozando da laboriosidade de vossa caridade e do testemunho de vossa pobreza. Acompanhai-os em sua inserção no mundo do trabalho, da cultura, da comunicação social, promovendo um clima de otimismo cristão no contexto de uma esclarecida e forte consciência dos valores morais. Ajudai-os a serem, por sua vez, apóstolos dos seus amigos e coetâneos.

Esta exigente ação pastoral vos coloca em relação com tantas forças que atuam no campo da educação das novas gerações. Estai prontos a generosamente oferecer, nos vários níveis, a vossa contribuição, cooperando com todos os que elaboram as políticas educacionais nos Países em que vos encontrais. Defendei e promovei os valores humanos e evangélicos: desde o respeito da pessoa até ao amor ao próximo, especialmente aos mais pobres e marginalizados. Trabalhai para que a realidade multicultural e multi-religiosa da sociedade atual possa caminhar rumo a uma integração cada vez mais harmoniosa e pacífica.

146. 6. Caríssimos Filhos de Dom Bosco, a vós é confiada a tarefa de ser educadores e evangelizadores dos jovens do terceiro milênio, chamados a ser “*sentinelas do futuro*”, como lhes disse em Tor Vergata, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude do Ano 2000. Caminhai junto com eles, ajudando-os com a vossa experiência e o vosso testemunho pessoal e comunitário. Acompanhe-vos a Virgem Santa, que vós invocais com o belo título de Maria Auxiliadora. Seguindo a Dom Bosco, confiai sempre nela, difundí sua devoção a todos os que encontrardes. Com a sua ajuda pode-se fazer tanto; aliás, como gostava de repetir Dom Bosco, na vossa Congregação, foi Ela quem tudo fez.

O Papa vos manifesta a sua satisfação pelo vosso empenho apostólico e educativo e reza por vós, para que possais continuar a caminhar na plena fidelidade à Igreja e na estreita colaboração entre vós. Acompanhe-vos Dom Bosco e a teoria dos Santos e Bem-aventurados salesianos.

Enriqueço estes votos com uma Bênção Apostólica especial, que envio a vós, Membros do Capítulo Geral, aos Irmãos espalhados por todo o mundo e a toda a Família salesiana.

Do Vaticano, aos 22 de fevereiro de 2002,

Festa da Cátedra de São Pedro

João Paulo II

DISCURSO DO CARDEAL EDUARDO
MARTÍNEZ SOMALO, PREFEITO DA
CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS
DE VIDA CONSAGRADA E AS
SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA

147. 1. É-me particularmente agradável estar no meio de vós para exprimir-vos, uma vez mais, a participação sincera do Dicastério da Vida Consagrada, e minha pessoal, na experiência de fé e de disponibilidade à Vontade de Deus que a vossa Congregação está a viver.

É uma experiência repleta de graça.

Se o evento do Capítulo Geral é um evento do Espírito Santo que nos abre e nos empenha na Verdade e na Caridade, o testemunho da vida e da morte do vosso Reitor-Mor, P. Juan Vecchi, exprime admiravelmente o carisma de Dom Bosco: estar prontos, com serena consciência, a viver e a dar a vida, como Deus quer, para os jovens, especialmente os mais pobres, vivendo a realidade do *“já, mas não ainda”* em filial abandono à vontade do Pai. Esta profundidade espiritual, que se exprime na simplicidade da vida e na confiança em Deus, parece-me ser característica na linha formativa que o Reitor-Mor, nestes anos, aperfeiçoou em vossa congregação. Também o sempre lembrado P. Egídio Viganó, em toda a sua fecunda existência e na sua

última doença, havia percorrido esse caminho com o estilo em que havia vivido: a caridade pastoral pelos jovens.

Tenho reunido com frequência na oração e na Celebração Eucarística estes dois grandes animadores da Família Salesiana, aos quais hoje confiamos o 25º Capítulo Geral que estais por iniciar.

Sinto-me feliz por saudar a todos os presentes, e em particular ao Vigário Geral, Revdo. P. Van Looy, que, com o Conselho Geral, levou avante nestes meses a responsabilidade da condução da Congregação com o afeto de filho e a atenção solerte aos desejos, expressos e intuídos, do Reitor-Mor; saúdo a Superiora Geral das Filhas de Maria Auxiliadora, o Responsável dos Cooperadores Salesianos e dos Ex-Alunos Salesianos e a todos os grupos religiosos e leigos que, por variados títulos, estão presentes e não deixarão de dar a própria contribuição para que a Família Salesiana continue a responder, com a prontidão e a profecia de Dom Bosco, às expectativas da Igreja, com a ajuda e a proteção de Nossa Senhora Auxiliadora.

148. 2. Estais por iniciar o primeiro Capítulo Geral dos Salesianos no III Milênio, que o Santo Padre definiu: “Um vasto oceano, no qual aventurar-se com a ajuda de Cristo O Cristo contemplado e amado convida mais uma vez a pôr-nos a caminho” (NMI 58).

Vivemos recentemente momentos excepcionais de graça e de misericórdia durante o Jubileu de 2000. Sem dúvida, ninguém ficou indiferente ao testemunho de caridade pastoral e de exigente espiritualidade que o Papa João Paulo II viveu com os jovens. É uma página de história que vos diz respeito: enquanto põe a descoberto as mais profundas expectativas dos jovens, indica-nos com clareza que,

quando o jovem se sente amado, mesmo com as lacunas próprias da idade e dos condicionamentos da sociedade, mira alto.

Qual teria sido a reação de Dom Bosco se tivesse podido estar presente, como um de nós, naqueles dias, e como teria repensado o empenho pastoral que caracteriza a comunidade fraterna e se expande na acolhida aos jovens, rosto de Cristo jovem, mas tantas vezes desfigurado? Vosso saudoso Reitor-Mor, nos Atos do Conselho Geral que me enviastes, sublinha nestes termos aquilo que está a peito de todos os salesianos do mundo: “O objetivo do CG25 não é tanto o que a comunidade e os irmãos ainda devem fazer pelos jovens, mas o que devem ser e viver hoje por eles e com eles (ACG, n. 172, p. 14). E esclarece: “Trata-se de fazer uma revisão de nossa vida comunitária com o espírito e a metodologia do discernimento evangélico, para descobrir as modalidades de fraternidade salesiana, capazes de responder às exigências da seqüela de Cristo e da missão” (ib.).

149. 3. Se a reflexão sobre a vida fraterna, em função da seqüela e da missão, é o interesse central do vosso Capítulo e desejais proceder a um discernimento no espírito do Evangelho, é necessária uma condição fundamental: que todos aperfeiçoem cada vez mais profundamente o próprio contato vivo, sincero e existencial com Cristo, Palavra de Deus e Eucaristia. Então a Assembléia capitular poderá verdadeiramente chegar a um discernimento evangélico sobre a identidade e sobre as linhas de ação da fraternidade salesiana. Neste sentido, o Capítulo Geral se torna uma grande ocasião de formação: põe em atitude de escuta recíproca, respeitosa e capaz de confiança, e ajuda a

aperfeiçoar aquela humildade que é a via mestra para a verdade. Provoca, antes de tudo, o discernimento pessoal sobre a coerência com que cada qual vive a própria consagração a Deus no estilo salesiano, ilumina a reflexão sobre a pastoral juvenil que exige madura capacidade de discernir sobre quanto convém deixar de lado ou rever, e quanto deve ser confirmado e reforçado; abre, com equilíbrio e autêntica participação, a uma harmônica inculturação, reconfirma no espírito de Dom Bosco o empenho de suscitar no jovem a vontade de tornar-se honesto cidadão e bom cristão. Torna ao mesmo tempo atentos, como o foi ele, às autênticas exigências dos jovens, no tempo da primeira revolução industrial, quando emigravam, sozinhos, para a cidade e eram explorados pelo trabalho ilegal, sem nenhum contrato, que de algum modo os protegesse. Uma vida que fatalmente os levava à perda de rumo, e Dom Bosco, como sabeis, teve a experiência direta dos efeitos devastadores do ambiente carcerário sobre os menores.

150. 4. A Igreja sente-se feliz por relevar que o vosso instituto possui forte incidência sobre os jovens e, por consequência, sobre o futuro da sociedade e da Igreja. A missão que Dom Bosco viveu e transmitiu requer certamente grande sensibilidade educativa e boa dose de coragem para ir ao encontro dos jovens e com eles partilhar os problemas e as expectativas, os momentos de rejeição e o fácil entusiasmo que com frequência se desfaz no nada. Vivem num ambiente contraditório, superficial e ao mesmo tempo convincente ao apresentar a conquista fácil e uma competitividade que marginaliza o fraco e se baseia no dinheiro. Mas sente-se também a presença de ares novos e limpos de forças jovens que se comprometem com o bem. São “as sentine-

las da manhã” que perscrutam a aurora de uma nova sociedade. Soube o Santo Padre ver neles a esperança que já Paulo VI guardava no coração: são os mensageiros da civilização do amor. Nada como crer profundamente numa realidade e acompanhá-la com a oração e o sacrifício, para que ela pouco a pouco viva no meio de nós. Foi assim que viveu Dom Bosco!

É uma tradição maravilhosa esta que levais avante em todas as partes do mundo. E a Igreja se compraz pelo bem que vós fazeis. E vos agradece. Como não recordar também o fecundo apostolado que realizais no mundo da cultura com as vossas Universidades, com a correta promoção dos meios de comunicação social, com a vossa doação nas missões, nas paróquias, nas escolas profissionais em que preparais os jovens para um trabalho digno e honesto?

151. 5. Não se pode hoje subestimar a aflição comum a todos os institutos: a escassez das vocações. Isto obriga a numerosos irmãos – ainda de alma juvenil como a de Dom Bosco – a prolongar a própria dedicação também quando as forças já não respondem com prontidão. Observa-se então, com pesar, a diferença entre as gerações, que torna mais difícil o relacionamento com os jovens. É grande a diferença de mentalidade, linguagem, gostos, escolhas, que incidem no cotidiano; no modo de sentir os problemas, de divertir-se, de orar, de julgar, de conviver. Corre-se o risco, alguma vez, de tornar cansativa a comunicação, apesar de todo o esforço. Então, só a fé na Palavra nos faz crer e viver a caridade paciente, benigna, que tudo espera e tudo desculpa, que não vai em busca da própria gratificação,

mas crê nos jovens de hoje, porque Deus os ama. Vive-se, então, um dos momentos mais altos da entrega de si mesmos na caridade pela glória de Deus e salvação dos jovens. A caridade que São Paulo celebra na Carta aos cristãos de Corinto é a grande força, insubstituível, na experiência educativa. Não era por acaso que Dom Bosco repetia aos vossos primeiros irmãos: “É preciso que os jovens não somente sejam amados, mas que eles próprios *saibam* que são amados”. Ele compreendera muito bem que também o jovem mais refratário teria cedido somente ao amor paciente que, apesar de tudo, espera tudo.

Só há educação onde houver amor; quando se substitui a norma, os mesmos gestos ficam desprovidos de alma. Por isso, a quem lhe perguntava uma definição do seu sistema educativo Dom Bosco respondia com uma só palavra: “O meu sistema educativo? A Caridade!” (MB V,381). É o único caminho que abre ao anúncio de Cristo.

152. 6. João Paulo II ajuda-nos a verificar a autenticidade da nossa fé: “Quem verdadeiramente encontrou Cristo não pode guardá-Lo para si; tem de anunciá-Lo embora com o devido respeito pelo caminho próprio de cada pessoa e com atenção pelas diferentes culturas” (NMI 40).

Anunciar Cristo com a própria vida exige certamente que esta seja sustentada por “um amor alimentado pela Palavra e pela Eucaristia, purificado no sacramento da Reconciliação, sustentado pela imploração da unidade, dom especial do Espírito para aqueles que se põem na escuta obediente do Evangelho” (VC 42). Então a comunidade fraterna pode verdadeiramente definir-se, como diz a *Vita*

Consecrata, “espaço humano habitado pela Trindade” (VC 41) e “espaço teologal onde se pode experimentar a presença mística do Senhor Ressuscitado” (VC 42). Será ambiente fecundo, onde os jovens se sentem não só acolhidos, mas também desejados, para partilhar juntos os problemas e as esperanças, em diálogo aberto e sincero.

Caros salesianos, o Capítulo é um canteiro em que tantos projetos são focalizados, harmonizados e estudados, a fim de propor a toda a Congregação um caminho de novidade de vida na fidelidade ao carisma. No íntimo desta comunhão fraterna está sempre o Espírito Santo, o qual indica o caminho, coordena, inspira o modo melhor de realizar a santidade dos filhos de Dom Bosco e dos jovens. Todos, entretanto, são chamados a contribuir, porque a cada um está confiado o bem comum.

O mesmo sucede em vossas comunidades. Cada jovem que recebeis é um projeto irrepelível do amor de Deus a vós confiado no concreto da história. Sois chamados a dar vida e espaço ao sopro do Espírito que nele habita. Quem conduz? O CRISTO, por quem sempre devemos começar. Ele nos acompanha mediante a sua Palavra e o dom da Eucaristia. Olhando para Ele, entrevemos Dom Bosco que, por primeiro, vos abriu este caminho de novidade, adaptando-o nas modalidades à sua própria época, mas inspirando-se na Caridade, realidade jamais ultrapassada, válida para todos os tempos.

153. A Igreja confia em vós!

A Igreja muito espera de vós, Filhos de Dom Bosco!

Deixai-me relembra as palavras que Jean Duvallet, um dos primeiros colaboradores do Abbé Pierre, disse a salesianos jovens: “Vós só tendes um tesouro: a pedagogia de

Dom Bosco. Arriscaí tudo, mas salvei a sua pedagogia!
Vinte anos de ministério, passados a reeducar os jovens,
me obrigam a dizer-vos: Vós sois responsáveis por este tes-
souro perante a Igreja e perante o mundo”.

Roma, 25 de fevereiro de 2002.

Anexo 3

DISCURSO DO VIGÁRIO GERAL,
P. LUC VAN LOOY,
NA ABERTURA DO CG25

Eminência Reverendíssima, Cardeal Martinez-Somalo,
Caríssimos Cardeais Alfons Stickler, Antonio María
Javierre e Ignacio Velazco, Irmãos Arcebispos e Bispos,
Irmãs e Irmãos representantes da Família Salesiana,
Caros Irmãos Capitulares,

154. Ao iniciarmos este 25º Capítulo Geral da Sociedade de São Francisco de Sales, sinto-me feliz de poder saudar-vos a todos com muita cordialidade e reconhecimento. Vejo na vossa presença uma demonstração de afeto para com a nossa Congregação e de participação num dos atos mais importantes da sua vida, como é de fato o Capítulo Geral.

Agradeço à Madre Antonia Colombo, Superiora Geral da Filhas de Maria Auxiliadora e a todos os responsáveis pelos diversos ramos da Família Salesiana aqui presentes: o Coordenador Central dos Cooperadores, o Presidente Mundial dos Ex-alunos, a Responsável Central das Voluntárias de Dom Bosco, os Superiores e as Superiores de Congregações religiosas, e os Responsáveis dos grupos e associações reconhecidos como pertencentes à Família Salesiana. Sentimos, nesta vossa presença solidária, os vínculos que nos unem numa só Família – a Família de Dom Bosco.

E a vós, Irmãos, que vindes das diversas Inspetorias espalhadas pelo mundo, exprimo-vos as mais cordiais e fraternas boas-vindas. Sei que viestes para trabalhar, para fazer uma vigorosa experiência de mundialidade e para preparar o futuro da Congregação.

Gostaria primeiramente de lembrar com gratidão e afeto o P. Juan Vecchi, a quem o Senhor levou para Si faz um mês. Persiste ainda viva em nossa memória a lembrança da sua amável paternidade, da sua sabedoria, da incisividade no governo da Congregação, e do seu testemunho pessoal de fé e de serena aceitação da vontade de Deus durante a sua longa enfermidade. Nesse período, a Congregação e a Família Salesiana encontraram-se compactamente ao lado do Reitor-Mor, unindo-se em oração em torno do Irmão Artêmidas Zatti. Estamos certos de que o P. Vecchi, que iniciou e orientou a caminhada de preparação para este Capítulo Geral, haverá de ajudar-nos do Céu a levá-lo a bom termo.

Nestes últimos anos, a canonização de Dom Versiglia e do P. Caravario, a beatificação dos jovens oratorianos poloneses e dos mártires espanhóis estimularam toda a nossa Família para uma “medida alta de vida salesiana ordinária” (cf. NMI 31); e a próxima beatificação do P. Luís Variara, da Irmã Maria Romero e do Sr. Artêmidas Zatti trará, mais uma vez, os santos e a santidade para o centro de toda a Família Salesiana.

1. O Caminho pós-conciliar

155. *O tema deste Capítulo Geral* insere-se num percurso que atravessa e se desenvolve ao longo de todo o período pós-

conciliar. Depois de haver refletido globalmente sobre a nossa identidade salesiana (CG20) e de ter aprofundado alguns dos seus aspectos, como a evangelização dos jovens, o sistema preventivo, a animação da comunidade e a figura dos sócios (CG21), chegamos à promulgação das Constituições renovadas no CG22 de 1984.

Concentramos a seguir a nossa atenção no caminho que, para educar os jovens à fé e na fé, devemos percorrer (CG23). Relevamos para tanto a necessidade de uma comunidade que se renove continuamente, que se insira mais ativamente no mundo juvenil com um salto de qualidade pastoral, e que se torne a um só tempo núcleo animador, tanto da comunidade educativo-pastoral quanto dos vários ramos da Família Salesiana.

O CG24 retomou esse último aspecto do envolvimento dos leigos em nosso espírito e em nossa missão, e delineou o novo papel da comunidade religiosa salesiana dentro da CEP e na elaboração do PEPS.

A comunidade salesiana, pois, tanto no CG23 quanto no CG24, emergiu como o ponto de convergência. Do seu bom funcionamento depende, de fato, em grande parte, a qualidade do testemunho, a incidência apostólica e a fecundidade da Congregação. É a comunidade religiosa dos salesianos que deve ser “sal da terra e luz do mundo” por meio das suas várias obras e atividades.

Seguindo este “fio vermelho”, o CG25 propõe-se agora avaliar os passos dados à luz do último Capítulo Geral, aprofundar as indicações não suficientemente compreendidas, e dar impulso ao trabalho já em andamento da renovação da comunidade. Pretende-se com ele relançar a comunidade como carta decisiva na evangelização dos jovens neste novo milênio.

Tal tema, portanto, não afasta nossos olhos nem dos nossos destinatários, nem dos leigos que conosco colaboram. Como escreveu o P. Vecchi na sua carta de convocação:

“O objetivo do CG25 não é tanto o que a comunidade e os irmãos ainda devem fazer pelos jovens, mas o que devem ser e viver hoje por eles e com eles. O olhar deve dirigir-se em primeiro lugar ao que somos e vivemos, do ponto de vista evangélico, para agir mais eficazmente em favor dos destinatários de nossa missão” (A caminho do 25º Capítulo Geral, ACG 372, p. 14).

A comunidade salesiana será, pois, o ponto focal do CG25. A ele se acrescenta a tarefa de dar cumprimento à orientação operativa do CG24 (n. 191) relativa às estruturas de governo, e da eleição do novo Reitor-Mor e dos membros do Conselho Geral que hão de guiar a Congregação durante o próximo sexênio.

2. O tema do CG25 perante os desafios de hoje

156. O tema do Capítulo, “a comunidade salesiana hoje”,

articula-se em quatro pontos:

vida fraterna,

testemunho evangélico,

presença animadora entre os jovens,

animação comunitária.

Os vários Capítulos Inspetoriais refletiram sobre estes pontos, a partir da experiência das comunidades locais e da individuação de alguns problemas de especial relevo, que a Comissão Pré-capitular julgou bem assinalar, como, por exemplo:

- a necessidade de reforçar a vida da comunidade segundo o Espírito. Isto é, criar as condições para que os irmãos gozem de intensa experiência do amor de Cristo que os leve a uma vida profundamente fraterna, a uma dedicação total à missão juvenil, a um testemunho atraente dos valores evangélicos;
- a exigência de desenvolver a capacidade inspiradora da comunidade religiosa no interior da comunidade educativa e pastoral, de forma a gerar comunhão, entusiasmo e vigoroso senso de pertença;
- a dificuldade de fazer frente às exigências reais da missão devido à diminuição das forças e o conseqüente desequilíbrio entre o volume de trabalho e o pessoal disponível;
- o envelhecimento e escassez de vocações, que tornam a vida de comunidade mais pesada e arriscam ofuscar o caminho futuro da missão.

Sobre estes e outros aspectos da vida de comunidade, o Capítulo Geral é chamado a indicar pistas seguras e motivadas para relançar a comunidade no início deste Milênio, lembrando a insistência de Dom Bosco:

“Nós escolhemos viver ‘in unum’. Quer dizer: «in unum locum, in unum spiritum, in unum agendi finem»” (levar vida comum, com o mesmo espírito, com o mesmo objetivo a alcançar) (MB IX 573).

A idéia de escolher este tema, porém, não deriva apenas da consciência de fraquezas ou lacunas no perfil de nossa vida comunitária religiosa, mas de alguns desafios provenientes de um horizonte muito mais amplo.

157. *A cultura hodierna*

Em primeiro lugar desafia-nos a cultura hodierna. Viver e anunciar a fé tornou-se difícil no mundo secularizado, em que o povo se afasta de modo gradual e silencioso da fé como de um elemento pouco importante para a vida de todos os dias.

Havendo diminuído consideravelmente o valor educativo e religioso da família, e passando a Igreja a ser considerada como uma instituição alienada da sociedade moderna, os jovens que crescem em ambientes secularizados acham difícil compreender a terminologia religiosa e se habitua a chegar aos critérios de conduta e ao sentido da vida por conta própria, sem referência a valores religiosos e, muitas vezes, sem ouvir os conselhos dos adultos que lhes estão perto. Em nossos dias, a credibilidade da Igreja é também posta sob a mira dos meios de comunicação, os quais põem em relevo, justa ou injustamente, certas fraquezas ou erros morais de religiosos e sacerdotes.

Também *a escola* interpela-nos fortemente, sobretudo naqueles países em que está em andamento um processo de reforma. O sistema de Dom Bosco põe como centro a pessoa e a sua educação integral, enquanto hoje constatamos que a preocupação no campo escolar se concentra quase que exclusivamente na instrução, nada se importando com a formação e o acompanhamento da pessoa. O ensino religioso, além disso, tende a ter cada vez menos peso, levando inevitavelmente ao enfraquecimento da formação integral do jovem e da sua capacidade de desenvolver uma cultura pessoal.

A tarefa hoje é a de encontrar um modo de superar essas barreiras físicas, psicológicas e culturais, a fim de chegar também aos jovens mais afastados, e ajudá-los a

chegar à fé em Cristo. Não serão, em primeiro lugar, as palavras e os arrazoados a abrir tal caminho, mas o testemunho de uma comunidade que vive a própria fé em Jesus Cristo, encontra nela a sua coesão e a torna visível pela alegria e a transparência.

Esta carga espiritual conduz a comunidade de fé a superar o setorialismo e o individualismo, e a viver em fraterna amizade e colaboração, a ponto de tornar-se atraente e evangelizadora, como indica a Exortação *Vita Consecrata*:

“A vida de comunhão torna-se um sinal para o mundo e uma força de atração que leva à fé em Cristo. Deste modo, a comunhão abre-se para a missão e converte-se ela própria em missão” (VC 46).

O mesmo amor por Cristo leva também a um generoso acolhimento e doação de si aos outros. Aos jovens em primeiro lugar, por meio de uma presença ativa e amiga entre eles, e, depois, aos colaboradores leigos e aos membros dos diversos ramos da Família Salesiana, mediante uma comunhão feita de experiências de planejamento comum, participação responsável e formação conjunta, *“até poder tornar-se uma experiência de Igreja, reveladora do plano de Deus” (C 47).*

Em sendo sinal, a comunidade torna-se escola de fé que encontra a coragem e a criatividade para mostrar o seu próprio rosto cristão e sabe dar sabor e orientação à vida dos destinatários.

158. *Expansão geográfica e inserção*

O fenômeno da globalização, com o correlativo fe-

nômeno da localização, sublinha a necessidade de um equilíbrio entre a unidade do carisma e o pluralismo das expressões.

Exige que se dê mais peso ao valor da fraternidade do que às diferenças de etnia, língua, etc., de modo que as nossas comunidades, abertas às diversas culturas, se tornem um verdadeiro presente para a Igreja e a sociedade. A nossa presença em todos os continentes, em 128 nações, ajuda-nos a ter uma visão mundial do nosso carisma e a observar o movimento geográfico da vida da Igreja e das vocações. Enquanto em algumas regiões tradicionais se envelhece, em outros países e continentes se cresce e renasce.

Diz o Santo Padre em sua Exortação Apostólica *Vita Consecrata*, ao n. 51:

“Situadas nas várias sociedades do nosso planeta – sociedades tantas vezes abaladas por paixões e interesses contraditórios, desejosas de unidade, mas incertas sobre os caminhos a seguir –, as comunidades de vida consagrada, nas quais se encontram como irmãos e irmãs pessoas de diversas idades, línguas e culturas, aparecem como sinal de um diálogo sempre possível e de uma comunhão capaz de harmonizar as diferenças. As comunidades de vida consagrada são enviadas a anunciar, pelo testemunho de sua vida, o valor da fraternidade cristã e a força transformadora da Boa Nova, que faz reconhecer a todos como filhos de Deus e leva ao amor oblativo para com todos, especialmente para com os últimos. Os Institutos internacionais, nesta época caracterizada pela repercussão universal dos problemas e simultaneamente pelo regresso dos ídolos do nacionalismo, sobretudo eles têm a missão de manter vivo e testemunhar o sen-

tido da comunhão entre os povos, as raças, as culturas. Num clima de fraternidade, a abertura à dimensão mundial dos problemas não sufocará as riquezas particulares, nem a afirmação de uma particularidade gerará contrastes com as outras e com o todo. Os Institutos internacionais podem realizar isso eficazmente, já que eles próprios devem enfrentar criativamente o desafio da inculturação e conservar ao mesmo tempo a sua identidade”.

159. *A busca da qualidade*

A inserção na realidade cultural exige um empenho sério para qualificar as pessoas e as obras. A significatividade da nossa ação depende principalmente da capacidade de conjugar o profissionalismo com o espírito carismático.

Falando do papel da comunidade salesiana como núcleo animador, o P. Vecchi indicou metas a alcançar. É preciso que nos esforcemos por tornar-nos:

- pessoas que vivem, com confiança e alegria, a própria vida, com atitude de compreensão e de diálogo com os jovens e o seu mundo, com atenção à cultura, com capacidade de inserção no seu território;
- educadores competentes que sabem conjugar a educação e a evangelização, e preparar agentes para a transformação cristã da sociedade;
- animadores dispostos a partilhar os caminhos formativos com os colaboradores leigos na vida de cada dia e nos momentos comunitários de especial importância, como a elaboração do PEPS, a avaliação da CEP, e o discernimento diante de situações concretas;
- dirigentes que interiorizaram o valor da participação e da co-responsabilidade e sabem animar, criando e renovando as modalidades oportunas;
- salesianos que trabalhando em equipe com outros mani-

festam uma sensibilidade particular para a educação dos mais pobres e se tornam promotores de uma cultura de solidariedade e de paz (cf. *Especialistas, testemunhas e artífices de comunhão. A comunidade salesiana – núcleo animador*, in ACG 363, pp. 37-38).

Para alcançar essa qualidade, tanto das comunidades quanto dos irmãos, a Congregação fez, no sexênio, um esforço notável para repensar e atualizar a sua *práxis formativa*, adequando a tarefa formadora aos desafios e às exigências de hoje. A *Ratio*, promulgada em dezembro de 2000, é um compêndio das normas e das orientações da Congregação em matéria de formação. Contempla toda a formação na perspectiva da formação permanente, atribuindo eficácia formativa à vida e ao trabalho de todos os dias.

Para tanto, requer-se haja na comunidade:

- um clima que favoreça o crescimento dos irmãos como pessoas e como comunidade (espírito de família, que cria uma mentalidade de busca e discernimento comuns, valorizando a experiência de todos; clima de fé e oração, que reforça as motivações interiores e dispõe a vivê-las com radicalismo evangélico e doação apostólica...);
- a valorização dos diversos tempos e meios que favorecem a formação permanente;
- a programação anual da formação permanente;
- a comunicação com a comunidade inspetorial e com a Congregação, e o acolhimento dos estímulos e das orientações que delas dimanam... (cf. *Ratio*, n. 543).

3. Algumas perspectivas

160. A tarefa confiada por Cristo – de ser sal da terra e luz

do mundo – leva a defrontar-nos com a realidade, na qual queremos repensar constantemente a nossa originalidade carismática, verificando se o sal ainda tem sabor e se a candeia está bem colocada.

O Ano Jubilar convidou-nos a levantar a medida de nossa vida. Com sua palavra de ordem – “*Duc in altum!*” – o Santo Padre estimula-nos a que nos façamos ao mar aberto e profundo, tal como a fez ecoar o P. Vecchi em sua Estréia para este ano de 2002. Para este primeiro Capítulo Geral do novo Milênio, “*Duc in altum*” quer dizer relançar a Congregação em um dos seus aspectos fundamentais que testemunham o seu vigor religioso e carismático. A comunidade é, na verdade, a chave para a renovação e o crescimento da Congregação na sua missão juvenil, na sua pastoral vocacional e no seu impacto carismático e evangélico sobre o mundo.

Neste encontro fraterno, que é o Capítulo Geral, queremos em primeiro lugar viver a comunhão como sinal da unidade da Congregação; queremos fazer juntos uma reflexão sobre a comunidade, para redescobrir e re-exprimir o núcleo da inspiração evangélica do carisma de Dom Bosco, sensíveis às necessidades dos tempos e dos lugares (cf. C 146). Trata-se de reavivar e fundamentar o nosso testemunho evangélico e carismático como comunidade, a fim de tornar-nos profetas do novo Milênio. Queremos individualizar e partilhar as linhas de percurso de toda a Congregação no próximo sexênio.

161. A este respeito, gostaria de indicar desde já algumas pistas ou perspectivas para as nossas comunidades, visando a um testemunho significativo de futuro, capaz de re-fundar ou re-desenhar a nossa presença no mundo de hoje:

Antes de tudo, como *testemunhas de pobreza*, as nossas comunidades se inserirão na sociedade, participando das múltiplas formas de pobreza, material e espiritual, e empenhando-se pela justiça e pelo respeito à pessoa humana. É, na verdade, a vocação de seus membros consagrados que as coloca nesta sensibilidade que é típica para a Igreja.

“A opção pelos pobres” – lembrou-nos o Papa – *“inscreve-se na própria dinâmica do amor, vivido segundo Jesus Cristo. Isto comporta para cada Instituto, de acordo com o seu carisma específico, a adoção de um estilo de vida, tanto pessoal quanto comunitário, humilde e austero”* (VC 82).

As comunidades serão solicitadas a repensar o seu modo de viver e trabalhar, favorecendo a sua presença entre os jovens menos afortunados e fomentando em seus membros e nos destinatários uma cultura de solidariedade que seja expressão do Evangelho da caridade.

162. Em segundo lugar, como *testemunhas de fé*, as comunidades deverão responder à sede de espiritualidade que os jovens manifestam.

Cito as palavras do P. Vecchi:

“Os jovens precisam de testemunhas, de pessoas e ambientes que demonstrem por meio de exemplos as possibilidades de organizar a vida em nossa sociedade segundo o Evangelho. Esse testemunho evangélico, que é ao mesmo tempo comunhão entre irmãos, seqüela radical de Cristo e presença ativa, estimulante e portadora de vida entre os jovens, cons-

titui o primeiro serviço educativo a oferecer-lhes, a primeira palavra de anúncio do Evangelho. É evidente, do ponto de vista vocacional, que eles se sintam atraídos a entrar em ambientes comunitários significativos, mais do que só assumir um compromisso” (A caminho do 25º CG, in ACG 372, p. 17).

Na Exortação, o Papa convida os consagrados a

“suscitar em cada fiel um verdadeiro anseio de santidade, um forte desejo de conversão e renovação pessoal num clima de oração cada vez mais intensa” (VC 39).

E o seu testemunho comunitário de vida fraterna e de caridade para com os necessitados constituirá um vigoroso convite e encorajamento aos demais para partilharem o carisma salesiano. Realizarão assim quanto dizem as nossas Constituições: *“A descoberta e orientação das vocações”* constitui o *“coroamento» de toda a nossa ação educativo-pastoral” (C 37).*

163. Terceiro: como *testemunhas de comunhão* as nossas comunidades deverão zelar por expandir, reforçar e recriar a comunhão a fim de tornar-se, como disse o Papa, verdadeiros *“especialistas de comunhão” (VC 46).*

Tornar-se-ão assim significativas no território, mediante o seu envolvimento, na linha do seu carisma, tanto na pastoral da Igreja local quanto no trabalho em favor dos jovens pobres e em co-ligação com outras entidades e organizações. Cuidarão quer de promover os valores evan-

gêlicos, com palavras e mais ainda com o próprio exemplo, quer de estar presentes onde se decidem os critérios educativos e se estabelecem as linhas políticas relativas à juventude.

Não só: a vocação de educadores e consagrados, e o ministério sacerdotal levarão as comunidades a dar impulso a atividades sistemáticas para a orientação e a formação dos colaboradores e das comunidades educativas. Para torná-los (a eles e a elas) capazes de viver a própria vida com maturidade e alegria, de compreender e viver a espiritualidade salesiana e de cumprir a missão educativo-pastoral com competência e profissionalismo, as comunidades terão em mira não só o seu crescimento cultural e profissional mas também e sobretudo o desenvolvimento de sua vocação humana, cristã e salesiana.

Entrelaçarão relacionamentos de colaboração e coresponsabilidade na missão comum, e empenhar-se-ão ativamente na Igreja e na sociedade, especialmente em áreas como a educação, a evangelização da cultura e a comunicação social.

Quarto: como *testemunhas de uma profunda vida espiritual* as comunidades deverão empenhar-se sobretudo em reavivar a própria espiritualidade salesiana, reconhecendo que a comunidade deve a sua existência e missão ao Espírito, e que, portanto, não poderá nunca reinventar a si mesma ou cumprir uma sua tarefa com fruto sem uma intensa experiência espiritual. Procuraremos “partir de Cristo” (NMI 29), com a consciência de que “*a comunidade religiosa é, antes de tudo, um mistério a ser contemplado e acolhido com coração reconhecido numa límpida dimensão de fé*” (*A vida fraterna em comunidade*, n. 12).

Na virada do novo Milênio é-nos lembrada com insistência a importância de sermos cristãos autênticos e testemunhas competentes e fidedignas. Diz-se hoje que, ‘sem paixão e mística, ninguém poderá ser cristão’; muito menos religioso e salesiano, acrescentamos. Saiba o Capítulo Geral reacender esse fogo em cada comunidade salesiana.

CONCLUSÃO

164. Confiemo-nos à ajuda de Maria, “*modelo de oração e de caridade pastoral, mestra de sabedoria e guia da nossa Família*” (C 92), e confiemo-nos à condução do Espírito Santo, com a docilidade de Dom Bosco, para sermos iluminados em todos os passos que dermos e em todas as decisões que tomarmos neste Capítulo. Saibamos também que toda renovação feita segundo a moção do Espírito e em sintonia com o carisma de Dom Bosco será acompanhada por sua força criadora. É assim que podemos empreender o nosso trabalho com a plena confiança de fazer a vontade de Deus.

São estes os votos que nos fazemos, certos de que o Senhor está no meio de nós.

Roma, 25 de fevereiro de 2002.

SAUDAÇÃO DO REITOR-MOR EM HOMENAGEM AO SANTO PADRE POR OCASIÃO DA AUDIÊNCIA PONTIFÍCIA

Beatíssimo Padre,

165. este encontro paterno que quis Vossa Santidade conceder-nos aqui em sua Casa, junto à Cátedra de Pedro, enche-nos de alegria e gratidão. E, por aquele senso vivo de Igreja e de amor ao Vigário de Cristo que Dom Bosco nos transmitiu para servir à Igreja, sentimos que esta é também a nossa Casa,

Somos 231 participantes do 25º Capítulo Geral da Sociedade Salesiana, membros de direito e convidados, provenientes de 94 Inspetorias salesianas espalhadas pelo cinco continentes, onde os Salesianos realizam hoje o carisma e a missão de Dom Bosco. Eles trabalham nessas Inspetorias empenhados nos contextos mais diferentes, especialmente na educação da juventude e na nova evangelização, com frequência em situação de fronteira.

Em nome dos Capitulares e de toda a Família Salesiana, desejo antes de tudo expressar os mais vivos sentimentos de gratidão por este encontro especial e pelas tantas provas de afeto, de confiança e de estima dirigidas à nossa

Família. A proximidade fraterna e a palavra encorajadora de Vossa Santidade nos momentos mais importantes – alegres e dolorosos – da nossa Congregação, até o recente luto que nos atingiu com a morte do P. Juan Vecchi, iluminaram o nosso caminho e introduziram-nos, com renovada fidelidade ao Espírito, dentro do novo Milênio.

166. Estamos agora por concluir, Beatíssimo Padre, os trabalhos do 25º Capítulo Geral, a que nos dedicamos, em comunhão de família e sentido de responsabilidade, durante estas semanas. Foi-nos de estímulo e orientação, no tratamento do tema capitular, centralizado sobre *A comunidade salesiana hoje*, a Mensagem que nos foi transmitida no início do Capítulo por Vossa Santidade.

“É importante – dizia-nos – focalizar bem a identidade peculiar das vossas comunidades: que sejam comunidades, como Dom Bosco queria, reunidas em torno da Eucaristia e animadas por um profundo amor a Nossa Senhora, prontas para trabalhar juntas, partilhando dum único projeto educativo-pastoral. Comunidades capazes de animar e envolver os outros, sobretudo pelo exemplo”.

Sobre isto refletimos em nosso Capítulo, tomando decisões para o futuro. Conscientes dos novos contextos em que hoje se insere a vida consagrada, num mundo globalizado e pluralista, marcado por situações dramáticas de pobreza e opressão, na busca de motivos e modelos novos de vida, quereríamos ser capazes de oferecer aos jovens um modelo novo de humanidade, por meio de comunidades que fossem “um só coração e uma só alma”, significativas e visíveis, que pela própria vida e palavra dessem testemunho do Senhor Ressuscitado. Tal como Vossa Santidade nos indicou na *Novo Millennio Ineunte*, queremos que nossas comunidades sejam “casa e escola de comunhão”.

167. E justamente com referência a essa mesma Carta Apostólica, com a qual Vossa Santidade lançou a Igreja no Terceiro Milênio, devo dizer que os nossos trabalhos capitulares foram guiados pelo convite que nos repetiu em nome do Senhor Jesus: *Duc in altum!* Tal convite já o havia acolhido o nosso queridíssimo e saudoso Reitor-Mor, P. Juan Edmundo Vecchi, o qual no-lo deixou quase que como testamento em sua última “Estréia”: «*Duc in altum: ao mar aberto e para o profundo*». Estimulava-nos ele a renovar a nossa missão educativa e evangelizadora no “mar aberto” do mundo de hoje, respondendo aos desafios da juventude hodierna e, juntamente, fundamentando a nossa ação na profundidade da vida espiritual.

Vossa Santidade mesma nos dizia em sua Mensagem, no início do Capítulo, : “Educadores atentos e acompanhadores espirituais competentes como sois, sabereis como ir ao encontro dos jovens que querem «ver Jesus». Sabereis conduzi-los com suave firmeza rumo a metas empenhativas de fidelidade cristã. “*Duc in altum!*”.

Nos jovens de hoje queremos reconhecer – como Vossa Santidade nos indicou – o caminho da Igreja. Com eles, “chamados a ser sentinelas da manhã”, queremos descobrir, sempre de novo, a Luz verdadeira, que ilumina cada pessoa. E em sua companhia entendemos difundi-la com bravura evangélica.

168. Este o horizonte que no Capítulo mantivemos à nossa frente: a vida fraterna e o testemunho evangélico vividos na comunidade levarão a uma presença mais viva e animadora entre os jovens, ajudando-os a crescer naquela “santidade” que – como dizem nossas Constituições – é o presente mais belo que podemos dar aos jovens.

Desejo, por isso, agradecer-lhe, Beatíssimo Padre, o presente dos três novos Bem-aventurados que dará à nossa Família: o Padre Luís Variara, o Irmão Sr. Artêmidis Zatti e a Irmã Maria Meneses Romero – três esplêndidos modelos de santidade, que queremos viver em nossas comunidades e oferecer aos jovens de hoje. Para que possamos alcançar objetivos tão exigentes, imploramos de Vossa Santidade a Bênção Apostólica, que derrame os dons do Espírito sobre os capitulares presentes, sobre os membros do novo Conselho Geral e sobre toda a Família Salesiana.

De nossa parte, junto com a oração assídua segundo as suas intenções, asseguramos o empenho de ser para os jovens na Igreja, como Vossa Santidade auspiciava, “educadores atentos e acompanhadores espirituais competentes”.

Anexo 5

DISCURSO DE S. S. JOÃO PAULO II NA
AUDIÊNCIA AOS CAPITULARES DE 12
DE ABRIL DE 2002

Caríssimos Irmãos

169. 1. Sinto-me feliz em vos receber por ocasião do 25º Capítulo Geral da vossa Congregação. Por vosso intermédio gostaria de fazer chegar a minha cordial saudação a todos os Salesianos que estão trabalhando nas várias partes do mundo.

Saúdo com afeto o novo Reitor-Mor, P. Pascual Chávez Villanueva, e o Conselho Geral que lhe estará ao lado nos próximos anos. Faço votos por que orientem a vossa Família religiosa com entusiasmo e docilidade à ação do Espírito Santo, mantendo vivo o carisma sempre atual do vosso santo Fundador.

E, é claro, não posso deixar de recordar o precedente Reitor-Mor, P. Juan Vecchi, que faleceu recentemente, no final de uma doença aceita com resignação e abandono à vontade de Deus. Sirva o seu testemunho de estímulo a cada Salesiano para fazer da própria vida uma oferta total de amor a Deus e aos irmãos.

170. 2. Neste tempo pascal, a Igreja, depois dos dias da paixão e da crucifixão do Filho de Deus, convida os seus fiéis a contemplar o rosto resplandecente do Mestre divino res-

suscitado. De fato, como lembrava na Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*, “o nosso testemunho seria excessivamente pobre, se não fôssemos primeiro contemplativos do seu rosto” (n. 16). Só em Cristo podemos encontrar a resposta às expectativas mais profundas do nosso coração. Isto pressupõe que toda a energia esteja orientada para Jesus “que temos de conhecer, amar e imitar, para nEle viver a vida trinitária e com Ele transformar a história” (*ibid.*, 29).

Caríssimos Salesianos, se fordes constantemente fiéis a este empenho, se vos esforçardes por imprimir ao vosso trabalho uma constante carga de amor evangélico, podereis realizar plenamente a vossa missão com alegria e eficácia. Sede santos! É a santidade – vós bem o sabeis – a vossa tarefa essencial, como, de resto, é também para todos os cristãos.

A Família Salesiana se apresta para viver a alegria da próxima beatificação de três dos seus filhos: o P. Luís Variara, o Coadjutor Artêmides Zatti e a Irmã Maria Romero Meneses. A santidade constitui a melhor garantia de uma evangelização eficaz, porque nela se encontra o testemunho mais importante que se deve oferecer aos jovens destinatários das vossas várias atividades.

171. 3. A Virgem Santíssima, que vós venerais com o título de *Maria Auxiliadora*, oriente os vossos passos e vos proteja em todos os lugares. São João Bosco, juntamente com os numerosos Santos e Beatos que constituem a multidão celeste dos vossos protetores, vos acompanhe na difícil tarefa de executar as orientações programáticas resultantes dos trabalhos do Capítulo para o bem de todo o Instituto.

Com estes votos, vos abençõo a vós, caríssimos Irmãos, garantindo-vos a minha oração para cada um de vós e por todos os que encontrardes no vosso cotidiano ministério apostólico e missionário.

Anexo 6

“BOA-NOITE” DO P. PASCUAL CHÁVEZ NO DIA DA ELEIÇÃO PARA REITOR-MOR

Espero que na minha nomeação não tenha influído o fato de estarmos no tempo pascal; dado que o meu nome é uma palavra que se repete muitíssimo neste tempo litúrgico (fala-se de fato de círio pascal, tempo pascal...), poderia ter sido visto como uma mensagem subliminar.

1. Agradecimento

172. Começo por exprimir o meu muito obrigado, antes de tudo a Deus Nosso Senhor que quis dar à Congregação e à Família salesiana um novo pastor segundo o estilo de Dom Bosco.

Obrigado ao P. Luc Van Looy, que, por quase dois anos, desde o início da doença do P. Vecchi, guiou a Congregação com verdadeira dedicação e *amorevolezza*. Obrigado ao P. Anthony McSweeny, que acompanhou o processo de discernimento com sabedoria e amor pelos Salesianos. Devo dizer que o fato de não ter tornado público à Assembléia Capitular o número das preferências no resultado da primeira sondagem, permitiu-me dormir muito bem, a ponto de sentir-me agora mais sereno do que ontem.

Obrigado a todos vós que fostes os instrumentos de Deus para fazer-me conhecer a Sua vontade. Pusera-me inteiramente em suas mãos, como diz o salmo 130, ‘como criança no regaço acolhedor de sua mãe’, para estar pronto a responder a qualquer coisa que me pedisse. Não sei se vos destes conta de quanto haveis feito. Seja como for, eis-me aqui.

2. Uma surpresa

173. Esta nomeação é, antes de tudo, uma surpresa para mim e a recebo como expressão da vontade de Deus, tal como o disse quando me foi perguntado se aceitava. Exprime o desejo amorável de Deus, que me deseja cada vez mais a serviço dos irmãos e dos jovens, tendo-o como único Senhor da minha vida. Sinto-me porém muito pouco adequado para desempenhar a grande tarefa e assumir a grande honra de ser o sucessor de Dom Bosco.

3. O perfil

174. Lendo e relendo o elenco das qualidades requeridas para o cargo de Reitor-Mor e apresentadas à assembléia para o discernimento, posso confidenciar-lhes que aí não me encontrava, não me sentia enquadrado. Estava certo, por isso, de que seria eleito um outro. E o digo com muita sinceridade. Agora compreendo que nesse perfil vós quisestes traçar não somente as vossas expectativas relativas ao Reitor-Mor, mas também o seu programa pessoal de vida. Muito obrigado. Esse também é um dom do Senhor.

4. O programa sexenal

175. A descrição dos problemas por vós apresentados nas perguntas feitas ao Vigário do Reitor-Mor, após a apresentação da Relação sobre o estado da Congregação no sexênio 1996-2002, completa o panorama da situação, já descrita pelo P. Luc Van Looy, no seu Relatório. Junto com as prioridades indicadas e com as conclusões do CG25, essa entrará a fazer parte da Programação do Reitor-Mor e do seu Conselho para o próximo sexênio.

5. Um percurso veloz

176. Talvez vos pergunteis como tenha chegado a este encargo. Foi, a meu ver, um percurso decididamente curto e veloz. Em 1995, no fim do meu mandato como Inspetor de Guadalajara, México, fui chamado pelo P. Viganó que me convidava a concluir o percurso formativo com o doutorado em Teologia Bíblica. Lembro-me muito bem de suas palavras: “A Congregação precisa desse doutorado”. Quando lhe perguntei qual seria o meu futuro, respondeu-me: “Não sei ainda. Poderias talvez ser professor na UPS, ou colaborar no dicastério da formação, ou talvez poderias... poderias ser Inspetor!». Dispunha de apenas um ano e meio para terminar.

Lembrar-vos-eis provavelmente de como fui chamado ao Conselho geral neste último sexênio. Estava, seis anos atrás, a pregar um curso de Exercícios Espirituais a um grupo de irmãos da Inspeção de Madri, quando me chegou um telefonema do P. Vecchi, o qual me informava que a assembléia capitular me havia eleito Conselheiro para a Região Interamérica e me pedia uma resposta. Era o dia

2 de abril de 1996. Isto quer dizer que somente 6 anos e um dia depois, me chega esta nova nomeação.

Nomeando-me Inspetor, o P. Viganó convidava-me a deixar-me guiar pelo Espírito, pondo de lado os projetos pessoais e assumindo os que Deus me apresentava como programa de vida.

Por seu lado, o P. Vecchi, na sua introdução aos trabalhos do novo Conselho Geral, convidava-nos a viver o cargo como uma graça, uma oportunidade para progredir no caminho da santidade, iluminando a própria e alheia realidade com a luz de Dom Bosco, do seu carisma, da sua missão, tal como está codificado nas Constituições. Embora sinta que nestes últimos anos cresci salesianamente, confesso-vos que há ainda muito caminho por fazer. Conto entretanto com o Senhor e a sua Graça, assim como com cada um de vós e com todos os irmãos das vossas Inspetorias.

6. Em continuidade com os últimos Reitores-Mores

- 177.** Sinto-me chamado a continuar o esplêndido trabalho de animação e de governo desempenhado pelo P. Viganó e pelo P. Vecchi. O esforço do primeiro para renovar a identidade salesiana segundo as indicações do Concílio Vaticano II e para colocar a Congregação em sintonia com as necessidades dos jovens de hoje, foram uma contribuição à qual se não pode não responder adequadamente, fazendo nossa aquela identidade. E a contribuição do P. Vecchi de criar um modelo pastoral cónsono com a situação da sociedade atual, com as novas concepções de educação, de evangelização e de pastoral juvenil, serviu sobretudo para tornar significativa a nossa obra em favor dos jovens.

A sólida formação teológica do P. Viganó e a sua proximidade com o carisma de Dom Bosco desembocaram numa interpretação original atualizada de nosso Pai fundador. A competência pedagógica e a visão antropológica do P. Vecchi enriqueceu a Congregação, dando-lhe segurança sobre o que fazer hoje para ser verdadeiramente significativos, como indivíduos e como comunidades.

7. O meu desejo

178. Quereria ter a preparação teológica do P. Viganó, a sensibilidade pedagógica e cultural do P. Vecchi, mas sobretudo a amorável paternidade do P. Rinaldi e a fidelidade do P. Rua, de quem Paulo VI afirmou que a sua beatificação se deve ao fato de Rua haver feito de Dom Bosco uma escola, da sua santidade um modelo, da sua regra um espírito. Consciente dos meus limites e das minhas fraquezas, convidando-vos, e por meio de vós a todos os irmãos da Congregação, idosos e jovens, padres e coadjutores, doentes e em plena saúde, a reproduzirmos juntos a imagem de Dom Bosco.

8. Uma nova fase

179. Sou o primeiro Reitor-Mor não italiano. (O P. Vecchi era argentino, mas de pais italianos.) Este é um sinal da multiculturalidade da Congregação, já espalhada por todo o mundo.

Aproveito a ocasião para agradecer a toda a Itália salesiana, que soube até agora cumprir a sua responsabilidade histórica de transmitir fielmente o carisma de Dom Bosco. Obrigado caríssimos irmãos italianos aqui presentes, inseridos nas várias comunidades da península missionários no mundo.

Agora esta responsabilidade histórica passa a todos, porque todos somos chamados a encarnar Dom Bosco. Precisamos aprofundar o conhecimento de Dom Bosco, justamente porque necessitamos de identidade carismática, para não nos perdermos neste vasto oceano em que fomos chamados a adentrar-nos, tal como nos indica a Estréia do meu predecessor. Precisamos conhecer Dom Bosco, até torná-lo nossa *mens*, o nosso ponto de vista, o nosso agir perante as necessidades dos jovens. Convido-vos a amá-lo. É o presente mais belo que Deus nos deu: Dom Bosco, caminho seguro para a realização humana e sobretudo para a seqüela de Cristo. Eis a minha exortação: conhecê-lo, amá-lo, imitá-lo porque somos todos herdeiros e transmissores do seu espírito, e por isso divulgá-lo.

8. A minha atitude hoje

180. Com que atitude assumo hoje esta responsabilidade? Com a atitude de Moisés e de Dom Bosco. Com efeito, quando fui ordenado sacerdote, dia 8 de dezembro de 1973, escolhi como mote uma expressão que me havia impressionado enquanto estudava a Carta aos Hebreus: “Como se visse o invisível, perseverou firme na fé”. É o texto com que o autor da Carta resume a experiência espiritual de Moisés, o homem pascal. Para fazer o longo e perigoso caminho junto com o Povo de Deus, povo que conduziu como líder fora do Egito, ele precisava de muita audácia, de “parrésia”; mas esta mostrara-se insuficiente, sobretudo quando soube que estava sendo procurado por haver matado um egípcio e se refugiar no deserto; aí amadureceu a opção de abdicar dos seus projetos. Por isso, quando foi novamente convocado pelo Senhor, teve Moisés de renunciar a si mesmo e aos

seus projetos e entregar-se totalmente a Deus, crer nEle, caminhar como se contemplasse o invisível.

Asseguro-vos que experimentei uma grande emoção quando, anos depois, li no artigo 21 do texto renovado das Constituições esta mesma expressão aplicada a Dom Bosco, no qual o Santo é apresentado como Pai e Mestre. Dom Bosco foi um homem que viveu para realizar um único sonho: salvar os jovens, especialmente os mais necessitados e periclitantes; foi um padre educador, totalmente “consagrado” à missão que Deus lhe havia confiado, e a esse serviço orientou todas as suas qualidades de natureza e de graça.

Este ser um homem unificado, a perfeita encarnação da interioridade apostólica, está na raiz da sua maravilhosa intrepidez, da sua fantástica criatividade, da sua incansável capacidade de trabalho, da sua rica sensibilidade, do seu amor generoso.

9. Entrega a Nossa Senhora

181. Termino convidando-vos a entregar a Maria a minha pessoa e toda a Congregação. Ela é o precioso testamento deixado por Jesus, para que fosse Mãe nossa e nos ensinasse a ser fiéis e discípulos do seu Filho. Ela foi, desde o sonho dos nove anos, a Mãe e a Mestra de Dom Bosco. Ela é hoje a *Stella Maris*, que nos guiará e nos acompanhará na aventura de “*fazer-nos ao largo*” a que nos convidou o P. Vecchi, para pôr a Congregação e a Família Salesiana em sintonia com o programa da Igreja no início do terceiro milênio.

Obrigado. Boa noite!

Anexo 7
DISCURSO DO REITOR-MOR P.
PASCUAL CHÁVEZ VILLANUEVA NO
ENCERRAMENTO DO CG25

182. Caros Irmãos Capitulares,
eis que chegamos ao fim da experiência do CG25, que vivemos como dom do Espírito, dom para nós e para a nossa Congregação. O Espírito de Cristo derramou sobre nós a riqueza e a variedade dos seus dons, dons que nos encheram de alegria e nos indicaram os caminhos para o futuro. O nosso primeiro pensamento, humilde e grato, é pois dirigido a Deus, que por meio do seu Espírito animou a nossa assembléia a viver a unidade na comunhão e a buscar a resposta aos seus apelos.

São muitas as pessoas a quem desejo agradecer neste momento de conclusão. Agradeço primeiramente ao Vigário do Reitor-Mor, P. Luc Van Looy, ao Regulador do Capítulo, P. Antonio Domenech, ao P. Antonio Martinelli, à Comissão pré-capitular, aos Moderadores e aos Secretários da Assembléia, a Dom Alois Kothgasser, ao P. Anthony Mc Sweeny, que com variada intensidade de empenho e de responsabilidades orientaram a vida e o trabalho da Assembléia.

Agradeço, além disso, à Assembléia capitular, que esteve sempre pronta, operante e disponível, nas várias etapas e prazos que se foram sucedendo, ajudada pelas suas Comissões e articulações internas. Agradeço aos secretários do Capítulo, aos tradutores, à ANS e à sua equipe, aos irmãos da Casa Geral, ao pessoal de apoio, que com um trabalho discreto e ativo tornaram possível todo o desdobramento desta importante assembléia.

Agradeço finalmente aos membros do Conselho geral em final de mandato, que realizaram o seu trabalho com verdadeira dedicação e competência; saúdo especialmente os Conselheiros que findaram o seu mandato; dou a seguir os parabéns ao Vigário e aos Conselheiros gerais que acolheram a indicação da assembléia capitular para serem meus colaboradores neste sexênio.

Acompanhou-nos nestes dias a preocupação pela Terra de Jesus. O drama da guerra esteve-nos sempre presente; acompanhamos as notícias, que se foram sucedendo rapidamente; unimo-nos na oração ao grito angustiado de João Paulo II. As matanças, as represálias, as ocupações, as destruições infelizmente criaram uma fratura entre os dois povos. Nós também ficamos preocupados com a sorte de nossos irmãos e irmãs de Belém e de Cremisã e continuamos acompanhando o desenrolar-se da situação com a oração, a proximidade e a solidariedade.

Ficamos também impressionados com o escândalo divulgado pela mídia relativo a padres e religiosos da Igreja dos Estados Unidos, acusados de abusos contra menores. Tudo isso está a exigir, de nós educadores, uma particular atenção. Como também continuamos a acompanhar as situações de conflitos sociais ou de guerras, que afligem os países onde estamos presentes.

Seguindo o exemplo da comunidade apostólica, enviada por Jesus a levar o anúncio do Reino e a ensinar a todas as nações “na alegria do Espírito”, agora a nossa assembléia está pronta para ir a todo o mundo, a fim de que cada um possa voltar a percorrer os caminhos da história, a viver com os jovens, a animar as comunidades, a caminhar com a Igreja.

1. A Comunidade Salesiana Hoje

183. O CG25 desenvolveu o tema principal da “Comunidade salesiana hoje” e o secundário da “Avaliação do funcionamento das estruturas do governo central”. A maior parte do tempo foi dedicada à reflexão sobre o tema da comunidade, que já se havia iniciado nos dois Capítulos precedentes; eles haviam feito emergir a comunidade local como o lugar estratégico da educação na fé dos jovens e do envolvimento dos leigos.

O *Capítulo Geral 23* enfrentara o desafio da educação dos jovens na fé. Ela estava se tornando uma ação cada vez mais complexa, conseqüência de uma cultura emergente, que exigia um repensamento da metodologia e dos conteúdos. Partindo dos desafios da realidade juvenil nos seus vários contextos, os capitulares traçaram um caminho de educação na fé para os jovens, oferecendo-lhes uma proposta de vida cristã significativa e de espiritualidade juvenil salesiana.

Era preciso renovar a qualidade da nossa proposta educativo-pastoral. Não se tratava de criar novas presenças, mas de fazer nascer *uma presença nova*, um modo novo de estarmos presentes no lugar onde já nos encontramos. Mais uma vez a Congregação sentia-se chamada a relançar

a atitude do «da mihi animas», convertendo a comunidade em «sinal de fé, escola de fé e centro de comunhão».

O *Capítulo Geral 24* concentrou a sua reflexão sobre o desafio de criar uma nova sinergia entre SDB e leigos, ou seja, sobre o desafio de multiplicar as pessoas que queiram viver o seu batismo na área da educação, de fazer convergir Salesianos e leigos para um novo modelo de relações, de colocar os salesianos perante a sua tarefa prioritária de animação pastoral e pedagógica.

Crescia cada vez mais a convicção de que a nova evangelização e a nova educação não podiam se realizar sem a colaboração orgânica e qualificada dos leigos. Quanto às comunidades salesianas, deviam agora atualizar-se mais e mais, para se tornarem animadoras das comunidades educativo-pastorais e da Família Salesiana.

Nestes dois últimos Capítulos Gerais projetou-se um novo modelo pastoral. Nele, a comunidade salesiana tem uma tarefa de animação, o de ser o ponto de referência carismático para todos aqueles que partilham o espírito e a missão de Dom Bosco. A qualidade de sua vida consagrada, a profundidade de sua experiência espiritual, a significatividade do seu testemunho e a incisividade da sua proposta, são fatores indispensáveis para dar vida e força evangélica à animação da CEP e da Família Salesiana.

184. Com o *Capítulo Geral 25* a comunidade salesiana é colocada no centro e é vista em todas as suas dinâmicas e características. Não é tanto a dimensão comunitária a ser tomada em consideração, mas a comunidade local como sujeito, ou seja, a sua capacidade de planejar, de envolver as numerosas forças, de profecia evangélica, de comunhão e, em última análise, de evangelização. O CG25 aprofunda assim a caminhada feita pela Congregação e dá novo rele-

vo à realização da “subjetividade plena” da comunidade. O modelo de comunidade que emerge do CG25 é aquele que faz referência à nossa consagração apostólica, como se expressa no artigo 3 das Constituições. A comunidade vive a graça de unidade, que realiza a síntese vital entre a vida fraterna, o seguimento radical de Cristo, a experiência espiritual, a dedicação à missão juvenil.

O texto capitular sobre a comunidade se apresenta como um conjunto de cinco *módulos operativos* ou fichas de trabalho. A comunidade salesiana é o sujeito principal, ao qual se dirige o texto. Assumindo-o, ela é convidada a acolher o chamado que Deus lhe dirige por meio dos acontecimentos históricos e eclesiais, das indicações da Palavra de Deus e da nossa Regra de vida, dos apelos dos jovens, das necessidades dos leigos e da Família Salesiana. A comunidade aprofunda, a seguir, a leitura da própria situação, descobrindo as disponibilidades e as resistências, os recursos e as carências, as possibilidades e os limites. Aprende ainda a reconhecer os desafios fundamentais e a enfrentá-los com coragem e esperança; sabe também questionar-se apropriadamente e buscar as respostas. Finalmente, a comunidade se confronta com as orientações operativas propostas e determina as condições para traduzi-las em prática.

185. Os conteúdos fundamentais referem-se à vida fraterna, ao testemunho evangélico, à presença animadora entre os jovens. A *vida fraterna* da comunidade propõe-se favorecer os processos de crescimento humano e vocacional dos irmãos, superar a inércia de relações formais ou funcionais, reforçar o sentido de pertença e o clima fraterno, facilitar a comunicação, ajudar a construção de uma visão partilhada. Podem para tanto ser úteis: o projeto pessoal

de vida, a prática do discernimento comunitário, a valorização dos momentos de encontro comunitários, o projeto da comunidade salesiana.

O *testemunho evangélico* nos pede que manifestemos visivelmente o primado de Deus na vida da comunidade, que vivamos a “graça de unidade” na experiência espiritual e nas expressões comunitárias, que tornemos radical, profético e atraente o testemunho comunitário do seguimento de Cristo, que partilhemos as nossas motivações e empenhos vocacionais. A centralidade da Palavra de Deus, favorecida pela prática da “lectio divina”, a qualidade da oração comunitária, a Eucaristia cotidiana, a comunicação e a partilha da vida ajudam o aprofundamento da experiência espiritual e a manifestação do primado de Deus. A maneira, além disso, de viver o seguimento de Cristo, mediante a centralidade de uma obediência alegre na missão, a concretude de uma pobreza austera, o esplendor da castidade vigilante e serena torna mais transparente o testemunho da comunidade.

Onde existe uma comunidade salesiana, está presente uma experiência de fé, constrói-se uma rede de relações, oferecem-se múltiplas formas de serviço aos jovens. A comunidade torna visível a *presença salesiana entre os jovens*, anima-a e promove-lhe o crescimento. É necessário, pois, antes de tudo, voltar para o meio dos jovens e ser não somente uma comunidade *para* os jovens, mas também *com* os jovens. Por isso, a comunidade salesiana constrói uma presença de comunhão e de participação, envolve os leigos e a Família Salesiana, insere-se no território. Ela se torna presença que educa e evangeliza, criando ambientes de intensa carga espiritual, tomando consciência e agindo perante as situações de pobreza, realizando projetos e pro-

cessos de crescimento para os jovens. Ela, enfim, promove a escolha vocacional de cada jovem, anima a comunidade educativo-pastoral para que seja lugar de crescimento vocacional, leve a efeito uma metodologia do acompanhamento e da proposta vocacional.

Para ser uma comunidade que vive a fraternidade, que dá intenso testemunho evangélico, que anima a presença entre os jovens, ela mesma precisa ser animada, atualizada, motivada, encorajada, orientada, guiada. A *animação da comunidade* passa principalmente através da formação contínua. A comunidade pode oferecer momentos de renovação espiritual, ocasiões de confronto, oportunidade de atualização educativa e pastoral; mas a valorização e a qualificação da vida cotidiana são o primeiro recurso de formação na comunidade. O diretor possui um papel fundamental na animação da comunidade, mas envolvendo e responsabilizando todos os irmãos; a sua atenção se concentra no carisma, na missão, na fraternidade. Ele anima a comunidade conjuntamente com os irmãos.

O CG25 propõe, enfim, algumas *condições* que tornam possível o ser comunidade salesiana hoje; trata-se de ajudar a comunidade a trabalhar de acordo com um projeto comunitário, de garantir a consistência qualitativa e quantitativa da comunidade, de aprofundar o relacionamento entre comunidade e obra, de atualizar o projeto orgânico inspetorial. Algumas destas condições dizem respeito ao nível local, mas na maioria das vezes exigem também a responsabilidade e as escolhas da comunidade inspetorial.

A cada comunidade o Capítulo confia estes cinco itinerários, para que os estude, aprofunde, concretize, a fim de que se torne uma comunidade carismática significativa.

2. A avaliação do funcionamento das estruturas centrais de governo

186. O segundo elemento temático da reflexão capitular consistiu na avaliação do funcionamento das estruturas do governo central. Tal avaliação, pedida explicitamente pelo CG24, foi iniciada pelo Conselho geral e aprofundada por este CG25. O Conselho geral iniciou o trabalho de revisão com a contribuição de uma consulta externa e a reflexão de um grupo de Inspectores, orientada pelo Vigário do Reitor-Mor. Foram a seguir interpelados os Capítulos Inspetoriais com algumas perguntas que se referiam aos Conselheiros de setor, aos Conselheiros regionais e às Visitas extraordinárias. O Capítulo Geral 25, por fim, levou em consideração esse trabalho e desenvolveu sua reflexão, com a finalidade de tornar mais ágil e eficaz o funcionamento das estruturas do governo central.

A avaliação feita levou o CG25 a fazer algumas modificações constitucionais; elas se referem à temporalidade do encargo do Reitor-Mor e dos membros do Conselho geral, a atribuição da animação da Família Salesiana ao Vigário do Reitor-Mor e a conseqüente entrega a um Conselheiro geral do único encargo do setor da Comunicação social. Deste modo, se oferecem: uma modalidade de mudança dentro do Conselho Geral, que, sendo programada com tempo, poderá ser preparada; uma nova possibilidade de animação para a Família Salesiana; uma ulterior valorização da Comunicação social a serviço da educação e da evangelização.

Constituíram-se dois diferentes grupos de Inspeorias, chamadas Ásia Sul e Ásia Leste-Oceânia, nascidos da divisão do único grupo chamado Austrália-Ásia. Tal decisão vai permitir maior animação das duas novas “Regiões”,

por parte dos respectivos conselheiros, e impele a encontrar formas mais apropriadas de coordenação dentro das “Regiões”.

Sente-se a necessidade de estudar um modo diferente de realizar o Capítulo Geral, para que responda melhor às necessidades do planejamento e da concretude. Tem-se consciência de que os Capítulos gerais de releitura do carisma já terminaram, e que se passou aos Capítulos gerais ordinários. Reflexões análogas poderão ser feitas sobre o funcionamento dos Capítulos inspetoriais.

Sublinha-se a instância para que o Reitor-Mor com o Conselho geral trabalhe de maneira mais orgânica e coordenada, a partir da programação do sexênio, mas também nas realizações sucessivas. Deseja-se especialmente que se supere o setorialismo; sobretudo que os assim chamados setores da “missão salesiana”, ou seja, pastoral juvenil, comunicação social e missões, trabalhem mais conjugadamente. Percebe-se também a urgência de trabalhar com projetos e de zelar por uma animação capaz de ativar processos. Nota-se outrossim a importância de valorizar os recursos presentes nas Regiões, nas Conferências e nas Inspetorias, e de uni-las em rede. Nisto também a Casa Geral pode dar sua específica contribuição para melhorar as modalidades de trabalho com toda a Congregação.

Aprecia-se a contribuição, dada ao crescimento das Inspetorias, pela realização da descentralização e da subsidiariedade; mas se reconhece também a exigência de uma solidariedade que supere o âmbito inspetorial ou regional e a necessidade de maior coordenação interinspetorial. Em tempos de mundialização é preciso moderação para amenizar as instâncias globais e os impulsos locais; é preciso refletir sobre aquilo que é conveniente

que as Inspetorias façam com suas próprias forças e aquilo que é mais útil que realizem juntas. Há, de fato, necessidades, urgências e prioridades que ultrapassam o âmbito das “Regiões”. As fronteiras da missão requerem se conjuguem subsidiariedade e solidariedade.

A realização do processo de discernimento para a eleição do Reitor-Mor e dos Conselheiros gerais foi uma ocasião para viver e experimentar uma práxis, um método e uma experiência espiritual, que precisam ainda ser aprofundados, mas que já estão dando resultados apreciáveis. O discernimento, realizado em comum nas coisas de importância (C 66), é um caminho aberto a ser experimentado nos momentos de governo e da vida pastoral nos vários níveis. O exercício desta prática nos ajudará a chegar a visões partilhadas.

A exigência da avaliação das estruturas do governo central continua aberta à efetiva realização de um diferente funcionamento e requer um empenho análogo nos vários níveis da Congregação. De um modo melhor de trabalhar se chegará a um trabalhar conjunto, a um trabalhar bem, a um trabalhar eficaz.

3. A hora que vivemos

187. A hora que estamos vivendo é empolgante e dramática; oferece novas oportunidades e limita algumas possibilidades; abre espaços inéditos e aponta para desafios não fáceis. As orientações operativas do CG25 inserem-se em contextos de referência mais amplos, que é preciso ter presentes; e a caminhada das comunidades vai-se dando dentro das situações da sociedade e da cultura, da Igreja, da vida religiosa. A aplicação do CG25 nos pede que conhe-

çamos nossos contextos particulares, mas também que nos situemos nas grandes mudanças em andamento.

3.1 *O contexto social e cultural da secularização, globalização e fragmentação*

Na sociedade e na cultura estão em andamento profundas e rápidas transformações, que interpelam o trabalho de educação e de evangelização, o testemunho da vida religiosa, o modelo de homem e de mulher que propomos.

Constata-se um acentuado pluralismo étnico, cultural e religioso, favorecido também por migrações em massa. Muitas vezes tornam-se difíceis a tolerância e a integração cultural; aparecem ainda várias formas de sincretismo religioso; às vezes nascem tensões, conflitos e guerras com matizes étnicos, nacionalistas e religiosos. No campo religioso é muito forte o processo de *secularização*, que diz respeito de maneira especial à fé cristã, mas envolve também outras religiões. São também acentuados os movimentos que buscam experiências espirituais, satisfação interior, emoções profundas.

A *globalização*, por sua vez, é uma realidade que se afirma cada vez mais e que se manifesta especialmente no planejamento econômico em dimensões mundiais, na crescente consciência de solidariedade, na defesa do ambiente, na exigência de uma partilha mais justa e distribuição dos bens, na comunicação social e no desenvolvimento da informática. Mas ela produz também injustiças e exclusões sociais, em prejuízo das populações mais vulneráveis. O bem-estar econômico, que assume aspectos cada vez

mais arrogantes nas faixas privilegiadas da humanidade, produz nelas o consumismo e o hedonismo. Ao mesmo tempo os desafios da fome, da pobreza, das doenças e da exclusão, que atingem bilhões de pessoas, tornam-se cada vez mais agudos.

A *complexidade* e a *fragmentariedade*, por fim, criam instabilidade e diversidade de pontos de referência, de valores e de interesses. Junto com um sadio pluralismo e a busca de novos critérios multiplicam-se os desafios e se difundem o relativismo e o pragmatismo. Enquanto, por um lado, se sublinha com força o valor da pessoa e dos seus direitos e a dignidade da mulher é progressivamente reconhecida na prática, tem-se uma visão mais objetiva do corpo, da afetividade e da sexualidade, por outro, nascem novas formas de exploração da pessoa e especialmente dos menores, e aumenta a fuga do compromisso com a solidariedade. A pós-modernidade acentua a atenção às relações interpessoais, o cultivo dos afetos, mas também o individualismo e o subjetivismo.

O CG25 pede às comunidades que aceitem os desafios que a cultura apresenta à educação e à evangelização; que vivam a fraternidade dando atenção ao amadurecimento vocacional de cada irmão e ao cuidado das relações interpessoais; que dêem um testemunho evangélico propositivo e alternativo com relação ao contexto em que se encontram. Cada comunidade busca assim não só aprofundar cada vez mais o conhecimento do contexto em que vive e age, mas também apresentar respostas eficazes.

3.2 O contexto eclesial da Novo Millennio Ineunte

188. No fim do Ano Jubilar e no início do novo milênio, João Paulo II convidou a Igreja a «fazer-se ao largo»⁵⁹, a «fixar os olhos no Senhor Jesus»⁶⁰, a «partir de Cristo»⁶¹, a ser «testemunhas do amor»⁶², construindo comunhão.

A primeira área na qual é preciso individualizar as orientações pastorais adaptadas a cada comunidade é o “*partir de Cristo*”. «O horizonte para que deve tender todo o caminho pastoral é a santidade»⁶³: chegou a hora de repropor a todos esta medida alta da vida cristã que é a santidade e de ter uma pedagogia da santidade. «Para esta pedagogia da santidade há necessidade dum cristianismo que se destaque pela arte da oração»⁶⁴: as nossas comunidades são urgidas a serem autênticas escolas de oração; a educação da oração deve tornar-se um ponto qualificador de toda programação pastoral. «Não há dúvida de que este primado da santidade e da oração só é concebível a partir duma renovada escuta da Palavra de Deus».⁶⁵ Santidade, oração e escuta da Palavra de Deus são os caminhos fundamentais da pastoral pós-jubilar.

A segunda área em que é preciso manifestar um decidido compromisso programático é o da *comunhão*. «Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão: eis o grande desafio que nos espera no milênio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas profundas do mundo».⁶⁶ A profecia da comunhão pres-

⁵⁹ NMI, 1.

⁶⁰ Cf. NMI, 16-28.

⁶¹ Cf. NMI, 29-41.

⁶² Cf. NMI, 42-57.

⁶³ NMI, 30.

⁶⁴ NMI, 32.

⁶⁵ NMI, 39.

⁶⁶ NMI, 43.

supõe que se cultive a espiritualidade da comunhão; ela se exprime no cultivo da variedade das vocações, na promoção do compromisso ecumênico, no apostar na caridade, no favorecer o diálogo inter-religioso e a missão “ad gentes”, no enfrentar os desafios da cultura atual.

Com o CG25, a Congregação entende responder ao apelo de João Paulo II para trabalhar nas fronteiras da nova evangelização e para colocar em ação os dons e tarefas do Jubileu: “*Duc in altum*”. Todas as comunidades são chamadas a partir de Cristo e a construir comunhão. Isto irá trazer novos frutos de vida espiritual e de evangelização.

3.3 O contexto religioso da refundação carismática

189. Durante estes anos pós-conciliares a vida consagrada viveu um insistente convite a se renovar, tornando-se eloqüente e significativa; especialmente, a Exortação Apostólica *Vita Consecrata* acata as instâncias de re-fundação que nestes trinta anos se verificaram na vida consagrada e constitui o ponto de referência para “uma grande história a ser construída”.⁶⁷

No delicado processo de renovação, desejado pela Igreja, a nossa Congregação dedicou três Capítulos Gerais “extraordinários”, que especificaram a identidade salesiana. Será útil relembrar o caminho feito. Enquanto o CG19, que se deu durante o Concílio, «tomou consciência e preparou», o CG20 «pôs em órbita», o CG21 «avaliou, retificou, confirmou e aprofundou»; o CG22 foi chamado a «re-examinar, precisar, completar, aperfeiçoar e concluir»⁶⁸.

⁶⁷ VC, 110.

⁶⁸ Cf. ACS 305, p. 9.

O *Capítulo Geral Especial 20* realizou a avaliação e a adequada renovação da Congregação segundo o espírito do Fundador e de acordo com os objetivos indicados pela Constituição Dogmática *Lumen Gentium* e pelo Decreto *Perfectae Caritatis*. O Capítulo propôs-se não só cumprir as orientações e as diretrizes do Concílio Vaticano II como simples formalidade, mas aproveitou da oportunidade para responder melhor a Deus e aos jovens. Por isso, o CGE, precedido por uma preparação muito acurada, por meio de interpelação feita a todas as Inspetorias, quis reformular um projeto global. A pergunta fundamental era como tornar visível e atual o testemunho particular da vida religiosa salesiana na Igreja. Tratava-se também de exarar um texto renovado das Constituições e dos Regulamentos. Em síntese, era necessário re-fundar a identidade da Congregação.

O resultado de sete meses de trabalho capitular encontra-se nos 22 documentos de orientações doutrinárias e operativas. O que se fez, pois, foi uma reformulação, mais carismática, do “Texto Constitucional”. Codificou-se nos “Regulamentos” o modo prático universal de viver as Constituições, remetendo às Inspetorias a tarefa de regulamentar o que é próprio dos lugares, por meio dos Diretórios Inspetoriais.

O *Capítulo Geral 21* teve como objetivo avaliar *se e como* se havia feito a renovação. A profundidade e a rapidez da mudança, fruto do Concílio Vaticano II, trouxeram à Igreja e à Congregação uma situação de mal-estar, que pedia clareza de orientação e sabedoria nas soluções. A ação profundamente renovadora, realizada na Congregação pelo CGE, impunha revisão, retificação, aprofundamento e reconfirmação.

No CG21 estudaram-se também alguns temas substanciais para a Congregação: o Sistema Preventivo, a For-

mação à Vida Salesiana, o Salesiano Coadjutor e a Universidade Pontifícia Salesiana. Esse trabalho de esclarecimento da identidade, reforçado pela Encíclica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, aprofundou a missão específica salesiana. Em seu discurso de encerramento, o Reitor-Mor, P. Egidio Viganó, sintetizou os três objetivos que se foram evidenciando durante o trabalho capitular: a tarefa prioritária de levar o Evangelho aos jovens, que implicava um projeto educativo pastoral; o espírito religioso; o novo estatuto da comunidade salesiana como animadora da comunidade educativo-pastoral.

O CG21 significou, certamente, uma radical renovação pastoral.

O CG22, realizado após um tempo intenso de experimentação e aprofundamento da identidade salesiana, propunha-se concluir o projeto de renovação, com a definitiva revisão da Regra de Vida. O resultado final do trabalho capitular foi, segundo as palavras do Reitor-Mor, «um texto orgânico, profundo, melhorado, permeado de Evangelho, rico da genuinidade das origens, aberto à universalidade e voltado para o futuro, sóbrio e digno, denso de equilibrado realismo e de assimilação dos princípios conciliares».⁶⁹ A redação definitiva da Regra de Vida trouxe consigo, entre outras coisas, a renovação da *Ratio*; a idéia central era que toda a formação dos salesianos sintonizasse com a natureza da vocação e de sua missão específica de educadores e pastores dos jovens.

Assim a nossa Congregação empenhou-se na releitura ‘fundacional’ do seu carisma e na sua “re-fundação”. Depois dos Capítulos Gerais “extraordinários” seguiram-se

⁶⁹ *Capítulo Geral 22 da Sociedade de São Francisco de Sales*, Documentos, Roma 1984, p. 19.

mais três Capítulos Gerais “ordinários”, voltados para assuntos de caráter operativo: a educação na fé dos jovens, o envolvimento dos leigos no espírito e na missão salesiana, e a comunidade salesiana hoje. A releitura carismática da identidade estava concluída, mas sua tradução concreta ainda está em andamento.

4. A meta do CG25

190. Concluídas as etapas da preparação e da celebração do CG25, chegou a hora de passar à fase da prática. Agora é tempo de assimilar o Capítulo com todos os irmãos, de torná-lo programa de governo inspetorial, de traduzi-lo operativamente nas comunidades. Para individuar os passos a serem dados, nos detemos agora a considerar as perspectivas de futuro e a meta a ser alcançada.

Revendo o caminho feito pela Congregação nestes trinta anos, pode-se notar que a mudança nem sempre foi linear. Penso que a resistência maior não se deu na renovação das Constituições, ou das estruturas de governo, ou da prática pastoral, mas na renovação espiritual, que acarreta uma profunda conversão interior.

Nestes anos de transformação, foi-se configurando uma nova forma de vida religiosa salesiana. Já temos os “*odres novos*”: uma nova evangelização, uma nova educação, um novo modelo pastoral, uma nova formação. Foi-se aos poucos também produzindo o “*vinho novo*”: o novo evangelizador, o novo educador, o novo sujeito pastoral, o novo salesiano.

Sentimo-nos, por vezes, incomodados perante o uso do adjetivo “novo” para qualificar realidades que consideramos conhecidas, sobretudo pelas conseqüências práticas que isso comporta: a necessidade de nos renovarmos

espiritualmente, de nos atualizarmos profissionalmente, de nos qualificarmos pedagogicamente. A novidade provém das situações, dos contextos, das mudanças da realidade, da visão antropológica.

Hoje a preocupação da vida religiosa em geral, e da Congregação em particular, não pode ser a da sobrevivência, mas a de criar uma presença significativa e eficaz. É questão de profecia. «Isto comporta — escrevia o P. Vecchi — dar vida a uma presença que suscite questionamentos, dê razões de esperança, convoque pessoas, desperte colaboração, ative uma comunhão cada vez mais fecunda, para realizarmos juntos um projeto de vida e de ação segundo o Evangelho».⁷⁰ O que se quer é um tipo de vida fascinante e atraente, que dê o primado ao profético mais que ao organizativo, que privilegie as pessoas mais que as estruturas.

Parafraseando Karl Rahner em seu testamento espiritual, podemos dizer que o futuro da vida religiosa passa através da sua força mística, a sua sólida experiência e o transparente testemunho de Deus, a superação de todo tipo de aburguesamento, atonia e mediocridade. A vida religiosa nasceu e tem sentido só como sinal da busca e da primazia de Deus. A sua missão é a de ser sacramento: ser “*sinais e portadores do amor de Deus*” (C 2), especialmente em favor dos mais necessitados, para que eles possam fazer a experiência de que Deus existe e os ama.

Quando os Superiores Gerais decidiram aprofundar o tema da re-fundação da vida religiosa⁷¹, movia-os a cons-

⁷⁰ VECCHI J.E., *Especialistas, testemunhas e artífices de comunhão*, ACG 363, 21. Não é indiferente que o próprio P. Vecchi cite este texto em sua carta de convocação do CG25, ACG 372, 30.

⁷¹ Cf. AA.VV., *Per una fedeltà creativa*. Rifondare: ricollocare i carismi, ridisegnare la presenza, Il Calamo, Roma 1999, que reúne o 54º *Convenius Semestralis da USG*, em Ariccia, no mês de novembro de 1998.

ciência de que há necessidade de “vinho novo em odres novos” (cf. Mc 2,22); uma fonte de novidade é o chamado a voltar às origens do carisma. Trata-se para nós de expressar a originalidade da Congregação, de ir ao essencial, de re-escrever a carta de Roma de 1884. *Voltemos a Dom Bosco e voltemos aos jovens!*

As imagens da “luz”, do “sal” e do “fermento”, empregadas por Jesus no Evangelho para definir a identidade e a missão dos discípulos, são reveladoras e empenhativas. Simplesmente é preciso “ser” para ter significado e relevância. Mas se o sal perder o seu sabor, ou se a luz se colocar por sob a mesa, ou se o fermento já não puder levedar, para nada mais servem: perderam a razão do seu “ser”.

A força da vida religiosa está no seu caráter profético perante a cultura, subversivo perante o aburguesamento, alternativo perante um progresso ilimitado, mas que não tem transcendência. O problema é o da *identidade* e da *identificação*: o que nos caracteriza e nos manifesta é uma intensa experiência de Deus, que mude profundamente a nossa vida, e uma comunidade em que se comece a viver a viver com novidade de vida. «Não vos conformeis com a mentalidade deste século – escreveu s. Paulo aos Romanos –, mas transformai-vos renovando a vossa mente, para poder discernir a vontade de Deus, o que é bom, agradável a Ele. E perfeito» (Rm 12,2).

Nesta linha, desejo traçar *cinco perspectivas de futuro*, que estiveram como objeto de reflexão e de estudo por parte do P. Egídio Viganó e do P. Juan Vecchi em suas cartas, mas que são ainda campo necessitado de renovação, para introduzir-nos decididamente no novo milênio com energia e clareza de projeto.

4.1 A renovação espiritual de cada salesiano

191. A renovação espiritual exige a volta ao fundamento da nossa vocação: Deus e o seu Reino. Deus deve ser a nossa primeira “ocupação”. É ele que nos envia e nos confia os jovens, para ajudá-los a crescer até alcançarem a estatura de Cristo, o homem perfeito. Para nós, a recuperação da espiritualidade não pode estar separada da missão, se não quisermos cair no perigo da evasão. Deus nos espera nos jovens para oferecer-nos a graça de um encontro com Ele (cf. C 95; CG23, 95). É por isso inconcebível e injustificável pensar que a “missão” seja um obstáculo para o encontro com Deus e para cultivar a Sua intimidade.

4.2 A consistência da comunidade

192. A qualidade da vida de comunhão e a ação educativa e pastoral requerem uma consistência qualitativa e quantitativa da comunidade salesiana. Todas as propostas para tornar formativo o cotidiano e melhorar a qualidade da metodologia, dos conteúdos e das atividades, se deparam com as possibilidades reais da comunidade. Para nós, a vida fraterna em comunidade é um elemento da nossa consagração apostólica e, portanto, da profissão religiosa (cf. C 3 e 24), junto com o seguimento de Cristo obediente, pobre e casto, e com a missão. Ela é também o âmbito em que somos chamados a viver a experiência espiritual, a missão e os conselhos evangélicos. Não podemos, portanto, continuar com a pretensão de querer resolver todos os problemas, a expensas do carisma e da vida da comunidade.

4.3 A re-significação da presença

193. A significatividade da presença é uma exigência tanto da comunidade quanto da missão; trata-se da qualidade de ambas. No passado, quando se falava de “redimensionamento”, o acento era dirigido para o fechamento de obras ou da sua entrega aos leigos. Hoje, entretanto, enquanto se continua a afirmar que o redimensionamento é uma tarefa inevitável, se não quisermos enfraquecer as comunidades e sobrecarregar os irmãos, a insistência deve ser posta sobre a “significatividade” da presença salesiana no território. Esta não se reduz à obra ou às atividades; é antes *uma forma de ser, de trabalhar e de organizar* que busca não só a eficácia mas também dar sentido, abrir perspectivas, convocar pessoas, promover novas respostas. Trata-se de recolocar a Inspetoria onde são mais prementes as necessidades dos jovens e onde é mais fecunda a nossa presença. A nossa vida consagrada não será onipresente, nem mesmo sempre socialmente relevante, mas continuará a ser referência necessária na medida em que for sinal do Reino.

4.4 A qualidade da proposta educativo-pastoral

194. A caminhada feita até agora, pelo menos em muitos lugares, foi a de multiplicar as obras, comprometendo em não poucos casos a qualidade da nossa atividade. Privilegiou-se por vezes o aspecto organizativo de preferência ao pastoral, ou a manutenção e a construção de edifícios mais que a clareza e a seriedade do projeto educativo-pastoral. Hoje a realidade nos pede que desenvolvamos formas mais

intensas de evangelização, que nos concentremos no amadurecimento humano e na educação na fé dos jovens, que formemos os leigos, que animemos a comunidade educativo-pastoral e, junto com ela, elaboremos um projeto. Tal tarefa é já realização da significatividade.

4.5 A formação do salesiano

195. A complexidade das situações atuais, os desafios dos jovens, a exigência da nova evangelização, a tarefa da inculturação requerem uma formação capaz de habilitar o salesiano a viver com dinamismo e solidez a sua vocação, a cumprir com profissionalismo e competência a missão, a assimilar pessoalmente a identidade carismática. Para nós Dom Bosco não é só ponto de referência constante; é norma de vida; e a formação nada mais é que apropriar-nos do dom que Deus nos deu quando nos chamou. O documento sobre a formação na Vida Consagrada afirma com clareza: «A renovação dos institutos religiosos depende principalmente da formação de seus membros».⁷² Este é o maior desafio que tem diante de si a Congregação, desafio que aceitou com a edição da nova *Ratio*⁷³.

A Igreja e o Mundo precisam de pessoas que façam profissão de encarnar o interesse por Deus, que sejam uma reserva de humanismo, que se tornem um sinal poderoso, eloqüente, radical da “sequela Christi”. Era isto que o Concílio Vaticano II desejava e esperava da vida religiosa. Foi este o objetivo da Congregação durante estes 30 anos.

⁷² *Potissimum Institutioni*, 1.

⁷³ *A Formação dos Salesianos de Dom Bosco*. Princípios e Normas. *Ratio Institutionis et Studiorum*. Terceira edição, Roma, 2000, (n.15), 33.

Agora o CG25 quis dar a sua contribuição específica para alcançar esta meta, uma contribuição realista que, como já vimos, visa a reforçar a comunidade salesiana em todas as suas dinâmicas.

5. O dom das beatificações

196. «*Queridos salesianos, sede santos! É a santidade – vós bem o sabeis – a vossa tarefa essencial*». Foi com esta exortação que João Paulo II se dirigiu a nós, participantes do Capítulo Geral, recebidos em audiência na manhã de 12 de abril. A santidade é também a imposição deste Capítulo, que finda com o presente de três novos Beatos da Família Salesiana: o P. Luís Variara, o Sr. Artêmides Zatti e a Ir. Maria Romero Meneses.

É a doação alegre de si e a dedicação generosa aos mais pobres que associam estes Beatos que se acrescentam ao grupo numeroso de santos da nossa Família carismática. Não há nada que tanto atraia como o testemunho da entrega total de si sem reservas, sem medida, sem condições; não há nada que fascine tanto como o serviço aos mais pobres, aos mais humildes, aos mais necessitados. Os leprosos do P. Variara, os doentes do Sr. Zatti, as meninas abandonadas da Ir. Romero lembram imediatamente a oferecimento gratuito da vida destas três figuras, que nos são propostas como modelos. O cuidado dos mais pobres e a doação total de si se harmonizam, testemunhando assim a caridade heróica dos três novos beatos.

A santidade é o caminho mais exigente que juntos queremos realizar nas nossas comunidades; é «o dom mais precioso que podemos oferecer aos jovens» (C 25); é a meta mais alta que devemos propor com coragem a todos.

Somente num clima de santidade vivida e experimentada, terão os jovens a possibilidade de realizar escolhas corajosas de vida, de descobrir o plano de Deus sobre seu futuro, de apreciar e acolher o dom das vocações de especial consagração.

A beatificação do sr Artêmides Zatti, especialmente, evidencia a atualidade e a validade da vocação do salesiano irmão leigo. O carisma salesiano não seria o que deve ser sem sua figura. Sua presença na vida da comunidade salesiana não é um acréscimo extrínseco de uma categoria de pessoas, mas é parte imprescindível de sua fisionomia. Isto nos pede uma proposta vocacional mais convicta e uma presença mais visível desta figura na comunidade educativo-pastoral.

O fio condutor da existência do Sr. Zatti é constituído pelo seguimento de Jesus, com Dom Bosco e como Dom Bosco, em todos os lugares e sempre.⁷⁴ Isto significa que Dom Bosco o fascinou e atraiu; a exemplo de Dom Bosco, viveu a doação total de si; como Dom Bosco, escolheu ser educador: Zatti foi um enfermeiro educador. Ele viveu com unidade profunda a experiência espiritual, o trabalho profissional, a fraternidade alegre, até se tornar um reflexo de Deus com radicalidade evangélica. A luminosa figura deste salesiano coadjutor beato nos ensina os caminhos com que levar os jovens a descobrirem a beleza de tal vocação.

6. Confiados em sua Palavra, fazer-se ao mar alto

197. O episódio evangélico da pesca milagrosa, apresentado pela *Novo Millennio Ineunte* e retomado pela última

⁷⁴ Cf. ACG 376, p. 27.

Estréia do P. Vecchi, é um símbolo da retomada do nosso caminho ao findar o nosso Capítulo Geral 25.

Podemos ter experimentado também nós, às vezes, a cansaça inútil do nosso trabalho. O Senhor Jesus também hoje nos convida a “fazer-nos ao largo”, a renovar o nosso esforço de lançar a rede. A tentar novamente. Mesmo depois de o ter feito muitas vezes inutilmente. É esta a hora da coragem! É preciso fazer-se ao mar aberto, enfrentando os desafios de hoje, e é preciso rumar para as águas profundas, cultivando uma intensa experiência espiritual e fomentando a qualidade da nossa ação.

O que nos estimula a tentar novamente é a fé no Senhor Jesus: confiando em sua palavra continuaremos a lançar a nossa rede. É esta a hora da esperança! O tempo que estamos vivendo está orientado para as grandes responsabilidades que nos esperam, para a feliz aventura de ainda jogar as redes para a pesca e sentir o poder da Palavra de Deus. Estamos certos de que o Senhor Jesus saberá ainda maravilhar-nos com sua fidelidade e as suas surpresas.

Onde existem grandes desafios, é necessária a coragem e a esperança da comunidade. Os caminhos novos e as tarefas difíceis da evangelização poderão ser enfrentados por comunidades que empreendem uma radical conversão pastoral e vivem uma profunda experiência espiritual. Coragem e esperança são as expressões mais eloqüentes da profecia das nossas comunidades.

Não nos passe despercebido o fato de que no episódio evangélico o gesto gratuito da pesca surpreendente não tem outra finalidade que a de suscitar a fé e de provocar o seguimento. Diante do gesto super-abundante de Jesus e depois do convite: «*Não tenhas medo! De agora em diante serás pescador de homens*», os primeiros discípulos, puxa-

dos os barcos a terra, deixaram tudo e seguiram Jesus (cf. Lc 5,1-11). Estarão desta forma envolvidos na mesma missão e no mesmo destino de Jesus: o chamado definitivo a todos para acolherem o Reino. Os gestos surpreendentes e superabundantes de coragem e esperança das nossas comunidade provocam a resposta vocacional dos jovens; o testemunho profético da comunidade ainda hoje será capaz de suscitar jovens disponíveis a partilhar o projeto de vida de Dom Bosco: *“Da mihi animas; caetera tolle”*.

7. Com Maria nosso auxílio

198. Também em nossas comunidades, como na comunidade apostólica das origens, Maria está presente. Está em oração com os discípulos do seu Filho; vive conosco, feitos seus filhos aos pés da Cruz. Desde então, Maria está presente na Igreja com uma presença orante; reza para que os discípulos superem os fechamentos do medo, estejam atentos e prontos ao sopro do Espírito, se aventurem pelas estradas da evangelização.

Dom Bosco deixou-nos como preciosa herança a consagração confiante a Maria: Ela é o nosso Auxílio, é a Mãe da Igreja, é o auxílio dos jovens e dos pobres, é a Mãe de todos. Como o discípulo predileto, acolhamos também nós Maria em nossa casa, nas nossas comunidades. Ela nos tornará atentos às necessidades do tempo presente: «Não têm mais vinho»; e nos tornará sensíveis às exigências evangélicas: «Fazei tudo o que Ele vos disser» (Jo 2,3-5).

Maria, ajudai-nos, com a vossa intervenção materna, a voltarmos para Dom Bosco e para os jovens! Maria, nosso auxílio, rogai por nós e pelas nossas comunidades!

Índice Temático Analítico

ÍNDICE TEMÁTICO ANALÍTICO

Acompanhamento

- Acompanhamento espiritual dos SDB 31
- Acompanhamento dos jovens 37, 45, 141, 143, 146
- Acompanhamento e proposta vocacional 38, 48, 185
- Acompanhamento dos processos de mudança e na animação e governo 95, 99, 120, 121, 122, 125, 135

Animação

- Animação comunitária
- A animação da comunidade passa principalmente pela formação contínua 185
- Um novo modelo pastoral, no qual a comunidade salesiana tem uma tarefa de animação 183
- O diretor tem um papel fundamental na animação da comunidade 185
- Interessar-se por uma animação capaz de ativar processos 186
- Animação da CEP 80
- Animação dos leigos 39, 70, 79
- Animação por parte do Inspetor 65
- Animação por parte do Reitor-Mor com o seu Conselho
- como centro de unidade e animador da comunhão da comunidade em todos os níveis 87, 89
- avaliação substancialmente positiva do serviço de animação e de governo do Reitor-Mor e do seu Conselho 91
- algumas dificuldades 93, 95
- programar e avaliar as intervenções de animação 116

Articulação da Juventude Salesiana

- A Articulação da Juventude Salesiana, espaço de encontro e presença da comunidade salesiana com os jovens 41, 47, 48
- O movimento laical salesiano (*cf. Leigos*)

Assembléia comunitária

- Favorecer e promover o diálogo entre os irmãos 34, 73
- A formação permanente realiza-se mediante o funcionamento dos organismos da comunidade 73; e a participação em particulares momentos comunitários 53

Avaliação

- Esforço contínuo de avaliação em todos os níveis 14, 32, 33, 47, 74, 99, 104, 186
- Avaliar continuamente as condições fundamentais que tornam possível uma vida comunitária 32, 67
- Avaliação do Projeto de vida comunitária 61, 72, 73, 77
- Avaliação do Projeto Orgânico Inspecorial 82
- Avaliação do PEPS, envolvendo a CEP 47
- Os encontros de programação e de avaliação, como momentos privilegiados de formação permanente 56, 58
- Avaliação da celebração dos últimos Capítulos Gerais por parte do Conselho Geral 136

Capítulo Geral

- O Capítulo Geral grande ocasião de formação, discernimento, participação 149; tempo de comunhão e de trabalho profícuo 141; um campo em que muitos projetos são focalizados 152
- O Capítulo Geral 25, primeiro do terceiro milênio, seus objetivos 141, 142, 148, 155, 160, 184
- Orientação operativa sobre modalidades de desenvolvimento dos Capítulos Gerais 136, 186

Comunicação

- Necessidade e dificuldade da comunicação 7, 11, 13, 54
- A comunicação no projeto de vida comunitária 15
- A comunicação com a comunidade inspetorial e com a Congregação e a acolhida dos estímulos e orientações que delas chegam 111, 159

Comunicação social

- Favorece o crescimento do sentido de pertença 11
- A invasão dos meios de comunicação social roubam espaço ao relacionamento fraterno 12
- Educar no uso apropriado dos meios de comunicação social 33
- Colaborar com instituições eclesiais e civis 46
- Novo espaço vital de agregação dos jovens 47
- O Conselheiro para a comunicação social 133, 137

Comunhão

Cf. Comunidade, Partilha, Espiritualidade de comunhão

Comunidade educativo-pastoral (CEP)

- A comunidade salesiana, ponto de referência para a identidade carismática do núcleo animador da CEP 80, 155, 183
- Envolver eficazmente todos os irmãos na animação da CEP 34, 70, 73,79
- Coordenar a CEP e seu Conselho com a comunidade local e seu Conselho 79, 81
- A CEP como lugar privilegiado do acompanhamento da opção vocacional 48, 185

Comunidade salesiana

Nota: Toda a primeira parte dos documentos capitulares tem com sujeito e objeto primário a comunidade salesiana. Neste índice sublinham-se alguns aspectos.

- Identidade e centralidade da comunidade salesiana 8, 17, 85, 142, 155
 - A vida comunitária exprime o primado de Deus 26, 39, 38
 - A experiência espiritual da comunidade 40, 41, 47, 61, 163
- Aspecto profético da comunidade salesiana 40, 44, 47
- A comunidade local, lugar de crescimento humano e vocacional 15
- Condições que tornam possível e ajudam a vida fraterna em comunidade, 12, 13, 40, 67, 68, 69, 185
- A comunidade salesiana entre os jovens e com os jovens segundo o estilo do Sistema Preventivo 37, 39, 43, 46, 152, 155
- Vida comunitária e missão salesiana 40, 46, 66, 69, 71, 160
- A comunidade e a presença salesiana 38, 39
- A comunidade salesiana no núcleo animador da CEP 39, 70
- Relação entre comunidade e obra 71, 78
- Trabalhar com projetos 47, 65, 73
- A comunidade salesiana, proposta vocacional 45, 48
- Diversas situações de vida comunitária 68
- Consistência qualitativa e quantitativa da comunidade salesiana 12, 71, 75, 77, 84
- A comunidade inspetorial
- Sujeito da missão 66
- Promover a consciência de uma missão comum, 76

Conselhos evangélicos

- Dimensão ascética dos conselhos evangélicos 20
- Alegre testemunho individual e comunitário 28, 33
- Explicitar o valor humanizador dos conselhos evangélicos 33
 - *A obediência*
- Diálogo e fidelidade ao projeto comunitário 34, 185
 - *A castidade*
- A comunidade expressa seu amor para com Deus e a total dedicação aos jovens 23, 28, 185

- Sinal profético do Reino e proclamação da dignidade de cada pessoa 36, 135
- Programas de educação para o amor e de valorização da castidade 36
- *A pobreza*
- Valor da pobreza evangélica 23, 145, 161, 185
- Concretidade da pobreza evangélica 28, 35

Conselho/Conselheiros

- *Conselho Geral* (Cf. também Reitor-Mor)
- Papel do Conselho Geral na Congregação 87, 88, 107
- Diálogo entre Conselho Geral e Inspetor e Regiões 94, 98, 100, 106
- Proceder sempre com projetos, prevendo processos e avaliações 77, 79, 104, 186
- Promover um processo de avaliação nas Inspetorias e Regiões para recolocar a presença salesiana 77
- Limitação da duração no cargo dos membros do Conselho Geral 132
- *Conselheiros de setor*
- A articulação do Conselho em Conselheiros de setor e Conselheiros regionais, considerada substancialmente positiva para a animação e o governo da Congregação 87
- O serviço de animação dos Conselheiros de setor 108, 109, 110
- Presença e proximidade dos Conselheiros de setor nas Inspetorias 102, 104
- Departamentos técnicos e consultas a serviço do Conselheiro 116
- Deliberação sobre a atribuição da Família Salesiana ao Vigário do RM e da constituição de um Conselheiro específico para a Comunicação social 133
- *Conselheiros regionais*
- A articulação do Conselho em Conselheiros de setor e Conselheiros regionais, considerada substancialmente positiva para a anima-

- ção e o governo da Congregação 87
- Boa aceitação da figura do Conselheiro regional 118, 119
 - Organização das Inspetorias da Europa 129
 - Configuração dos grupos de Inspetorias (Regiões) para o sexênio 130
 - *Conselho inspetorial* (Cf. também Inspetoria)
 - Encargos confiados ao Inspetor e seu Conselho 16, 60, 75, 77, 84
 - *Conselho local*
 - Promover o diálogo na comunidade mediante encontros de Conselho 34, 74
 - Lugar de formação permanente 76
 - Coordenar entre si a CEP e o seu Conselho com a comunidade local e o seu Conselho 81

Consistência quantitativa e qualitativa

- Condição prévia para a vida fraterna, o testemunho evangélico e a presença entre os jovens 71, 75, 77, 185, 192
- O Inspetor e o seu Conselho avaliam a consistência qualitativa e quantitativa das comunidades 77, 84

Contexto

- Atenção aos contextos 3, 22, 53, 187, 188, 189
- Resposta salesiana aos contextos 44, 47, 57, 84, 187

Co-responsabilidade

- Crescer em maior co-responsabilidade para mais eficaz partilha da missão 39, 46, 83, 159
- Favorecer a co-responsabilidade de cada irmão 73, 74
- Co-responsabilidade na animação da CEP 79, 80, 163

Correção fraterna

- A comunidade constrói-se com a correção fraterna 14, 15, 54, 85

Constituições

- Modificações de artigos das Constituições: cf. *Deliberações*

Crescimento

- *Crescimento humano, vocacional*

- A comunidade local, lugar de crescimento humano e vocacional 13, 15, 49, 163, 166, 185
- Responsabilidade de cada irmão 53, 54
- O diretor, ponto de referência e animador do crescimento vocacional 52
- A CEP, lugar de crescimento vocacional do jovem 41, 48

- *Crescimento pessoal*

- Estimulado pela própria vida comunitária 13, 185
- Diversas áreas de crescimento pessoal 47, 57

- *Crescimento comunitário*

- Conexão estreita entre amadurecimento de cada um e da comunidade 10
- Favorecer o crescimento da identidade religiosa mediante os momentos comunitários de partilha, da “lectio divina”, do acompanhamento... 54, 58, 61
- Criar um ambiente sereno e alegre de fraternidade 36, 49, 159

Cristo

Cf. Jesus Cristo

Deliberações (modificações nas Constituições e Regulamentos – orientações operativas)

- Limitação da duração no cargo do Reitor-Mor (Const. 128) 131
- Limitação da duração no cargo dos membros do Conselho Geral (Const. 142) 132
- Atribuição do setor da Família Salesiana ao Vigário do Reitor-Mor e constituição do Conselheiro para a Comunicação social (Const. 122. 124. 137) 133

- Modificação do art. 24 dos Regulamentos Gerais 134
- Divisão do Grupo de Inspetorias Austrália-Ásia 135
- Orientação operativa sobre modalidades de desenvolvimento dos Capítulos Gerais 136

Deus

- Primado de Deus 22, 30, 31, 185, 190
- Deus nos chama a viver em comunidade 5, 9, 17, 49, 66, 85
- A resposta ao dom de Deus 25, 31, 37, 86, 191
- A doação total a Deus e aos jovens 21, 23, 24, 37
- A nossa vida fraterna, testemunho e sinal profético do Reino de Deus 7, 18, 25, 36, 47, 66; com o esplendor da castidade 36

Diálogo

- Diálogo e comunicação interpessoal
- Disponibilidade ao diálogo favorecendo a participação de todos 13, 15, 53, 54, 65, 73
- Diálogo comunitário como caminho de busca da vontade de Deus 24, 32, 34, 74
- O diálogo como instrumento de formação permanente 51, 56
- Diálogo com os jovens e sua cultura 46, 48, 81, 85
- Diálogo entre o centro e inspetorias 97, 100, 108, 144
- Diálogo intercultural e inter-religioso 3, 44, 46, 188

Dia da comunidade

- O “Dia da comunidade” valorizado e vivido com criatividade 11, 15, 53, 58, 61, 62

Diretor

- O diretor, centro de unidade, guia pastoral e animador da fidelidade vocacional 52, 63, 64
- Desafios à sua missão 54, 63

- Escolha e formação dos diretores 53, 64, 65
- O diretor e o colóquio fraterno 34, 54, 62, 65
- Relação diretor—inspetor 53, 65, 74
- Animar responsabilizando todos os irmãos, 185; de maneira especial o Vigário e o Conselho, 65, 74

Discernimento

- Discernimento comunitário à luz da Palavra de Deus e das Constituições 13, 15, 32, 44, 73, 81, 185
- Discernimento vocacional 48

Dom Bosco

- A missão de Dom Bosco 4, 37, 71, 149, 180
- Iniciou em Valdocco uma experiência de família 7, 20, 151, 156
- Seguindo o exemplo de Dom Bosco 21, 37, 141, 144, 178, que é para nós Pai, Modelo e Mestre, 49, 179, 195
- Dom Bosco, o presente mais bonito que Deus nos fez: caminho seguro para a realização humana e para a seguimento de Cristo 179
- A comunidade fraterna e apostólica inspirada no critério oratoriano de Dom Bosco 46 ss

Educação

- Verificar a assimilação das orientações do CG23 a respeito da educação integral dos jovens 37, 47
- Oferecer respostas de qualidade educativa e evangelizadora aos desafios do mundo juvenil 84, 140, 141, 151, 157
- Programas de educação no amor e de valorização da castidade 36
- Atenção aos processos educativos mais que às atividades 37, 157
- Colaboração com instituições eclesiais e civis no campo da educação 46
- O diretor orientador dos empenhos de educação 64

Equipe

- Mentalidade de trabalho em equipe 29, 47, 48, 57

Espírito de família

- Vivendo o espírito de família, a comunidade salesiana torna-se ponto de referência para a identidade carismática da CEP 80, 85, 144
- Viver em espírito de família o serviço da autoridade 23

Espírito Santo

- Dom Bosco, movido pelo Espírito 7
- Com a força do Espírito Santo sigamos o Senhor Jesus 17, 85
- A comunidade, dom do Espírito Santo 1, 24, 152
- A comunidade favorece uma profunda vida no Espírito 34

Espiritualidade de comunhão (*cf. também Comunidade*)

- Animar uma comunidade a uma espiritualidade de comunhão 58, 163, 188
- Ser casa e escola de comunhão 1, 37, 86, 144, 166
- Tornar-se centro de animação e comunhão na Família Salesiana e no vasto Movimento que se inspira em Dom Bosco 6, 7, 8
- Presença que acolhe e constrói comunhão, mediante uma verdadeira interação na gestão dos problemas 46, 98

Espiritualidade salesiana

- Consciência clara da espiritualidade salesiana que alimenta o empenho da fraternidade 11, 26, 60; renovação espiritual dos salesianos 191
- Revisão de vida sobre os elementos essenciais da espiritualidade salesiana 31
- Viver a espiritualidade salesiana entre os jovens e os leigos 46, 138, 162; uma proposta de vida cristã: a Espiritualidade Juvenil Salesiana 183

Estruturas (de animação e de governo)

- A avaliação das estruturas de animação e de governo central feita pelo CG25: cf. *segunda parte* 87-130
- As estruturas a serviço dos jovens, sobretudo dos mais pobres 35, 37, 44, 46, 186, 194
- Harmonizar a relação entre as estruturas de governo da comunidade religiosa e as estruturas de governo da obra, evitando sobreposições 79
- Reorganizar as estruturas que funcionam na Casa Geral 113

Estudo

- Equilíbrio entre compromissos de trabalho, exigências de vida comunitária, tempos de oração, de estudo e de descanso 32, 54, 58
- O Conselho Geral promova e guie a reflexão das Inspetorias e das Regiões 98
- A falta de estudos e projetos interdisciplinares entre os vários Setores pode dificultar a compreensão plena da condição juvenil 112, 115

Experiência espiritual

- Viver uma intensa experiência espiritual na comunidade 30, 31, 40, 192, 197
- Propor aos jovens ambientes e experiências de forte carga espiritual 47, 48

***Eucaristia* (Celebrações)**

- Fundamento da vida comunitária e fonte de vida espiritual 1, 19, 31, 61, 142, 166
- A Eucaristia cotidiana 32, 54

Evangelização

- A comunidade e seu testemunho como elemento decisivo na evangelização 155, 170, 197

- Presença que educa e evangeliza envolvendo a CEP 40, 44, 47, 162, 183
- Formar-se para a evangelização nos novos contextos 47, 81, 84, 194, 197
- Os jovens mais maduros, protagonistas da evangelização dos contemporâneos 47

Família Salesiana (FS)

- A comunidade salesiana centro de animação e de comunhão na Família Salesiana e no vasto Movimento que se inspira em Dom Bosco 6, 37, 43, 84, 133, 138
- Co-responsabilidade na missão, promovendo a colaboração com os vários grupos da Família Salesiana 39, 43, 46, 48, 70, 138
- Tornar-se escola de oração para si mesma, para os jovens, para os membros da Família Salesiana e os colaboradores leigos 31
- Atenção à pastoral vocacional na Família Salesiana 41, 84
- Formação permanente da Família salesiana 60
- Mensagem do CG25 à Família Salesiana 138

Fé

- Visão e motivação de fé 12, 20, 41, 54, 151, 152
- Comunicação da experiência de fé 31, 37, 85, 86
- Síntese fé, cultura e vida 44
- A CEP, comunidade de fé 48

Formação

- Formação inicial
- Atenção aos irmãos jovens e em formação inicial 54, 60
- Habilitar os irmãos em formação inicial para adquirir convicções e atitudes necessárias para a formação permanente 56, 60
- A primeira tarefa do diretor 64
- Formação permanente 195

- A comunidade salesiana, lugar privilegiado de formação permanente 55, 56, 58, 159
- Instrumentos de formação: a programação, as bibliotecas... 60, 61
- Algumas áreas importantes de formação 57
- Formação de SDB e leigos juntos, mediante processos adequados que promovam a partilha de critérios e objetivos e o sentido orgânico da nossa ação 26, 46, 50, 60, 138, 157
- Empenho da comunidade salesiana na formação dos leigos na CEP 39, 50, 60
- Formação do diretor: cf. *diretor*

Graça de unidade

- Viver a graça de unidade 24, 26, 30, 32, 184, 185

Irmãos

- Irmãos idosos, doentes 12, 60
- Irmãos jovens e em formação
- Presença dos irmãos jovens na pastoral vocacional 48
- Atenção aos irmãos jovens na formação inicial 54, 56, 60
- A primeira tarefa do diretor 64

Identidade carismática

- Crescimento na identidade carismática 14, 20, 26, 88, 142, 158, 190
- A identidade vocacional cristã e salesiana como centro da formação permanente 14, 50, 57, 58, 179
- O diretor como servidor da unidade e da identidade salesiana 64
- A comunidade salesiana como ponto de referência para a identidade carismática do núcleo animador da CEP 39, 43, 70, 71, 78, 79, 80
- O Conselho Geral acompanhe o processo de inculturação garantindo a fidelidade carismática 88, 94

Igreja

- A nossa vocação na Igreja 2, 3, 41, 158, 163, 168; fidelidade à Igreja 146, 147
- A comunidade como experiência de Igreja 19,48; fazer da Igreja casa e escola de comunhão 144, 191, 188
- Compartilhamos o espírito e a missão de Dom Bosco na Igreja local e no território 37, 68, 150, 153, 195
- Estudar e confrontar-se com o Magistério da Igreja, especialmente com a sua doutrina social 53, 73, 147

Inspetoria/Inspetor

- Responsabilidade do Inspetor com o seu Conselho na aplicação do CG25:
- Promover autêntica partilha de bens 35
- Estabelecer normas de conduta em relação à prática da castidade 36
- Elaborar, através da Comissão inspetorial para a formação o programa anual para a formação permanente 60
- Elaborar o projeto inspetorial para a qualificação do pessoal 60
- Promover a formação dos diretores 65
- Elaborar o Projeto Orgânico Inspetorial 82, 83, 84
- Sugerir modalidades e subsídios para a elaboração do projeto de vida pessoal e o projeto de vida comunitária 16, 74
- Relação do Reitor-Mor e Conselheiros com as Inspetorias 91, 98, 102, 106, 114
- Organização dos Grupos de Inspetorias 126-130; divisão do grupo Austrália-Ásia 135

Jesus Cristo

- A comunhão fraterna é dom do Pai em Cristo Jesus 8, 49, 85
- Caminho comunitário e pessoal de seguimento de Cristo 17, 23, 25, 30, 33, 35, 37; toda comunidade é chamada a “partir de Cristo” 188

- A fé em Cristo une a comunidade e a torna alegre e profética 157
- Testemunho comunitário da seguimento radical de Cristo 33, 184, 195

Jovens (*cf. também Presença*)

- Situação do mundo juvenil: conhecê-la e partilhá-la 3, 57, 85, 112, 150, 157, 187
- Atenção aos jovens mais pobres e em dificuldade 35, 39, 46, 47, 84, 103, 140; educar para a solidariedade e a justiça 44, 47, 48
- Uma comunidade *para* os jovens e *com* os jovens 6, 7, 19, 21, 37, 46, 137, 139, 146, 147, 151, 185; que se torna sinal evangélico para eles 23, 36, 37, 40, 84, 85, 166
- Tornar visível a comunidade salesiana entre os jovens, partilhando alguns momentos, com qualidade de presença 43, 46, 48, 68, 69
- Evangelização dos jovens, partilhando com eles experiências de espiritualidade salesiana 22, 30, 31, 40, 44, 46, 47, 146, 162, 194; com uma metodologia adequada 47; dom da santidade para os jovens 170, 191, 196
- Acompanhamento e formação dos jovens nos grupos e na AJS 41, 47, 48, 80, 141, 146, 167
- Proposta vocacional para os jovens 41, 45, 48, 152, 197
- Os próprios jovens co-responsáveis da missão 46
- Os jovens irmãos 48, 54, 137
- Mensagem do CG25 aos jovens 139
- Apelo para salvar os jovens do mundo 140

Leigos

- Partilha da vida fraterna com jovens e leigos 11, 46, 68
- Partilha da experiência espiritual com os leigos e os jovens 30, 31, 46; a comunidade salesiana, escola de oração para os jovens e para os leigos 61
- Envolvimento dos leigos na missão e na animação da CEP 37, 39, 79, 80, 84, 142

Marginalização

Cf. pobres

Maria (*Maria Auxiliadora*)

- A comunidade, a exemplo de Maria, empenha-se em colocar a Deus como centro unificador do seu ser 21, 31, 181
- Tendo Maria como Mãe e Mestre, procuramos com confiança um projeto educativo pastoral comum 37
- cremos que a comunidade salesiana é guiada e amparada pela presença materna de Maria Auxiliadora, 85, 164, 198
- “A Virgem Santíssima, que venerais com o título de Maria Auxiliadora, guie vossos passos e vos proteja em toda a parte” 171

Mentalidade de projeto (cf. também *Projeto comunitário*)

- Agir com uma mentalidade de projeto 73, 90, 97, 99
- A programação comunitária, momento forte de formação no dia-a-dia 56, 58, 62
- A programação do sexênio do Reitor-Mor com o seu Conselho 90, 104, 115

Movimento Salesiano (cf. *Articulação da Juventude Salesiana*)

Oração

• *Oração pessoal*

- Dificuldades 54
- Prioridade dos tempos de oração, de reflexão pessoal e de retiro 58, 62, 162
- A “lectio divina” 61

• *Oração comunitária*

- Reconheçamos estar unidos pela escuta da palavra de Deus, pela oração comum 1

- Momentos específicos de oração comunitária 15, 18, 26, 31, 58, 185; fonte de formação espiritual 61
- A qualidade da oração comunitária para tornar-se escola de oração para a própria comunidade, para os jovens e para os membros da Família Salesiana e colaboradores leigos 31, 144, 159
- Oração comunitária com os jovens 46, 47, 48

• *Oração e trabalho*

- Gestão equilibrada dos tempos de trabalho, de vida comunitária e de oração 26, 27, 30, 54
- Avaliação periódica do equilíbrio entre compromissos de trabalho, exigências de vida comunitária, tempos de oração, de estudo e de repouso 32, 54

Papa (João Paulo II)

- Chamados a acolher o convite do Papa para anunciar Cristo, especialmente aos jovens, como modelo perene de nova humanidade 3, 148, 162, 188
- Mensagem de João Paulo II para o início do CG25 141-146
- Mensagem de João Paulo II na Audiência com os Capitulares 169-171

Palavra de Deus

- Centralidade da Palavra de Deus na vida comunitária e pessoal 11, 14, 31, 151, 197
- Favorecer a “lectio divina” entre os irmãos e entre os jovens 47, 61, 73, 185

Participação (cf. também Co-responsabilidade)

- Construir comunidade mediante a participação na vida e na missão comum 8, 15, 37, 43, 53, 68, 81, 157, 159, 163, 185
- O diálogo fraterno facilita a participação de todos, harmonizando o projeto pessoal de vida e o comunitário 74

- Os jovens mais maduros protagonistas da evangelização de seus contemporâneos 47

Partilha

- Partilha da vida
- Testemunho e disponibilidade à partilha 8, 11, 14, 18
- O desafio da partilha da vida e missão 13, 71
- Partilha da experiência espiritual 31, 61, 185
- Partilha dos bens com os pobres e o povo 35, 47, 68
- Partilha da missão
- Colaboração e partilha na CEP 39, 46, 58, 138
- Partilha da programação sexenal 102
- Favorecer no Capítulo Geral a partilha de experiências significativas 136

Perdão *(cf. também Correção fraterna)*

- Fonte fundamental de formação espiritual 31, 54, 61, 144
- Propor aos jovens e viver com eles momentos de intensa experiência espiritual: Eucaristia, Reconciliação, “lectio divina”, oração, encontros, retiros 47, 48

Pobres *(cf. também Jovens)*

- Comunidade salesiana entre os pobres 6, 22, 23, 35, 46, 84, 96
- Atenção positiva às novas e antigas pobreza juvenis 35, 39, 44, 103, 112, 140, 166, 187
- Assumir um estilo de vida mais simples e austero na acolhida e partilha com os pobres 28, 47, 161
- Educar para a justiça e solidariedade os jovens, tanto os que vivem em contextos de pobreza como os que vivem em contextos de bem-estar 44, 47, 185
- Promover a paz e a justiça com respostas concretas às necessidades dos pobres 80

- Apelo para salvar os jovens do mundo (nas situações de pobreza, marginalização, violação de sua dignidade) 140

Presença (*cf. também Jovens*)

- A presença salesiana
- uma realidade dinâmica, rede de relações, conjunto de projetos e processos, ativados pela caridade pastoral e realizados com os jovens, os leigos e a Família Salesiana 42
- a comunidade torna visível a presença salesiana, anima-a e promove-lhe o crescimento 38
- mas o sujeito de tal presença não é exclusivamente a comunidade salesiana 42
- Renovar a qualidade da presença da comunidade salesiana entre os jovens 44, 45, 46, 47, 48, 139, 145, 162, 193
- Presença dos SDB na Comunidade educativo-pastoral (CEP) e na Família Salesiana 4, 14, 43
- Presença animadora no território e nas Instituições em que se estuda a condição juvenil 43, 46, 97
- Critério de presença é o critério oratoriano e o Sistema Preventivo 37, 39, 46

Profecia (*presença profética*)

- A Comunidade salesiana é chamada a tornar-se anúncio profético do amor de Deus e dos valores do Reino entre os jovens que vivem em contextos de secularização 19, 25, 30, 40, 44, 47, 66, 197
- Sinais proféticos através da austeridade e um modo de vida simples, que proclame o valor e dignidade de cada pessoa 35, 36
- Prioridade das presenças mais significativas e proféticas como uma autêntica expressão da missão salesiana no território 83, 84

Projeto

• *Projeto comunitário*

- Natureza do projeto comunitário: garantir a unidade da ação, a convergência dos critérios, a harmonia entre as pessoas... 46, 72, 73
- o processo de elaboração que compromete toda a comunidade nos seus diversos componentes 13, 61, 64, 73, 74
- Harmonizar o projeto pessoal de vida e o comunitário 31, 74
- O projeto comunitário em sintonia com o Projeto Orgânico Inspetorial e com o PEPS de cada CEP 64, 78

• *Projeto Orgânico Inspetorial (POI)*

- Natureza do Projeto Orgânico Inspetorial 82
- Os seus objetivos 83
- Critérios para a sua elaboração 84

• *Projeto pessoal (plano pessoal)*

- O irmão, como primeiro responsável pela própria formação, valoriz o “Projeto pessoal de vida salesiana” 14, 56
- Subsídios para elaborar o “Projeto pessoal de vida salesiana” 16
- Integração entre o projeto pessoal e o comunitário, cuidando de sua inter-relação e partilha 31, 744
- Argumento do colóquio com o diretor 62

• *Projeto educativo pastoral (PEPS)*

- Viver a obediência envolvendo todos os irmãos no núcleo animador da CEP e na elaboração e aplicação do PEPS 34
- Tornar-se fermento de comunhão entre os jovens e os leigos, projetando e avaliando o PEPS, segundo uma metodologia que favoreça a co-responsabilidade de quantos partilham a missão educativa 39, 46, 159, 194

Proposta vocacional

- Presença que acompanha e se torna proposta vocacional no estilo

- da assistência salesiana 37, 41, 45, 48, 144, 196
- Metodologia do acompanhamento e da proposta vocacional 48, 185

Reitor-Mor (cf. também Conselho Geral)

- O serviço de unidade do Reitor-Mor 91
- Programação do Reitor-Mor para o sexênio 90, 104, 186
- As cartas circulares do Reitor-Mor 92, 93, 101
- Limitação da duração do Reitor-Mor no cargo 131

Relação comunidade – obra (comunidade – CEP)

- A relação entre Comunidade e Obra deve permitir à comunidade salesiana viver e trabalhar em conjunto 69, 71, 78
- Harmonizar a relação entre as estruturas de governo da comunidade religiosa e as estruturas de governo da obra, evitando sobreposições 79

Relações interpessoais

- Viver relações interpessoais de qualidade 9, 11, 136
- Atenção especial à área afetiva e à capacidade de relações interpessoais 60

Retiros

- Momentos específicos da vida comunitária 15, 53, 62
- Momentos de intensa experiência espiritual com os jovens 47

Salesianos

Nota: Todo o texto capitular é rico de referências ao salesiano e aos salesianos, aos quais é especificamente dirigido. Neste índice apresentam-se apenas alguns elementos referentes à vocação do salesiano coadjutor, que o Capítulo quis ressaltar.

Salesiano Coadjutor

- Testemunhar em comunidade o valor da vocação do salesiano sacerdote e do salesiano coadjutor 48
- Em Artêmidés Zatti são colocados em evidência o valor e a atualidade do papel do salesiano coadjutor 143, 196
- Tornar operativo em todas as Inspetorias o empenho renovado, extraordinário e específico relativamente à vocação do salesiano coadjutor, especialmente na pastoral juvenil e na Família Salesiana 137, 138, 196
- Cuidado dos coadjutores assim que terminam a formação inicial 60
- Mensagem do CG25 a irmãos salesianos, com referência à vocação do salesiano coadjutor, por ocasião da beatificação de Artêmidés Zatti 137

Santidade

- O Sistema Preventivo como escola de santidade e fraternidade 6, 57, 143, 188
- Viver em profundidade a própria vocação à santidade no espírito de Dom Bosco 1, 52, 86, 170
- Santidade e comunhão: são os dons que queremos partilhar com os jovens 86, 143, 168, 196
- Modelos de santidade 138, 154, 168
- Apelo do Papa para ser santos, educadores dos jovens na santidade 143, 170, 188

Significatividade

- Aspectos que influenciam a significatividade do nosso “viver e trabalhar juntos” 69, 159
- No Projeto Orgânico Inspetorial avalie-se a significatividade da missão 84
- Presença mais significativa e eficaz do Reitor-Mor e Conselho nas Inspetorias 98

- A Família Salesiana, um campo de ação significativo entre as prioridades apostólicas da nossa missão 133
- Recolocar a Inspetoria onde mais prementes forem as necessidades dos jovens e mais fecunda a nossa presença 193

Sistema Preventivo de Dom Bosco

- O Sistema Preventivo de Dom Bosco conserva ainda hoje sua validade 6, 85
- O espírito de família, vivido segundo o Sistema Preventivo 9
- O conhecimento e a prática do Sistema Preventivo de Dom Bosco, também entre os leigos, como caminho de santidade salesiana 14, 26, 57
- Com a prática do Sistema Preventivo tornamo-nos capazes de ser hoje uma proposta significativa na educação dos jovens 138
- O sistema Preventivo (a pedagogia de Dom Bosco) é um grande tesouro para os Filhos de Dom Bosco 153; em seu centro, a caridade 151

Solidariedade (*cf. também Pobres*)

- Testemunho evangélico na comunhão dos bens 23, 28
- Fazer da solidariedade um princípio regulador do próprio viver e agir 35, 44, 186
- Promover a cultura da solidariedade 161
- Oferecer aos jovens propostas de qualidade para educá-los na justiça e na solidariedade 47

Território (*Cf. também Contexto*)

- Inserir-se ativamente no território como presença animadora e de transformação 37, 43, 46, 81, 84, 183
- Conhecimento das situações e urgências do território e permanente diálogo e colaboração com ele 82, 83

Testemunho

- O testemunho cotidiano pessoal e comunitário de plenitude de vida e de felicidade na seguimento radical de Cristo torna-se para os jovens uma forte proposta vocacional 19, 20, 28, 33, 36, 48, 138, 155, 157, 189
- Dificuldade para tornar legível o testemunho 19, 30
- Testemunhar em comunidade a vocação do salesiano sacerdote e do salesiano coadjutor de maneira visível, alegre e atraente 48
- A consistência qualitativa e quantitativa da comunidade salesiana é condição fundamenta para que todas as comunidades tornem possível a experiência de vida fraterna, de testemunho evangélico 75, 192

Trabalho (cf. também *Oração*)

- Gestão equilibrada dos tempos de trabalho em comunidade 26, 27, 32, 44, 68
- Trabalhar em equipe com mentalidade de projeto 47, 57, 69, 71, 72, 81
- Imprimir no trabalho uma constante carga de amor evangélico 170; com o esforço para viver a graça de unidade, harmonizando vida fraterna, oração e trabalho 26, 30, 32

Vigário do Reitor-Mor

- Modificação do art. 134 das Constituições sobre a figura e papel do Vigário do Reitor-Mor; atribuição ao Vigário do RM da tarefa de animar a Congregação no setor da Família salesiana 133
- Limitação da duração no cargo dos membros do Conselho geral, também do Vigário do RM 132
- Empenho do Vigário do RM na coordenação entre setores e Regionais 115

Visita de conjunto

- Avaliação positiva 91
- Avaliar as conclusões das Visitas de conjunto 99

Visita extraordinária

- A Visita extraordinária é vista como oportunidade para a Inspeção avaliar e renovar seu caminho 91, 119
- Avaliar as indicações da Visita extraordinária, particularmente quanto ao empenho de inculturação 99
- Dificuldade do Regional de encontrar um equilíbrio entre o tempo passado nas Visitas extraordinárias e os outros compromissos 121
- Maneiras diversas de realizá-la 125

Vida consagrada

- Novos contextos em que hoje se insere a vida consagrada 158, 166
- O vasto movimento de refundação da vida consagrada 2, 51, 189

Vida fraterna

Cf. Comunidade

Vocação

- Tomar consciência da nossa vocação 1, 2, 4, 6, 37
- A comunidade salesiana, primeiro lugar de crescimento vocacional 41, 48
- Testemunhar em comunidade a vocação do salesiano sacerdote e do salesiano coadjutor 48, 137, 196
- Ser presença que acompanha e se torna proposta vocacional 41, 48
- A comunidade salesiana vive a sua vocação como ponto de referência para a identidade carismática do núcleo animador da CEP 80, 163
- O diretor como animador da fidelidade e crescimento vocacional dos irmãos e dos colaboradores leigos 52.